

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

TERÇA-FEIRA
20 DE ABRIL DE 2004
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO Nº112



ABRIL... SEMPRE!

A_REVOLUCAO_PASSA_PELA_INTERNET

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

SUMÁRIO

Destaque	2	Reportagem	12
Opinião	4	Ciência	14
Academia	6	Desporto	15
Universidade	7	Cultura	17
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	9	Agenda	22
Internacional	10	Vinte&três	23

“Houve uma atitude de não levar em conta o CRUP”

Presidente do CRUP defende maior autonomia universitária

“Há muita gente no poder político que não vê com bons olhos a autonomia universitária”, afirma o presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Adriano Pimpão

Emanuel Graça

Crítico em relação à actual lei de financiamento, o presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), Adriano Pimpão, considera que este diploma aponta para que as instituições do ensino superior “se tornem mais em lojas de cursos do que em universidades”. O reitor da Universidade do Algarve aproveita ainda para apontar o dedo a Pedro Lynce, ex-ministro da Ciência e do Ensino Superior, acusando-o de autismo e falta de diálogo, e faz uma revelação inédita: os reitores portugueses chegaram a pensar realizar uma demissão colectiva, em sinal de protesto contra as medidas governamentais para o sector do ensino superior.

Que balanço faz dos três anos em que está à frente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP)?

Foi um período que coincidiu com uma deterioração das condições de funcionamento das universidades. Nos últimos dois anos, assistimos a uma política de quase destruição daquilo que era a imagem das universidades portuguesas, nomeadamente as universidades públicas, quase uma política de terra queimada, independentemente das instituições. Assistiu-se, durante muito tempo, a dizer-se mal das universidades portuguesas e a quase oficialmente alimentar esse tipo de política. Por um lado, os governos não deram a relevância nem atribuíram as responsabilidades que as universidades deviam ter na modernização da sociedade portuguesa e na melhoria da competitividade da sua economia. Por outro lado, também houve um desinvestimento no ensino superior público. Por fim, ocorreu ainda uma diminuição do número de candidatos ao ensino superior. Apesar



“A autonomia universitária não é as universidades estarem fora dos esquemas de controlo”, afirma Adriano Pimpão

disso, as universidades mantiveram um grande esforço de melhoria da qualidade do ensino e da investigação. No entanto, posso dizer, e isso talvez seja novidade, que há cerca de dois

anos atrás, o CRUP reflectiu sobre a possibilidade de uma demissão em bloco. No entanto, considerou-se que isso poderia ser interpretado como um abandono num momento mais difícil.

Ou seja, é um balanço negativo...

É um balanço de algum pessimismo, especialmente durante os dois últimos anos. É um balanço mais positivo de alguns meses para cá, com aquilo que temos visto de atitude e políticas anunciadas por parte do MCES, que nos permite ter uma atitude mais optimista em relação ao futuro. Agora, teremos que ser cautelosos e aguardar pelos próximos meses.

Como define a actuação do CRUP? O reitor da Universidade

de Coimbra, Seabra Santos, afirmava recentemente que este é um “órgão sem poder”, que apenas fazia “sugestões” de coordenação.

O problema é que a lei assim o define. O CRUP só pode tomar atitudes de sugestão, de recomendação, de coordenação, porque cada universidade tem autonomia para depois tomar as suas próprias deliberações.

O certo é que o CRUP aprova medidas que muitas vezes não são seguidas pelos reitores. O caso das propinas é paradigmático, com o CRUP a recomendar a propina mínima e a maioria das universidades a estabelecer outros valores.

Aí está - nos termos legais, não há uma decisão que seja vinculativa. Mas

O reitor dos reitores

Adriano Pimpão é actualmente o homem forte das universidades públicas portuguesas. Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) desde 2001, cujo mandato renovou este ano e que deve manter até 2006 (altura em que abandona a liderança da Universidade do Algarve, por ter alcançado o limite de mandatos, e consequentemente, a liderança do CRUP), Adriano Pimpão afirma-se um homem de consensos.

Licenciado em Finanças, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (actual Instituto Superior de Economia e Gestão), em Lisboa, Adriano Pimpão teve então como professores o ex-primeiro-ministro Cavaco Silva e a actual titular da pasta das Finanças, Ferreira Leite. Entre os seus colegas de turma, destacam-se o actual secretário-geral do PS, Ferro Rodrigues e o ex-ministro das Finanças laranja Miguel Beleza.

Após terminar o curso, em 1972, Adriano Pimpão começa a dar aulas de Económicas, doutorando-se posteriormente em Economia, na Universidade Técnica. No seu percurso como docente conta-se uma passagem pela Universidade de Coimbra, onde leccionou cadeiras de Gestão Financeira, Economia Industrial e Planeamento.

Em 1995, Adriano Pimpão chega ao Governo, pela mão de António Cravinho, integrando o executivo do socialista António Guterres. No entanto, o então secretário de Estado do Desenvolvimento Regional mantém-se apenas dois anos no cargo, e em 1997, decide candidatar-se a reitor da Universidade do Algarve, renovando o seu mandato em Março de 2002.

De resto, no seu currículo contam-se ainda algumas experiências no mundo empresarial. Começou na Companhia Nacional de Petroquímica e foi consultor no grupo Sonae, onde está ligado ao lançamento das grandes superfícies comerciais em Portugal.

eu, como presidente do CRUP, não posso dizer que tenha havido por parte das universidades posições muito divergentes em relação aquilo que foi acordado no CRUP. Não sinto isso. E também não sinto outra coisa, muitas vezes referida: que as recomendações ou pareceres que nós enviamos para o ministério não sejam tomados em conta.

Considera que o CRUP tem sido essencial no delinear da política para o ensino superior nacional?

Houve um período, o período que coincidiu com o primeiro titular do ministério durante o actual Governo, em que pura e simplesmente houve uma atitude de não levar em conta o CRUP, mas julgo que neste momento

CRUP à lupa

O Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), criado em 1979, procura assegurar a coordenação e representação das universidades nele representadas, sem prejuízo da sua autonomia individual. Tem também como funções colaborar na formulação das políticas nacionais de educação, ciência e cultura. Por fim, o CRUP deve ainda pronunciar-se sobre os projectos legislativos que digam directamente respeito ao ensino superior público.

O CRUP mantém contactos permanentes com as universidades e com os órgãos de soberania, estabelecendo ainda ligações com outros parceiros relevantes, tendo em vista procurar definir o pensamento e posições comuns das universidades, funcionando como seu porta-voz.

isso já não acontece. Nessa altura, houve sempre por parte do ministério uma atitude de grande conflito em relação às posições das universidades e de até alguma hostilidade em relação às universidades públicas. O país perdeu com isso. Tivemos dois anos de paragem no desenvolvimento das instituições universitárias.

Como classifica o trabalho da actual responsável pelo MCES, Maria da Graça Carvalho?

Tem uma atitude muito mais positiva, mas que não deixa de ser menos exigente. Toma as decisões que entende tomar, mas há uma atitude de abertura em relação às instituições, de trabalhar em conjunto na definição das políticas para o ensino superior.

Cumprir a lei de financiamento

Definiu como uma das prioridades para o seu novo mandato à frente do CRUP o repensar da Lei de Financiamento do Ensino Superior. Em que ponto é que está essa batalha?

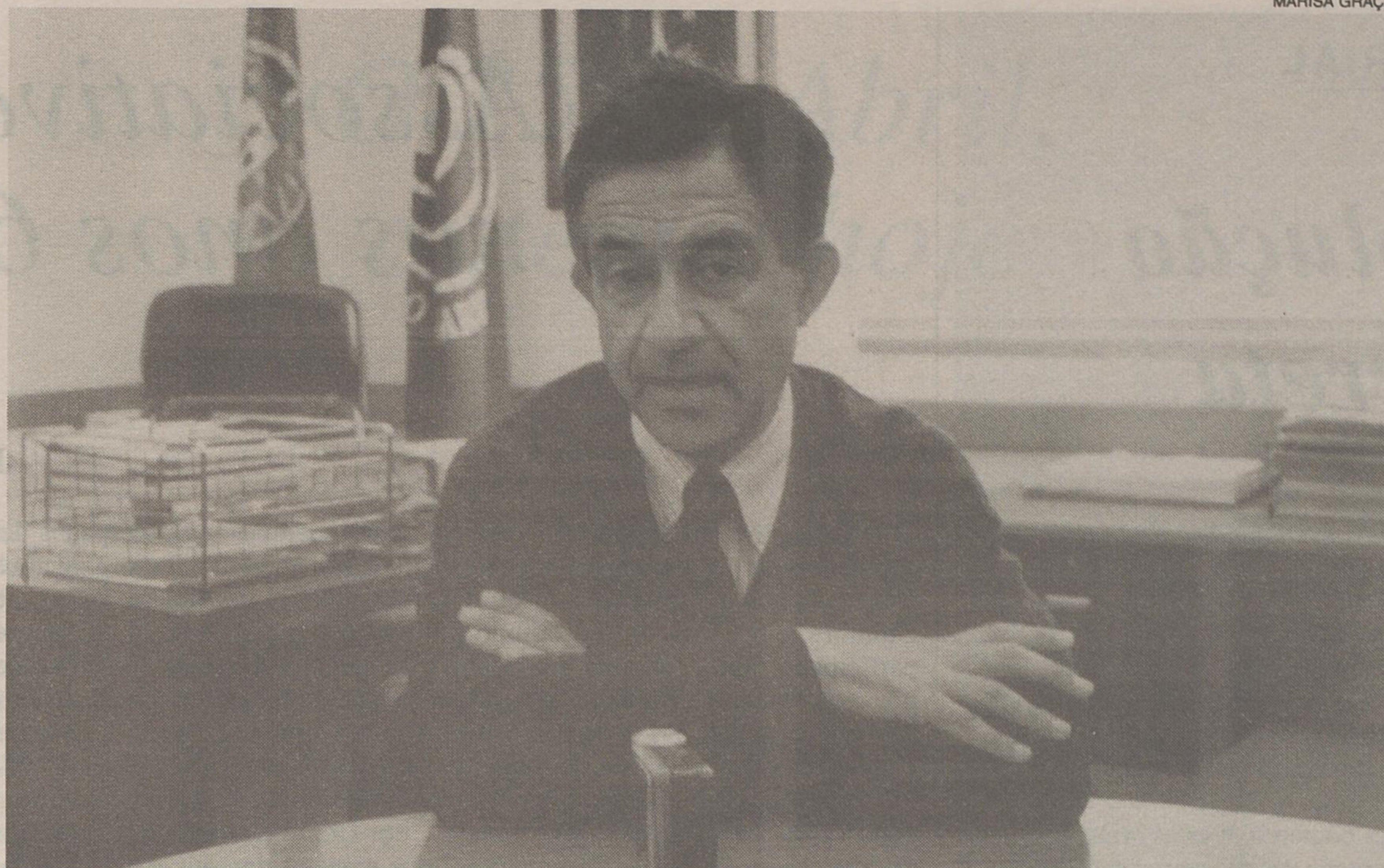
O repensar não significa necessariamente uma nova lei. Pode passar pelo seu simples cumprimento. No caso específico do financiamento feito pelos que frequentam o ensino superior, o que a lei diz (e aí não é diferente da anterior) é que se destina ao acréscimo de qualidade no sistema e não a substituir o financiamento do Estado, como ocorreu o ano passado. Nessa altura, o MCES deu mesmo orientações, eu diria que implícitas, que tendo as universidades uma nova oportunidade de se financiar mediante a comparticipação dos estudantes, que deveriam utilizar esse instrumento. Por isso, quando digo repensar, é, em primeiro lugar, pôr a lei a ser cumprida. Depois, reflectir se o Estado deve ter mais responsabilidade no financiamento do ensino superior.

Esta lei é uma cedência à privatização do ensino superior público?

Pessoalmente, acho que existe essa tentativa política. Não posso dizer, formalmente, que naquilo que sai na lei e naquilo que são as declarações formais seja assim. Agora, quando se diminui as responsabilidades do Estado em relação à atribuição de meios às universidades públicas, isso pode interpretar-se como uma política de transformação do ensino superior em mercadoria, tentando que as instituições se tornem mais em lojas de cursos do que em universidades.

Considera que actualmente entrar no ensino superior público continua ao alcance de qualquer família portuguesa?

Se a lei for cumprida. A lei prevê mecanismos que eventualmente podem ser aperfeiçoados de que nenhum estudante possa ser afastado do acesso ao ensino superior por razões económicas. Agora deve-se concretizar no terreno. Se me perguntar se a actual política de financiamento não afasta estudantes, eu acho que nesta fase é capaz de afastar. Isto porque a lei não consegue, especialmente na parte da acção social, resolver todas as situações. Mas creio que o ministério já se apercebeu disso, já fez algumas correcções, mas provavelmente ainda não as suficientes.



O presidente do CRUP realça as alterações positivas ocorridas no ministério após a saída de Pedro Lynce

A proposta governamental para a acção social pode minimizar essas discrepâncias?

Acho que sim. Mas a situação é complexa. Olha-se ainda para a acção social de uma forma muito tradicional - cantinas, residências e bolsas. Não se vê que evoluiu muito do ponto de vista social. A acção social não deve ser uma "santa casa da misericórdia", para ajudar apenas os pobres. Aliás, o Governo deu sinais de que estava sensibilizado para isso. Falta saber quais os meios financeiros para isso.

Mais autonomia

Noutro quadrante, a proposta governamental para a lei de autonomia tem sido bastante contestada. Qual é a posição do CRUP em relação a esta proposta?

A autonomia universitária não é as universidades estarem fora dos esquemas de controlo a que qualquer instituição pública deve estar submetida e muito menos fazer aquilo que lhe apetece, sem prestar contas. O que entendemos é que a universidade tem uma missão de modernização da sociedade, de produção de novos conhecimentos, de ser instrumento de progresso. Para fazer isso, precisa de duas autonomias fundamentais: a autonomia científica e pedagógica. Isso é inquestionável. Depois tem as chamadas autonomias instrumentais, que

servem para que as autonomias pedagógica e científica se autonomizem. É o caso da autonomia administrativa e financeira. A nossa proposta é de maior autonomia no que diz respeito à gestão, mas também uma prestação de contas muito mais clara e muito mais exigente.

Esta proposta de lei de autonomia pode significar um atentado à universidade portuguesa?

Acho que não. Até posso dizer que a autonomia universitária em Portugal (que, aliás, está consagrada na Constituição) é das mais avançadas na Europa. Mas sei que há muita gente no poder político que não vê com bons olhos a autonomia universitária, porque acha que todas as instituições em Portugal, nomeadamente as públicas, deviam estar submetidas ao poder político. Cada instituição pública deve cumprir muito claramente as suas regras e responsabilidades e prestar contas. Combater a autonomia das universidades é o mesmo que dizer que elas não devem cumprir a sua missão.

Mesmas vagas para 2004/05, menos cursos

Recentemente Maria da Graça Carvalho referiu que as vagas para o ensino superior vão continuar congeladas. Que comentários merece esta decisão?

Nós fizemos uma proposta que não ia longe dessa. Não era utilizada a pa-

lavra "congelar", mas dizia-se que a referência deviam ser as vagas do ano passado. Tendo em conta que as vagas diminuíram o ano passado, o que nós defendemos para 2004/2005 é que as vagas não deviam diminuir, deviam manter-se, podendo, em casos excepcionais devidamente justificados, subir.

Por outro lado, dezenas de cursos vão deixar de receber financiamento do Estado a partir do próximo ano. Para isso basta que tenham tido menos de dez alunos no 1º ano actualmente a decorrer e menos de 30 nos últimos três anos lectivos. As excepções são as áreas ligadas às artes ou com relevância social. Isto não é o critério da quantidade contra o critério da qualidade?

"A acção social não deve ser uma 'santa casa da misericórdia'"

Pode ser. Quando o número de candidatos baixa, nós temos que reflectir até que ponto se justifica a existência de determinados cursos. Agora também sabemos, e é isso que eu entendo das próprias orientações do ministério, que abrir um curso com poucos alunos numa determinada área do país se pode justificar, o mesmo se passando se numa determinada universidade existir uma área forte do ponto de vista da investigação. Não podemos cair na tentação de dizer que esta medida tem só a ver com quantidade, assim como também da parte do ministério tem que haver algum cuidado em relação aos argumentos que as universidades fornecem para justificar a manutenção de um curso.

"Federação nacional dos estudantes teria força tremenda"

O presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), Adriano Pimpão, afirma que nos últimos meses o tom das críticas estudantis à actual política para o ensino superior deu um salto qualitativo. Na sua opinião, os estudantes começaram "a exigir internamente mais qualidade e melhor funcionamento", o que contrasta com "alguma apatia que havia por parte do corpo estudantil" há apenas algum tempo atrás. Isto porque, segundo o também reitor da Universidade do Algarve, o folclore em torno do "não pagamos" não era suficiente como forma de reivindicação: "eram necessários porquês".

Questionado acerca das razões que levam a que docentes e estudantes não consigam unir as suas reivindicações, Adriano Pimpão reconhece que não há uma frente comum de estudantes e docentes sobretudo "por uma questão de organização". Segundo explica, um factor fundamental para isso é os estudan-

tes não terem uma organização nacional, ao contrário dos docentes, que têm várias instituições representativas: "Quem é que, neste momento, temos como interlocutores dos estudantes? Temos de chamar as associações todas. Uma federação nacional dos estudantes teria uma força tremenda, mas ao menos saberíamos com quem teríamos de falar e discutir", afirma o presidente do CRUP.

Apesar de salientar que, por vezes, os interesses "corporativos" de estudantes e docentes não coincidem, Adriano Pimpão mostra-se favorável a uma união de esforços: "Acho que em questões como a autonomia, apesar de existirem algumas divergências relativas à representatividade dos alunos nos órgãos, há uma base comum que, com alguma boa vontade, poderia ser uma plataforma entre docentes e estudantes para a defesa da autonomia das universidades".

Faculdade de Medicina no Algarve em 2008?

O Algarve pode vir a receber uma faculdade de Medicina. Este é pelo menos o desejo do reitor da Universidade do Algarve (UAlg) e também presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Adriano Pimpão, que refere ter havido conversações com o Ministério da Ciência e do Ensino Superior (MCES) nesse sentido.

Para já, 2008 é a data provável apresentada pelo responsável da instituição algarvia para a entrada em funcionamento desta nova unidade de ensino de Medicina. Segundo Adriano Pimpão, esta data coincidiria com a conclusão do novo hospital do Algarve (cujo início está previsto para 2005), situado no concelho de Faro, uma estrutura considerada essencial para o arranque deste novo curso. De resto, esta estrutura hospitalar tem mesmo indicações governamentais para que venha a "integrar uma componente de ensino médico", o que facilitaria a abertura de um curso de Medicina no Algarve, refere o reitor da UAlg.

Para Adriano Pimpão, uma faculdade de medicina algarvia seria "uma evolução natural", relacionada sobretudo com o recente desenvolvimento das estruturas de saúde naquela região. No entanto, o certo é que é o próprio que reconhece que, neste momento e apesar do apoio do MCES, isso é apenas uma possibilidade: "Já em 1998 pusemos essa hipótese, mas sempre reconhecemos que a questão das faculdades de Medicina é uma questão nacional". Assim, "neste momento, o que se está a fazer é preparar o dossier científico e pedagógico da nova faculdade, porque a ministra da tutela deu essa orientação", explica o responsável, acrescentando que "isso não significa que haja uma decisão definitiva sobre a matéria".

Quanto a datas, Adriano Pimpão pretende ter uma primeira proposta pronta para apresentar ao ministério dentro dos próximos três meses. No entanto, o projecto definitivo só deve estar concluído "no final do ano" - um projecto deste tipo "deve ser muito bem preparado", explica.

No entanto, numa altura em que a UAlg se prepara para comemorar os seus 25 anos, este não é o único projecto para o futuro. Segundo Adriano Pimpão, outras das principais metas da instituição são "a consolidação de uma política de abertura ao exterior e o reforço da componente de investigação". Para isso, o principal investimento da UAlg neste momento é a cativação de corpos seniores, de forma a compensar um corpo docente ainda muito jovem, mas que já integra cerca de 250 doutorados.

A UAlg é uma das mais recentes universidades portuguesas, contando neste momento com cerca de 10.000 alunos. Juntamente com a Universidade de Aveiro, é uma das únicas instituições universitárias públicas portuguesas que integra os dois subsistemas de ensino superior - o politécnico e o universitário.

EDITORIAL

A Revolução pispirreta

Pispirreta - rapariga tagarela e irrequieta (Dicionário da Língua Portuguesa, 8ª edição, Porto Editora)

Trinta anos depois da Revolução dos Cravos e 35 anos depois da academia de Coimbra se ter sublevado contra o regime, comemora-se a liberdade. Celebram-se os dias em que os portugueses, quer pela mão dos estudantes, quer pela mão dos militares, sonharam ir além dos dias cinzentos de um regime colonialista em decadência e sonharam construir a utopia.

Por isso, nada faz mais sentido do que comemorar estes princípios numa altura em que parecem estar a enfrentar a sua primeira crise. As conquistas de Abril estão hoje, mais do que nunca, em cima da mesa. Num

ma discussão que deve ir bem mais além do que os recentes debates semânticos em torno das contradições entre as expressões “revolução” ou “evolução”, a sociedade portuguesa pós-25 de Abril de 1974 deve finalmente ver-se ao espelho. O que não é fácil.

Passada a emoção e a ilusão deixada pelo perfume dos cravos, é altura de ver o país que nós, os filhos da revolução, herdámos. Um país que da ilusão sobre o irreal mergulhou na depressão do real. Um país que de congelado evolui para atrasado. Um país onde da discussão em torno do direito ao voto livre se passou à discussão sobre o valor real do voto. Um país onde a democracia passou de instituição ideal a instituição em crise. Um país que da insustentabilidade passou à procura da sustentabilidade.

Estas são contradições que também são gritantes quando nos referimos ao ensino superior, num país onde a educação superior deixou de ser um privilégio para uma pequena elite e se massificou de tal modo que quase ocorreu uma corrida ao canudo. Os números não enganam: segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística, se em 1970 existiam apenas 49.365 licenciados, em 2001 esse número tinha já sido multiplicado por 13,6 - ao todo existiam cerca de 674.094 detentores de canudo. A

isto há ainda a somar uma diminuição brutal da taxa de analfabetismo - de 33,7 por cento em 1970 para nove por cento em 2001.

Por outro lado, a distribuição por géneros no ensino superior inverteu-se completamente. Se há 40 anos atrás, os homens constituíam uma larga maioria dos licenciados (70 por cento), hoje em dia resumem-se a cerca de 42 por cento do total de portugueses com formação ao nível superior. Ou seja, em termos globais, verificou-se uma inversão total do que era o panorama do ensino superior há cerca de 40 anos atrás.

No entanto, continuam a existir grandes desfasamentos que é preciso combater. O primeiro, real e inegável, é o ainda elevado número de analfabetos: 800 mil portugueses. Os restantes, políticos e desajustados, referem-se às políticas para esta área. Referem-se sobretudo a uma nova elitização do ensino superior, agora não pelos motivos do tempo da “velha senhora”, mas sim por vontade do próprio Governo e das suas políticas de privatização do ensino superior (como, de resto, o reconhece em entrevista ao Jornal Universitário de Coimbra o presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Adriano Pimpão).

Mas não ficamos por aqui. Se Abril procurou a democratização da sociedade portuguesa em todos os seus âmbitos, passados trinta anos sobre a revolução, assiste-se a uma tentativa de voltar a aprisionar e controlar as instituições universitárias, restringindo a sua autonomia. Assiste-se assim a uma tentativa clara de tentar amordçar aquelas instituições que, nos tempos do fascismo, funcionaram como “ilhas de liberdade”, na expressão de Alberto Martins, actual deputado do PS e presidente da mítica Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra de 1969 (ver suplemento desta edição).

Por isso, a revolução é ainda pispirreta. Porque ainda há muito que fazer e muitas batalhas a travar para que Abril seja mais do que uma revolução do passado e possa realmente significar uma verdadeira e total evolução histórica. Emanuel Graça

“Passada a emoção e a ilusão deixada pelo perfume dos cravos, é altura de ver o país que nós, os filhos da revolução, herdámos. Um país que da ilusão sobre o irreal mergulhou na depressão do real. Um país que de congelado evolui para atrasado.”

Associativos nos anos 60

José Manuel Matos Pereira *

Pediram-me um depoimento pessoal sobre o o que aconteceu em 17 de Abril. Parece-me mais útil falar sobre os anos que precederam 69. Quando cheguei a Coimbra, em 63, já um bocadinho politizado por ter participado numa “secreta pró-associação liceal”, tinha sido reaberta a Associação Académica de Coimbra (AAC), no actual bloco da Rua Padre António Vieira. Ganhou as eleições a lista de esquerda patrocinada pelo Conselho das Repúblicas e eu integrei-me rapidamente nos “associativos”. O “mundo”, em Coimbra, dividia-se, então, entre “associativos” que eram os de esquerda, os politizados, os esclarecidos, os amantes do espírito, da arte e da cultura e os “outros”. Os “outros”, espraivavam-se com várias gradações, desde “gajos porreiros”, passando por outras categorias indefinidas, até aos da “direita”.

Nas divisões simplistas de rótulos mal colados, por volta de 1964, os do Orfeão, os da Tuna, os praxistas, os de várias secções desportivas (futebol, basquetebol, hipismo, esgrima, tiro, aeronáutica) os da Real República do Pagode Chinês e de duas outras repúblicas eram de direita.

No meio, existia uma vastíssima variedade de espécies amorfas, alheias a reivindicações, desde as miúdas dos lares, clubes de namorados e não só, que reuniam em garagens para tocarem e dançarem, aos marrões, aos jogadores de cartas, de lerpa, etc, aos pândegos e bebedores, frequentadores de bailes de faculdades à quarta e ao sábado, etc, etc.

Os de todas as outras repúblicas, do TEUC, do CITAC, do Cineclube, mais tarde as Cooperativas Unidas e Clepsidra, das secções culturais da AAC, eram de “esquerda”. Com todos os meios de comunicação social controlados pela Censura, o centro da informação livre, da agitação e propaganda impressa em cópiógrafos era o Serviço ou Secção de Informação Propaganda e Estatística da AAC (SIPE). Fui parar à agitação do SIPE, dactilografava, imprimia em cópiógrafos, distribuía propaganda, contava votos, “contava espingardas”, contava presenças em assembleias, manifestações e outros eventos. E ganhei a alcunha de “estatístico”.

É claro que, passado algum tempo, descobri que a realidade era bem diferente e encontrava-se um pouco de tudo misturado aleatoriamente. Havia tipos cultos no Orfeão e na Tuna, podia encontrar-se um apaixonado par de esquerda num baile de faculdade, havia repúblicas bebedores, havia veteranos de esquerda e os órgãos tradicionais da praxe, Conselho de Veteranos e Conselho das Repúblicas, sustentando as tradições académicas como bastiões progressistas. O Conselho das Repúblicas era o órgão coberto pela Praxe, que funcionava como partido associativo, dinamizando listas para a AAC e campanhas diversas. Quando na crise de 1965 aumentou a repressão, a AAC foi entregue a Comissões Administrativas e apenas as secções desportivas, consideradas mais inócuas, podiam continuar a funcionar.

Os espaços de cidadania foram limitados a repúblicas e organismos autónomos. Comecei a tocar bandomolim na Tuna, entrei para a equipa de luzes do TEUC, para a equipa de som do CITAC e frequentei tudo o que fosse “associativo”, incluindo centenários, cortejos de Tomada da Bastilha, ou, autogovernado pela Praxe, Latadas e Queimas. Entretanto, a Tuna, a que presidi em 67/68, admitiu as primeiras mulheres, criou a Secção de Danças Regionais, para impedir a Comissão Administrativa da AAC de recriar o Grupo Universitário de Danças Regionais, como secção cultural da AAC, e criou depois o GEFAC como um novo Orga-

nismo Autónomo. Pelas leis então em vigor, os estatutos e as direcções eleitas para os organismos autónomos tinham de ser sujeitas à homologação do ministro da Educação, que frequentemente recusava fazê-lo, pelo que a tarefa de criação de um novo organismo autónomo era arriscada e exigia o total apoio dos organismos e todos colaboraram. O Coro Misto e o Coral das Letras, também misto, tinham interesse na existência de um novo organismo de danças regionais independente da Tuna que poderia actuar com qualquer deles quando lhes interessasse enriquecer a segunda parte do espectáculo de um clássico coro de capa e batina, e o próprio Orfeão vislumbrou a hipótese de a existência de um novo organismo ajudar a quebrar o isolamento a que estava remetido. Mas os principais artífices do GEFAC estavam sintonizados com o espírito associativo. Do lado dos organismos católicos havia também um afastamento da direita pura e dura e uma abertura ao diálogo, no espírito do Vaticano II. É neste ambiente geral de redinamização académica e de maior consonância dos “associativos” com os interesses circundantes que os Organismos Autónomos e o Conselho das Repúblicas criam, em 1968, a Comissão Pró-Eleições da AAC, exigindo ao Governo eleições para a Direcção-Geral da AAC. O movimento cresceu imparablemente e, durante a Tomada da Bastilha, a 25 de Novembro de 1968, as mesmas organizações lançavam uma lista candidata forçando eleições que vieram a ser marcadas já para 69. A lista ganhou as eleições por muito larga margem, o Governo retardaria ainda a homologação e a tomada de posse até pouco antes das férias da Páscoa de 1969. Pouco depois da posse, o presidente da AAC e os dos Organismos recebiam convite formal para estarem presentes na inauguração do Edifício das Matemáticas, presidida por Américo Tomás, em 17 de Abril. A Direcção-Geral da AAC, com a legitimidade de uma eleição esmagadora, não poderia assistir calada e insistiu com as autoridades em que o presidente devia falar em nome da academia. O resto é bastante conhecido.

* Vice-presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra de 1969

“O ‘mundo’, em Coimbra, dividia-se, então, entre ‘associativos’ que eram os de esquerda, os politizados, os esclarecidos, os amantes do espírito, da arte e da cultura e os ‘outros’. Os ‘outros’, espraivavam-se com várias gradações, desde ‘gajos porreiros’, passando por outras categorias indefinidas, até aos da ‘direita’”

O 25 de Abril, ontem e hoje

Elísio Estanque *

Ao som de “Grândola Vila Morena”, naquela madrugada gloriosa do 25 de Abril de 1974, os nossos capitães do MFA derrubaram o regime político fascista e puseram fim à guerra colonial. O povo veio em massa para as ruas, primeiro, celebrando a liberdade, com cravos vermelhos na mão, e, logo depois - passada a primeira fase de júbilo e a festa colectiva do 1º de Maio de 1974 -, participando activamente nas lutas sociais e na construção do futuro colectivo.

Apesar das múltiplas clivagens ideológicas que emergiram na sociedade portuguesa desse período (e deixando de parte todos os excessos), podemos dizer que se viveu uma utopia emancipatória, em que o sentimento de comunhão produziu subjectivamente uma espécie de comunidade ampliada e solidária, em que, sob a influência marcante da ideologia marxista, a classe trabalhadora e o operariado surgiram como o motor dessa “revolução imaginária”. Tal experiência colectiva, apesar de assentar numa imensa ilusão - e justamente porque foi subjectivamente vivida com uma intensidade extrema - teve um alcance que foi muito para além das suas consequência imediatas. Os seus efeitos foram múltiplos e contraditórios, mas, acima de tudo, galvanizou a esperança de todo um povo em torno de valores orientados para o progresso, a justiça social e a solidariedade.

Porém, ao lado da “revolução imaginária”, e mesmo depois desses sonhos se terem des-

feito no ar, ocorreu uma “Revolução concreta”. Revolução escrita com ‘R’, e não, como no actual discurso oficial, uma simples “evolução”, supostamente suprimida das clivagens político-ideológicas, das opções arriscadas, dos antagonismos e dos custos sociais, como se a democracia resultasse de uma espécie de “evolução na continuidade” saída pacificamente do Estado Novo. Com todas as suas contradições, continuidades e rupturas, avanços e recuos, a transformação que está perante nós teve traços verdadeiramente revolucionários na nossa sociedade ao longo dos últimos 30 anos. As mudanças progressistas são indelévelmente e a democratização é uma realidade em variados campos.

Todavia, são também inegáveis os novos motivos de apreensão, sendo talvez o desin-

teresse dos cidadãos face aos problemas da vida pública um dos principais. Por um lado,

“A era de individualismo e de ‘pós-contratualismo’ que hoje atravessamos está a produzir novas gerações de indivíduos frágeis, despojados e inseguros”

a terciarização da economia, a concentração urbana e o desaparecimento ou fragmentação crescente da comunidade local têm contribuído para o aumento do individualismo, solidão, egoísmo e artificialidade das relações sociais. Vivemos em sociedades de risco, a nível local e a nível global. Por outro lado, problemas como o desemprego, a precariedade, a pobreza e a exclusão social, reflexo da crise e de desintegração de alguns dos mecanismos que asseguraram o “contrato social” (e da perda de algumas das con-

quistas de Abril, bem expressa no novo Código do Trabalho), contribuem cada vez mais para aumentar a imprevisibilidade, a sensação de insegurança e a desconfiança

nas instituições.

A era de individualismo e de “pós-contratualismo” que hoje atravessamos está a produzir novas gerações de indivíduos frágeis, despojados e inseguros, que encenam quotidianamente um jogo de máscaras para esconder dos outros essas mesmas fragilidades e sentimentos de isolamento. Passamos por uma fase de pessimismo que se reverte em evasão individual, alienação deliberada, além das patologias do foro pessoal e familiar. Vivemos um processo que, se não for rapidamente travado, coloca em risco não só a possibilidade da vida colectiva e o princípio da comunidade como os próprios pilares do regime democrático.

Relembrar o 25 de Abril nos seus 30 anos de vida é remeter alguns dos graves problemas da actualidade para o espírito de comunhão colectiva que as gerações dos anos 70 tiveram a felicidade de viver. O torpor fatalista que tem marcado os sentimentos colectivos do nosso país nos últimos tempos só pode ser revertido se voltarmos a acreditar mais em nós próprios e no nosso semelhante. Recuperar a esperança e reactivar o espírito de solidariedade e participação cívica que Abril permitiu é a melhor forma de celebrar a Revolução dos Cravos e enfrentar os desafios do presente.

* Docente e investigador da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

25 de Abril de 1974: uma opinião

Maria Natércia Coimbra

*Sempre foi assim,
dizem sempre foi assim.
Mas pode ser diferente!*

Sérgio Godinho

Parto dos versos de uma canção de Sérgio Godinho para falar do 25 de Abril, porque creio que o que aconteceu com os oficiais, ditos “subalternos” (a maioria deles detinha a patente de capitão), que aderiram e que puseram em marcha o Movimento, foi que se tornou evidente, para eles, a ideia de que o que sempre foi assim pode mesmo ser diferente.

Este é o primeiro aspecto que gostaria de realçar. Para os jovens oficiais que já tinham nessa altura experimentado uma ou mesmo várias comissões de serviço nas “guerras de África” tornou-se claro, pela experiência no terreno, que o Portugal uno e indivisível do Minho ao Timor era uma das ficções mais dramáticas do governo. E perceberam que a solução do problema colonial não seria militar mas sim política.

O segundo aspecto é que, ao ousarem ter essa opinião contra a corrente, pondo em causa o tradicional “salvo melhor opinião”, que significa sempre aceitar que a melhor opinião é a daquele que socialmente é considerado como “o que está preparado para ter a opinião mais correcta sobre as coisas”, os militares que decidiram agir em 25 de Abril introduziram uma ruptura muito importante com a tradição: discutiram ideias, formaram opinião crítica e decidiram pela sua própria cabeça à revelia da(s) hierarquia(s).

O terceiro aspecto importante é que ao decidirem querer agir contra a cor-

“São estes os valores que garantiram o êxito da acção do 25 de Abril: liberdade de espírito, inconformismo, honestidade, coragem e competência. Estes valores são hoje raros, como então o eram”

rente, o fizeram com muita competência. Tratava-se de um conjunto de militares saídos de uma escola de elite, a Academia Militar, detentores de uma sólida e rigorosa formação, muitos deles com complemento posterior de estudos nas áreas de História e de Sociologia. A juntar à formação adquirida no terreno e à reflexão a que essa experiência conduziu, há que ter em conta a influência crítica exercida sobre eles, por alguns oficiais milicianos afastados das universidades, mobilizados e enviados para os cenários de guerra, a partir da crise académica de 1969. Ao decidirem agir, os militares que prepararam o 25 de Abril, fizeram-no com conhecimento profundo da história militar portuguesa, entendendo bem as razões dos fracassos que tinham conhecido as anteriores tentativas de derrube da ditadura, das quais a última ocorrera já em plena fase de actividade do Movimento dos Capitães, em 16 de Março de 1974. Decidiram agir, também porque conheciam profundamente a realidade. Sabiam que quem controlava militarmente o país eram as Companhias. E sabiam que quem comandava as Companhias eram os militares “subalternos”, muitos deles capitães. Souberam também, com competência, perceber o momento histórico e gerir o conflito que se criou entre o dever de obediência às hierarquias e a clarividência de que “obedecer porque sempre foi assim” perdera totalmente o sentido em face do dever de respeito por um pensamento mais esclarecido, mais claro, mais honesto e mais livre.

Para mim são estes os valores que garantiram o êxito da acção do 25 de Abril: liberdade de espírito, inconformismo, honestidade, coragem e competência. Estes valores são hoje raros, como então o eram, mas tão necessários ao êxito dos projectos colectivos de desenvolvimento e evolução que tardamos a construir, como então o foram ao êxito da mudança política que iria permitir que Portugal pudesse fazer quaisquer projectos em liberdade.



6 ACADEMIA

Contestação estudantil não pára

Dia de Luta Nacional marcado para 26 de Maio

Os estudantes continuam a apostar nas campanhas de informação. As reuniões com os parceiros educativos são as iniciativas que se seguem

Tiago Azevedo

Um Dia de Luta Nacional e a aposta na sensibilização dos estudantes são algumas das medidas dos estudantes. Após a manifestação que levou cinco mil estudantes a Lisboa e a Greve Geral no dia 1 de Abril, a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) continua a levar a cabo a campanha de recolha de informação e de sensibilização dos estudantes e da sociedade.

Sob o lema "Modelo de Ensino Superior de Futuro", a direcção-geral pretende reunir com vários organismos ligados ao sistema de ensino superior. A Federação Nacional de Professores, o Sindicato Nacional do Ensino Superior, o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e os sindicatos locais são alguns dos parceiros educativos com os quais se vão reunir, antes de realizar o debate final. Nesta questão, o principal objectivo é "perceber até onde é que os professores estão dispostos a apoiar a luta estudantil e até que ponto é que existe convergência nas análises desta reforma legislativa", argumenta o presidente da DG/AAC, Miguel Duarte. Outro debate que a direcção-geral pretende realizar é sobre a "Gestão das Instituições", com a presença de funcionários não docentes da Uni-



Miguel Duarte aposta na grande festa dos estudantes para informar a comunidade sobre os problemas do ensino superior

versidade de Coimbra. De acordo com Miguel Duarte, a Lei da Autonomia "é algo que nos une". O dirigente acrescenta ainda que mesmo sabendo que a lei já foi aprovada na generalidade "não desistiremos de exigir a paridade nos órgãos de gestão, porque essa é a verdadeira gestão democrática".

"Aqui jaz o Ensino Superior" e "Aqui jaz a Democracia" são as inscrições que vão estar nas duas "campas" que vão ser colocadas no Largo Dom Dinis, no dia 26 de Abril. Ainda no que diz respeito à contestação, realiza-se no dia 27 de Abril um teatro de rua alusivo à política educativa do Governo. A última actividade concretiza-se no dia 3 de Maio e trata-se de um julgamento público da política educativa do Governo.

O mês de Maio vai ficar marcado como o "Mês da Internacionalização", através da realização de um debate sobre o Espaço Europeu de Ensino. Ainda neste âmbito, pretende-se organizar debates com os núcleos sobre a reestruturação das licenciaturas, para lançar uma campanha informativa referente ao tema. Nesta temática, Miguel Duarte considera que existe um "défice de informação enorme, pois as pessoas não têm consciência das consequências que podem advir do processo de internacionalização". Da mesma forma acrescenta que estas consequências são negativas "uma vez que o modelo português é totalmente diferente dos modelos europeus, bastante retrógrado" e "daí que aplicar as directrizes administrativas de Bolonha poderá trazer

imensos prejuízos para os estudantes".

Também os dirigentes no último Encontro Nacional de Direcções Associativas optaram por continuar com a luta a nível nacional. Neste sentido, marcaram um Dia de Luta Nacional, a 26 de Maio, que será marcado por iniciativas descentralizadas por todo o país. Neste encontro, ficou também decidido realizar um minuto de silêncio nas Serenatas Monumentais das Festas Académicas, dois minutos de buzinação durante os Cortejos das Festas Académicas e a entrega de um panfleto informativo nos postos de venda dos bilhetes. A proposta apresentada pela DG/AAC também foi aprovada, alargando as reuniões com os parceiros educativos às restantes associações académicas.

Queima não é só festa

Aproveitar o período da Queima das Fitas para consciencializar os estudantes e respectivas famílias é outro dos objectivos dos dirigentes associativos. De acordo com o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Miguel Duarte, existem "várias formas de falar sobre política educativa" e o objectivo é "fazê-lo de forma adequada à festa".

Assim, distribuir t-shirts, colocar telas informativas no parque, realizar um spot no "videowall" do Queimódromo e distribuir balões são outras iniciativas que se pretende concretizar durante a semana académica. Para o Cortejo dos Quartanistas, a direcção-geral vai colocar um carro com flores pretas no início do desfile e distribuir plaquetes com conteúdos referentes à política educativa do Governo. Desta forma, o presidente da direcção-geral salienta o relevo do Cortejo, onde vai estar presente um grupo de estudantes a distribuir plaquetes e "a explicar as reivindicações dos estudantes às suas famílias, que são o principal objectivo nesse dia".

Quanto à sensibilização dos estudantes para os principais problemas do sistema de ensino superior público, o dirigente associativo afirma que esta é uma oportunidade de "aproveitar uma festa que é dos estudantes" para conseguir passar a informação. Miguel Duarte acrescenta que este é o tipo de iniciativas que "têm de partir dos dirigentes para se conseguir sensibilizar todos os que se dirijam à festa académica".

Sexualidade sobre a mesa

A sexualidade estará em discussão ao longo de dois dias, com a participação de professores, médicos e representantes de organizações e associações relacionadas com esta área

Gustavo Sampaio

As "Jornadas de Psicologia", um evento organizado pelo Núcleo de Estudantes de Psicologia e de Ciências da Educação (NEPCE) da Associação Académica de Coimbra, iniciam-se amanhã, dia 21 de Abril. Sob o tema da "Sexualidade", está programada a realização de um conjunto de conferências que terão lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, assim

como de uma tertúlia no espaço do claustro da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC).

Com a duração de dois dias, terminando no dia 22 de Abril, o evento pretende discutir e analisar os diversos assuntos inerentes à sexualidade, contando com a participação de diversos professores da área da psicologia, médicos especialistas, representantes de organizações não-governamentais e membros de associações de defesa dos direitos sexuais.

Amanhã, por volta das 10 horas, realiza-se a sessão de abertura, com a presença confirmada de Seabra Santos, reitor da Universidade de Coimbra, de Jorge Mendes, representante do Conselho Directivo da FPCEUC, e de Maria Teresa Pessoa, igualmente da FPCEUC, entre outros.

Logo de seguida tem início a primeira mesa de debate, sob o tema "Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis". Uma discussão que contará com a participação de

Maria Alfiate, psicóloga do Instituto Português da Juventude, Vítor Pombo, médico, e Eugénia Soares, psicóloga.

Mais tarde, por volta das 14 horas, realiza-se a segunda mesa de debate, a qual abordará a "Discriminação Sexual", com a participação de diversos representantes de associações de defesa dos direitos sexuais. O programa prevê a presença de António Serzedelo, da "Opus Gay", de Paulo Jorge Vieira e Ana Cristina Santos, ambos da "Não Te Prives", e ainda da psicóloga Gabriela Moita.

Sob o tema "Apoio Psicológico na Transsexualidade e Infertilidade", realiza-se em seguida, às 16 horas, a terceira mesa. Para esta discussão está prevista a contribuição, do presidente da associação para o Estudo e Defesa do Direito à Identidade do Género, José Bernardo, e de duas médicas do Hospital Sra. da Oliveira, em Guimarães, Celeste Peixoto e Emanuela Lopes.

Ainda no mesmo dia, por volta das 21 ho-

ras, ocorre no claustro da FPCEUC uma tertúlia sobre a "Sexualidade e Afectividade". Nesta conversa estarão presentes o Eduardo Sá, psicólogo, e da deputada comunista, Odete Santos.

Para o segundo dia das "Jornadas de Psicologia", dia 22 de Abril, está programada a realização de seis painéis de discussão. Os temas abordados são a "Sexualidade na Internet", a "Sexualidade na Universidade", a "Sexualidade e Deficiência", a "Sexualidade na Terceira Idade", o "Apoio Psicológico na Disfunção Erétil" e a "Sexologia". Os participantes em todos estes debates ainda não estão totalmente confirmados. No entanto, as presenças da sexóloga e psicóloga Ana Carvalho e da docente da FPCEUC Margarida Pedroso Lima são uma certeza.

As inscrições para as "Jornadas de Psicologia", a cargo do NEPCE, ainda estão abertas. Amanhã, primeiro dia do evento, sofrem um ligeiro acréscimo monetário. Os estudantes universitários têm direito a desconto.

UNIVERSIDADE 7



JONAS BATISTA

Cursos perdem financiamento

João Pereira

Os cursos superiores que tenham tido menos de dez candidatos este ano lectivo e menos de 30 durante os últimos três anos vão deixar de ser subsidiados pelo Estado. As áreas consideradas prioritárias vão ser a excepção. O anúncio foi feito este mês pela ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho. Esta medida vem tornar mais difícil a existência de licenciaturas com poucos alunos, cujo financiamento fica assim a cargo das instituições que as queiram manter.

Ao todo, são 164 os cursos que não tiveram mais de dez matrículas no início deste ano. Contudo, apenas 110 serão alvo de análise por parte do ministério. Os restantes pertencem ao campo das Artes e fazem, a par com a Saúde e as Tecnologias, parte das áreas que a tutela considerou prioritárias, não sendo, portanto, afectados por esta política.

É nas universidades que estão a maioria dos cursos pouco procurados. Os Açores, Évora, Trás-os-Montes e Alto Douro, todos com pelo menos dez licenciaturas que não atingem os critérios estabelecidos pelo ministério, são os locais onde esta situação mais se verifica. Do lado dos politécnicos, a escola de Bragança (onde há nove cursos com menos de dez candidatos) será a mais afectada. Já na Universidade de Coimbra, o curso de Engenharia dos Materiais é o exemplo mais flagrante das licenciaturas que não conseguem atrair candidatos: apenas um aluno ingressou nesta engenharia durante as duas fases do concurso nacional.

Esta resolução da tutela tem influência directa na distribuição do orçamento do Estado, que é determinado sobretudo pelo número de alunos e, no caso dos novos cursos, pelo número de vagas abertas pelas instituições. Contudo, o número total de estudantes que cada universidade e politécnico pode receber no próximo ano lectivo vai ser igual ao deste ano. O documento que determina a manutenção das vagas foi também entregue este mês às instituições, mas a decisão havia já sido tornada pública a 13 de Fevereiro, na Assembleia da República, tendo colhido de imediato reacções pouco favoráveis. Embora as instituições tenham autonomia para decidir a redistribuição das vagas autorizadas, a ministra recomenda que os cursos de Medicina passem a receber mais 20 por cento de candidatos. Trata-se de uma medida que está longe de ser consensual e que foi já criticada pela Associação Nacional de Estudantes de Medicina, que afirmou a este respeito não haver falta de médicos em Portugal.

A decisão de manter as 46.408 vagas do ano passado foi justificada pelo decréscimo de candidaturas ao ensino superior que se tem vindo a verificar nos últimos cinco anos. De acordo com dados do ministério, em 1997 eram 62.307 os candidatos, contra apenas 41.662 em 2003.

Universidades devem ser encaradas como pólos de investigação tecnológica, afirma estudo recente

Prioridade para a tecnologia

Universidades encaradas como pólos de investigação

Empresas devem ter mecanismos para captar conhecimento científico desenvolvido pelos centros de investigação das universidades, afirma um estudo

Tiago Azevedo

O estudo sobre a Propriedade Industrial em Portugal, coordenado por Mira Godinho, docente na Universidade Técnica de Lisboa, defende que se deve proceder a uma "mudança na cultura empresarial e da sociedade portuguesa". De acordo com o coordenador, o principal instrumento da mudança "deve ser o sistema educativo, nos seus níveis básico, secundário e superior". Mira Godinho acrescenta que nos sistemas educativos devem ser transmitidos "valores que fomentam atitudes de interesse e empenho em relação aos conhecimentos técnicos, ao empreendedorismo, à capacidade de assumir riscos e à aceitação da mudança", afirmando que a formação ao longo da vida é outro factor que também deve "desempenhar um papel importante".

De acordo com o docente, a conjugação destes factores "deverá permitir uma maior abertura das universidades à sociedade e melhorar também a capacidade dos diferentes actores sociais, incluindo as empresas, de identificarem e solicitarem contributos bem concretos às universidades".

A reforma das principais leis e estatutos de enquadramento e financiamento da Investigação e Desenvolvimento, que estão agora em curso, devem colmatar algumas das lacunas. No entanto, o coordenador do estudo sublinha que existem outras vertentes a trabalhar. Neste campo, refere que o "objectivo é pôr a investigação e os conhecimentos científicos e tecnológicos a funcionar em articulação com a inovação, criando um sistema dinâmico e qualificado". No estudo, ainda se salienta a ideia de atrair investimento estrangeiro para os sectores de alta tecnologia em Portugal. Uma medida reforçada por Mira Godinho, que afirma que a "organização do mercado de trabalho e a mobilização de capitais do sistema financeiro" fazem parte da mesma equação. Para tal, dá o exemplo da "Estratégia de Lisboa" (acordo que pretende fazer da União Europeia uma das economias

mais dinâmicas e competitivas do mundo até 2010), como "um bom enquadramento conceptual quanto ao que há a fazer", esperando-se que "os indivíduos, as organizações civis e o sistema político têm o empenho e a vitalidade necessárias para inflectir a trajectória que se tem vindo a trilhar".

Sistema deficitário

Segundo o estudo, a falta de diálogo entre empresas e universidades é apontada como uma das razões para que não exista uma maior divulgação da investigação tecnológica, pois as universidades não são encaradas como pólos de investigação. Defendendo que já existe boa investigação em Portugal, Mira Godinho salienta que o problema se centra na "capacidade de a materializar em ideias e produtos com valia para a sociedade". Na opinião do docente "os sistemas de incentivos não estimulam a abertura das universidades e dos laboratórios públicos" ao mesmo tempo que "as empresas não dispõem das capacidades necessárias para formularem pedidos a essas universidades e laboratórios".

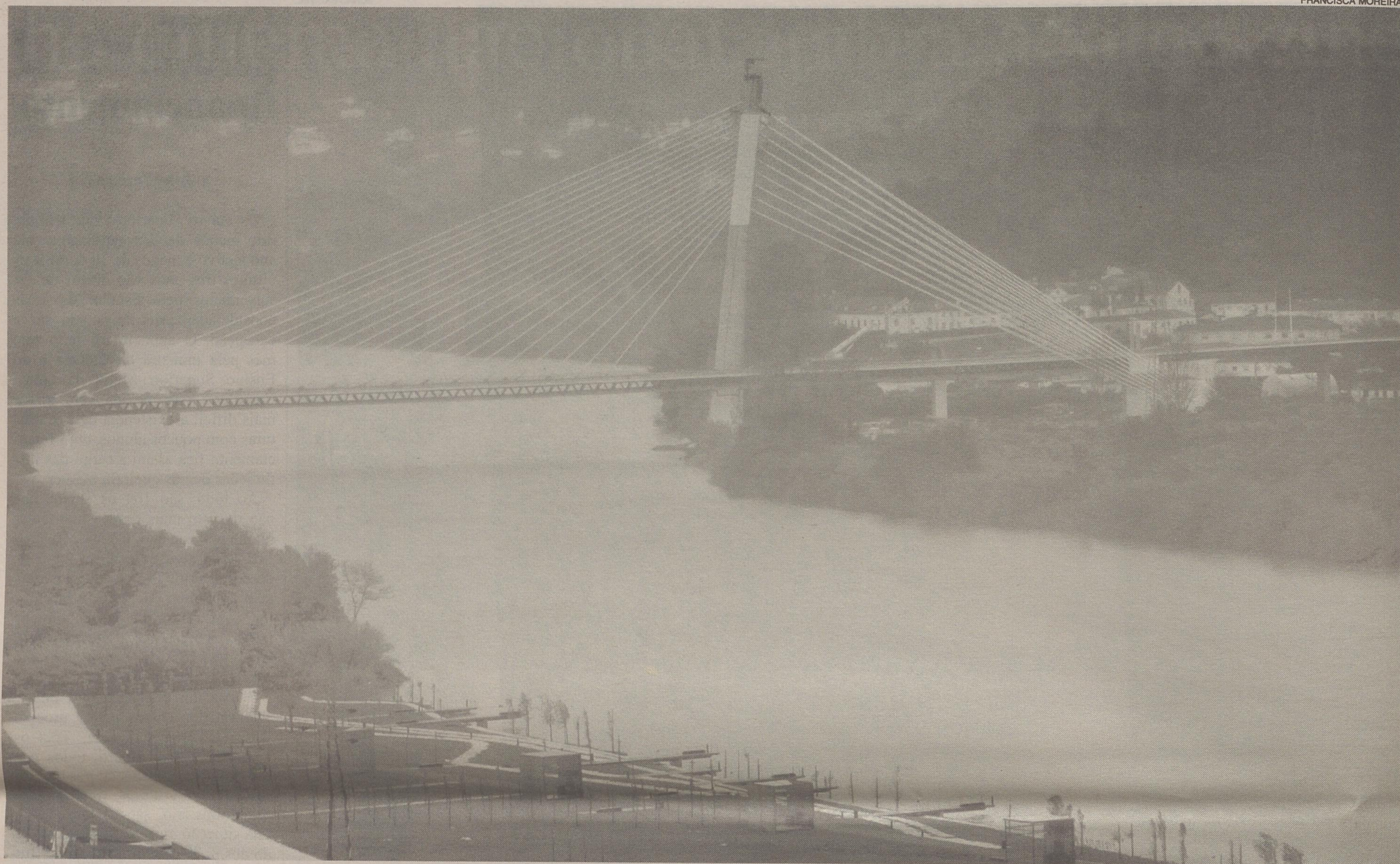
Do mesmo modo, Mira Godinho salienta que, para além dos instrumentos das actividades de ensino

superior e de investigação, existem outros aspectos com igual importância: "O Estatuto da Carreira Docente Universitária e de investigação, bem como as leis de financiamento das universidades e dos politécnicos" são outros instrumentos relevantes. Estes mecanismos tornam-se importantes uma vez que a formação superior deve ser "cientificamente actualizada" e "pertinente para o tipo de actividades existentes, e mais ainda para as actividades carentes e desejáveis no país".

Apesar de referir que o sistema educativo português evoluiu nas duas últimas décadas, o docente afirma que o fez "de uma forma desorganizada, sem intenção estratégica e com pouca preocupação com a qualidade". No seu entender, é agora necessário dar "prioridade às áreas tecnológicas, que são presentemente muito deficitárias" se comparadas com outros países. Na União Europeia, Portugal ocupa o penúltimo lugar da tabela, estando apenas à frente da Grécia, em matéria de investimento na área de Investigação e Desenvolvimento. "Só com este tipo de alterações poderemos pôr o país numa rota de convergência rápida e sustentável", conclui Mira Godinho.

8 CIDADE

FRANCISCA MOREIRA



Autarquia conimbricense vai apresentar os concursos públicos previstos, apesar da reprogramação do financiamento do Programa Pólis só ser decidida em Junho

Financiamento do Pólis vai ser decidido em Junho

Autarquia conimbricense pretende lançar os concursos públicos que já têm projecto

Da dotação governamental dependem as obras finais do CoimbraPolis e também de outras localidades do centro

Mário Guerreiro

O primeiro alarme sobre a dependência financeira das obras do Programa Polis para as localidades do centro foi dado pelo presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC), Paulo Pereira Coelho, numa reunião do Conselho Regional. Este afirmou existir actualmente um défice de verbas no Programa Operacional do Centro, em relação ao estipulado com o Governo, que ascende aos 60 milhões de euros.

Para Paulo Pereira Coelho, as verbas disponibilizadas não dão “nem de perto nem de longe” para assegurar as obras do programa

nas cidades do centro que estão englobadas no Polis. Na mesma reunião, o presidente da CCDRC também afirmou que Castelo Branco e Viseu são as localidades onde as obras do Programa Polis estão mais adiantadas. Por sua vez, as obras nas cidades de Aveiro, Coimbra, Covilhã, Guarda e Leiria estão mais atrasadas e também com alguns contratempos financeiros. Para Paulo Pereira Coelho, as obras em risco são as que ainda não se iniciaram, e que estão em fase de projecto, já que as actualmente a decorrer estão asseguradas.

Um dos projectos em risco é a parte material da “Rota dos Escritores”, resultado de um acordo entre a actual CCDRC e a anterior para se proceder a uma homenagem física duradoura do projecto. Para Paulo Pereira Coelho, não há de momento verbas que permitam respeitar o dito acordo, já que serão necessários cerca de dez milhões de euros.

Apresentadas na reunião foram também as prioridades da CCDRC

e a forma de aplicação dos fundos atribuídos pela União Europeia (UE), apenas destinados às regiões dos países-membros que tenham aplicado da melhor forma os fundos recebidos da UE. Estes fundos ascendem a 80 milhões de euros e constituem 4,8 por cento das verbas do Programa Operacional do Centro.

Paulo Pereira Coelho anunciou que as prioridades são para já o ambiente, a requalificação urbana das pequenas cidades e vilas da região Centro, a valorização dos parques industriais e o saneamento básico. A CCDRC também tem como prioridades a valorização da Área Integrada de Base Territorial da Serra da Estrela e do Pinhal Interior, mas também o ensino pré-escolar e a conclusão do Programa Polis.

Na reunião da CCDRC foram também apresentadas aquelas que vão ser as principais linhas orientadoras da estratégia para a região, apoiada no turismo e na inovação. O principal objectivo é tornar a região Centro mais competitiva, já

que é, à excepção de Lisboa, a área onde a inovação tecnológica apresenta melhores valores.

A CCDRC pretende também apostar no turismo como forma de afirmar cada vez mais a região Centro como uma oferta diferenciada das demais. Paulo Pereira Coelho afirmou mesmo que esta deve ser “uma região que atraia”, sob pena de sofrer prejuízos graves.

Financiamento definido em Junho

O coordenador nacional do Polis, João Teixeira, afirmou entretanto, na passada semana, que as decisões sobre uma eventual reprogramação do financiamento das obras para Coimbra vão ser apenas discutidas e decididas em Junho, escusando-se no entanto a adiantar mais informações. De momento estão a ser consideradas várias soluções para o financiamento do CoimbraPolis.

A autarquia conimbricense pretende avançar com os concursos públicos já previstos para as obras

que ainda faltam. Os concursos que vão ser lançados correspondem a obras que já têm o projecto elaborado. Entre os concursos públicos a ser lançados encontram-se os que dizem respeito às obras da Praça da Canção e Clube Náutico, mas também o concurso da ponte pedonal sobre o Mondego, e ainda a possível construção de uma piscina fluvial na margem esquerda do rio. Vai ser também lançado o concurso público para a construção do túnel que vai ligar as avenidas Inês de Castro e Conímbriga.

Desde cedo que a autarquia recusou qualquer adiamento para as obras do CoimbraPolis, apesar de em Março o ministro do Ambiente, Amílcar Theias, ter afirmado que não estava previsto o suficiente suporte financeiro para a conclusão de alguns programas Polis. Na altura, Theias afirmou que cinco ou seis cidades poderiam ver os seus projectos adiados pelo menos até 2007. Contudo, as obras em Coimbra têm estado a cumprir as datas previstas.

Desemprego volta a aumentar

Todos os níveis de habilitação viram o seu número de desempregados aumentar

Há mais pessoas sem emprego do que há um ano. Os Açores foram a única região onde este valor não aumentou

Mário Guerreiro

O número médio de desempregados em Portugal aumentou em Março. Desta feita são mais 3549 sem emprego. Ou seja, mais 0,8 por cento, quando comparado com os valores de Fevereiro, de acordo com dados recentes do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

No final de Março, o número de indivíduos desempregados registados nos Centros de Emprego era de 471.089. Este número representava cerca de 91,5 por cento do total de pedidos de emprego. Este aumento é de 11,9 por cento (mais 50.031 desempregados) em relação a período homólogo do ano anterior.

O IEFP refere que, "apesar dos acréscimos verificados, a desaceleração do crescimento do desemprego, continua a verificar-se neste mês de Março, em termos anuais". O IEFP ressalva que este valor é inferior à subida homóloga de 13,3 por cento registada em Fevereiro último.

No estudo do IEFP, que todos os meses analisa as variações da taxa de desemprego, também se pode observar que "embora comum nos dois géneros", o desemprego atingiu mais os homens, com mais 14,1 por cento de desempregados masculinos do que em Março. O desemprego jovem, que atinge o escalão etário até aos 25 anos aumentou 4,9 por cento, e o adulto (acima dos 25 anos) aumentou 13,3 por cento, ambos em termos homólogos.



Desemprego é mais relevante na Madeira e na região Norte

Más notícias também para os empregados habilitados. De acordo com o IEFP, todos os níveis de habilitação escolar sofreram um aumento de desempregados quando comparado com o registado há um ano. O ensino superior é o nível de ensino onde o aumento é mais relevante, embora os seus valores apresentem um decréscimo quando comparado com os números verificados no mês anterior.

De acordo com o estudo mensal do IEFP, o desemprego de curta e longa duração aumentaram, o que se deve ao fluxo de inscrições nos Centros de Emprego, com respectivamente mais 3,6 por cento e 26,9 por cento de ins-

crições do que há 12 meses. O desemprego de curta duração constituía quase 60 por cento do desemprego global há um ano, e apesar de ter aumentado em relação ao período homólogo de 2003, decresceu 0,2 por cento em comparação com o mês anterior.

Desemprego mais elevado na Madeira e no Norte

A Região Autónoma dos Açores foi a única de Portugal onde se verificou um decréscimo do desemprego, com menos 24,3 por cento que o mesmo mês do ano anterior.

Os aumentos mais elevados registaram-se na região Norte, com mais

19,1 por cento de desempregados que no ano anterior, e na Madeira, com mais 11,3 desempregados que o mesmo período de 2003.

Analisando os dados do IEFP sobre a perspectiva mensal observa-se que apenas o Algarve e a região Centro registaram um decréscimo do desemprego (menos seis por cento e menos 1,2 por cento). As demais regiões registaram um aumento do número de desempregados.

Nos últimos meses o desemprego tem aumentado sempre. Em Fevereiro o aumento foi de 13,3 por cento e em Janeiro tinha sido de 15,5 por cento, quando comparados com 2003.

Receita fiscal aumenta no primeiro trimestre

Mário Guerreiro

De acordo com a síntese de comportamento orçamental do primeiro trimestre de 2004, elaborada pela Direcção-Geral do Orçamento (DGO) do Ministério das Finanças, a receita fiscal aumentou 6,9 por cento quando comparada com o mesmo período do ano passado.

Os impostos directos cresceram 1,5 por cento, e os indirectos cerca de 16 por cento, com as receitas do IRC a desempenharem um papel importante no primeiro valor. A DGO admite que "a evolução favorável dos impostos directos é, em grande medida, justificada pela evolução do IRC", devido ao pagamento da terceira prestação do pagamento especial por conta. O valor do IRC referido na análise da DGO é apenas indicativo, já que a liquidação final deste imposto só vai suceder em Maio. Assim, para a DGO "embora os resultados apresentados tenham melhorado significativamente quando comparados com o mês anterior, convém chamar a atenção para a falta de representatividade destes dois meses no total do ano, dificultando a extrapolação dos valores ora apresentados para a evolução da receita no conjunto do ano".

As receitas tornadas públicas pela DGO coincidem com as indicações de Janeiro e Fevereiro. A receita do imposto automóvel verificou uma evolução mais favorável que em 2003, embora a receita do Imposto de consumo sobre o Tabaco (IT) tenha sofrido uma "evolução negativa". A receita do IT sofreu para já uma variação percentual de 21,7 pontos percentuais negativos. Para a DGO, a contracção do IT deve-se à "antecipação na introdução no consumo deste tipo de produtos em virtude da actualização da taxa de imposto do tabaco". A DGO prevê que tal "se venha a diluir" durante o ano. Em relação ao IVA, a taxa de crescimento líquida situa-se na casa dos 2,4 por cento, embora a receita bruta do imposto tenha crescido sensivelmente seis por cento em termos homólogos acumulados. Os 2,4 por cento da taxa de crescimento líquida devem-se aos reembolsos necessários.

Em relação à despesa, esta situa-se nos 1,3 por cento, um valor abaixo da inflação. A receita dos cofres nacionais está então a comportar-se "em linha com a evolução prevista no relatório do Orçamento de Estado para 2004", de acordo com a DGO, que destaca a "quase estagnação das remunerações certas e permanentes, reflectindo o impacto da política de emprego da Administração Pública", que reduziu os efectivos. Entre as "outras transferências correntes" figuram também as contribuições europeias para o orçamento da União Europeia. Entre as poupanças, podem-se ainda mencionar o fim das bonificações de juro para a aquisição de casa própria.

Inflação aumenta 0,2 por cento

Restauração e hotelaria foram as actividades que mais contribuíram para o aumento da inflação

Tiago Pimentel

O Índice de Preços no Consumidor (IPC), barómetro que pauta a inflação, registou em Março de 2004 uma taxa de variação homóloga de 2,3 por cento, superior em 0,2 por cento ao valor de Fevereiro.

À semelhança do verificado em Fevereiro, a classe dos restaurantes e hotéis foi a que mais contribuiu para a elevada variação homóloga do IPC total. Os produtos alimentares e bebidas não alcoólicas, a habitação, água, electricidade, gás e outros combustí-

veis, e os transportes contribuíram, no total, em cerca de 39 por cento para a variação homóloga do índice total. Os subgrupos com contribuições positivas mais significativas foram, à semelhança do verificado em Fevereiro, os restaurantes, cafés e estabelecimentos similares, o pão e os cereais.

A variação mensal do IPC atingiu os 0,3 por cento, superior em 0,2 por cento ao observado em Março de 2003. Em Março, a classe das comunicações destacou-se pelo valor apresentado para a variação mensal (-2,3 por cento). Para tal contribuíram as promoções verificadas nos serviços telefónicos de rede fixa, assim como a descida dos preços do equipamento telefónico. As variações mensais positivas mais elevadas foram apresentadas pelas classes dos transportes (0,8 por cento) e dos bens e serviços diversos (0,6 por cento), justificadas em grande parte pelo aumento do preço

dos combustíveis e dos transportes ferroviários de passageiros e pelo aumento dos preços dos seguros relacionados com os transportes, respectivamente.

Os diferenciais mais acentuados entre as variações mensais observadas no mês em análise comparativamente às verificadas em igual período do ano anterior situaram-se nas classes das comunicações e dos produtos alimentares e bebidas não alcoólicas. Os subgrupos que registaram variações positivas mais significativas foram os dos combustíveis e lubrificantes para equipamento para transporte pessoal, dos seguros relacionados com os transportes e dos produtos hortícolas. Nas variações negativas destacam-se os subgrupos dos serviços e equipamentos telefónicos e de telecópia.

A variação média da inflação manteve a tendência decrescente iniciada em Agosto de 2003, situando-se em

Março de 2004 nos 2,8 por cento, um valor 0,1 por cento inferior ao resultado de Fevereiro. Os dados disponibilizados para a Zona Euro indicam que o diferencial entre a inflação média portuguesa e a da Zona Euro foi, em Fevereiro, igual a 0,9 por cento, o mesmo valor que uma estimativa do Eurostat indica para o mês de Março.

O Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC) português registou um aumento de 2,2 por cento em relação a Março de 2003, um resultado superior em 0,1 por cento ao verificado em Fevereiro de 2004. A taxa de variação média dos últimos doze meses diminuiu para 2,8 por cento. Segundo as informações disponibilizadas aos Estados membros da União Económica e Monetária (Zona Euro), em Fevereiro de 2004 o IHPC português registou uma variação homóloga de 2,1 por cento, 0,5 por cento acima do valor médio da Zona Euro.

10 INTERNACIONAL



Extremistas islâmicos demonstram-se contra o plano de separação defendido por Israel e apoiado pela actual Administração norte-americana

EUA apoiam plano de separação de Ariel Sharon

Ariel Sharon obtém um importante aval político de George W. Bush

Presidente norte-americano admite pela primeira vez a manutenção de colonatos na Cisjordânia e a negação do "direito de retorno" aos refugiados palestinos

**Mário Guerreiro
Gustavo Sampaio**

O primeiro-ministro israelita, Ariel Sharon, deslocou-se até à Casa Branca na passada semana, dia 14 de Abril, para um encontro com o presidente norte-americano, George W. Bush. Em declarações prestadas à comunicação social após a reunião, Bush classificou o plano de separação unilateral recentemente tomado por Israel como "corajoso e histórico". Para além dos elogios à política seguida por Sharon, Bush apelou aos palestinos para que reconheçam o esforço israelita e respondam com semelhante "coragem".

O referido plano não contempla qualquer tipo de conversação com os responsáveis políticos palestinos e consiste na retirada israelita da

Faixa de Gaza e no abandono de alguns colonatos na Cisjordânia, de forma a criar um Estado palestino independente. Prevê igualmente a construção, já em curso, de um muro de segurança com o intuito de separar os territórios israelitas dos territórios palestinos. Uma barreira de betão que se estende por centenas de quilómetros e que anexa novas terras, cujas populações são ameaçadas de desalojamento.

Relativamente aos colonatos que Israel pretende preservar na Cisjordânia, Bush afirmou que "a realidade no terreno mudou grandemente" e, como tal, a "existência de centros populacionais israelitas" na Cisjordânia deverá constar do plano final. "É irrealista esperar que o resultado das negociações finais seja um regresso [por parte de Israel] às linhas do armistício de 1949", vaticinou o presidente norte-americano.

Sobre a questão do "direito de retorno", Bush defendeu que os refugiados palestinos, no contexto de uma solução final negociada, deverão regressar a um futuro Estado palestino e não a Israel, apoiando uma das maiores pretensões de Ariel Sharon. O "direito de retorno" envolve milhões de refugiados palestinos, e os seus descendentes, da guerra israelo-árabe de 1948, os quais pretendem regressar às suas terras que agora pertencem ao Esta-

do de Israel. Estes refugiados vivem presentemente em países circundantes como a Jordânia, o Líbano ou a Síria.

Ariel Sharon afirmou estar "encorajado" pelo apoio demonstrado pelo presidente norte-americano e enalteceu as vantagens do plano do executivo. Trata-se de um apoio importante na medida em que surge pouco antes de o referido plano ser submetido a sufrágio pelos membros do seu próprio partido, o Likud. Isto numa altura em que Sharon atravessa uma fase especialmente delicada, uma vez que está a ser judicialmente acusado por alegadas práticas de corrupção e poderá vir a ser chamado para responder em tribunal.

Rejeição palestina

O presidente George W. Bush defendeu que o plano israelita "é uma boa oportunidade para os palestinos" e apelou ao entendimento entre as duas partes. No entanto, do lado palestino surgiram diversas reacções de rejeição perante o apoio concedido por Washington à política unilateral seguida por Israel.

O actual primeiro-ministro palestino, Ahmed Qorei, acusou Bush de ser o primeiro presidente norte-americano a legitimar publicamente os colonatos israelitas implantados em território ocupado. Por sua

vez, o ministro dos Negócios Estrangeiros palestino, Saeb Erekat, referiu que as anteriores administrações norte-americanas prometeram aos palestinos que questões como a demarcação das fronteiras e a retirada dos colonatos seriam solucionadas a partir de negociações entre as duas partes. "Se Israel quer paz, tem de falar com a liderança palestina", reiterou Erekat.

"Roteiro de paz" é o único caminho

Três dias após o encontro entre Sharon e Bush, a União Europeia (UE) elaborou uma declaração onde defende o "Roteiro de Paz" como a única solução para o conflito que dura há décadas entre israelitas e palestinos. No texto, elaborado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros da UE e aprovado na Irlanda, após uma reunião de teor informal, afirma-se que a Europa está empenhada numa "solução negociada", e que essa passa pela vivência em paz de dois Estados, o israelita e o palestino, ambos com "fronteiras seguras e reconhecidas".

Na declaração pode-se ler também uma saudação ao plano israelita de evacuação da Faixa de Gaza, mas em seguida menciona-se que este deve ser "convenientemente organizado" com a comunidade inter-

nacional, de maneira a que se dê lugar à ordem, à manutenção de segurança, à reabilitação e também à reconstrução.

No mesmo documento, os ministros dos Negócios Estrangeiros mencionam ter "tomado nota" do voto de apoio de George Bush ao "Roteiro da Paz" e a uma solução negociada.

Líder do Hamas assassinado

No mesmo dia em que ficou conhecida a declaração dos ministros dos Negócios Estrangeiros da UE relativamente ao conflito israelo-palestino, as autoridades procederam a mais um homicídio selectivo, desta feita de Al-Rantissi, líder do Movimento de Resistência Islâmica (Hamas). Al-Rantissi morreu quando a viatura em que seguia para Gaza foi atacada por helicópteros israelitas. Os aparelhos dispararam vários mísseis contra a viatura de Al-Rantissi destruindo-a.

Israel já tinha tentado assassinar Al-Rantissi, em Junho do ano passado, num ataque similar com helicópteros.

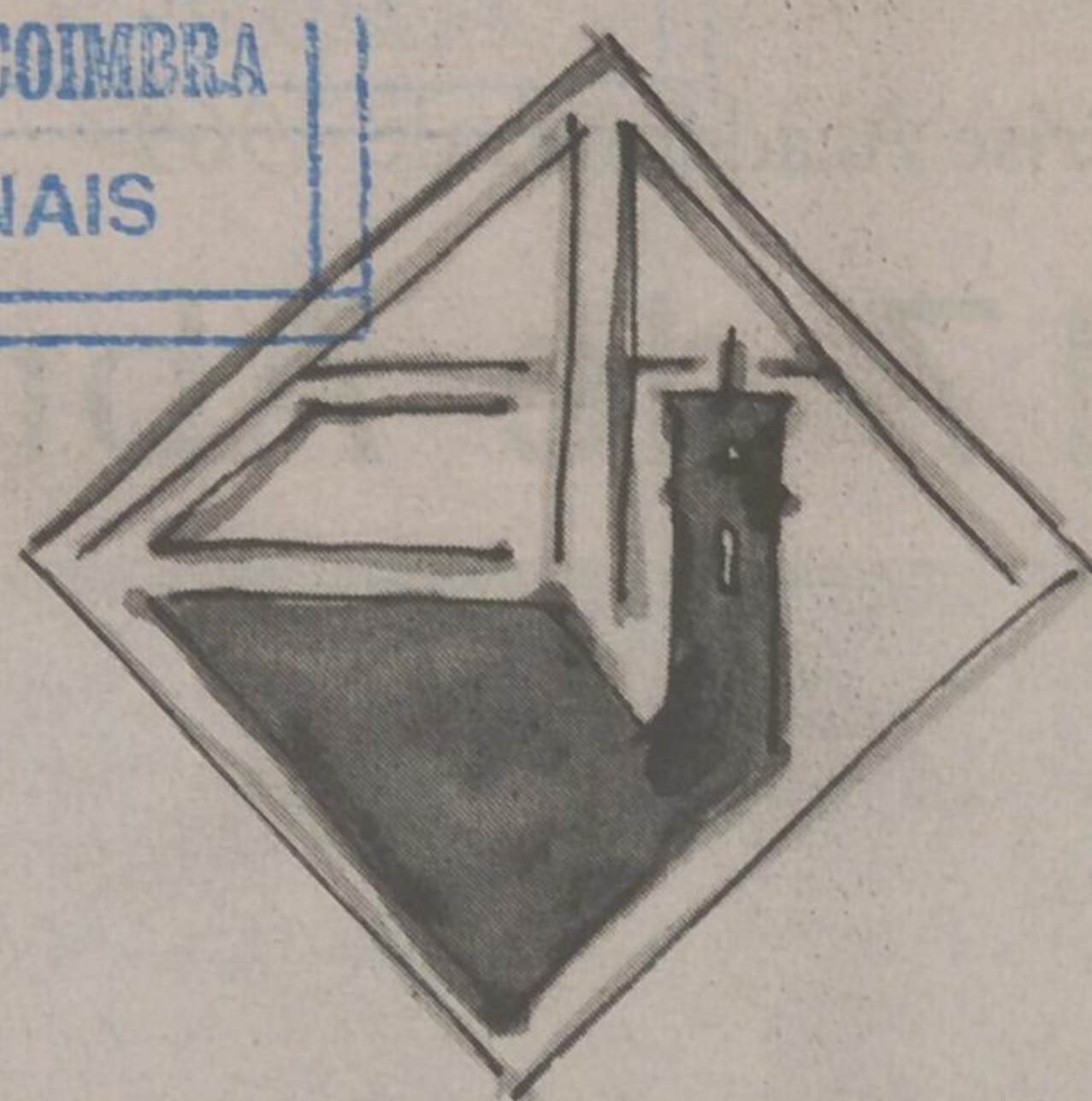
Após o anúncio oficial da morte de Al-Rantissi, um dos altos responsáveis do Hamas, Ismail Haniya afirmou que "o sangue de Abdel Aziz al-Rantissi não terá corrido em vão" e prometeu que o movimento extremista islâmico vai retaliar.

17 de Abril

35 anos de Revolução Académica

Suplemento integrado no número 112 do Jornal Universitário de Coimbra A CABRA. Não pode ser distribuído separadamente
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS



Os dias da Crise Académica de 69 revisitados

17 de Abril de 1969 - 35 anos depois



Assembleias Magnas de grande adesão marcaram a Crise Académica de 1969

Há 35 anos, os estudantes de Coimbra desafiavam o Estado Novo, expressando o seu descontentamento através do ataque à universidade, que viam como um elemento base de uma sociedade retrógrada

Margarida Matos

O 17 de Abril de 1969 foi o início de um processo de contestação estudantil em que "o objectivo era pôr em causa a universidade para pôr em causa a sociedade", e que viria a terminar na Revolução dos Cravos, cinco anos depois, a 25 de Abril de 1974.

Em 1969 Portugal vivia submetido a um governo fascista, que ao longo dos anos criara um clima de tensão provocado pela guerra colonial, pela censura à imprensa e aos meios culturais, e pela perseguição aos opositores do regime.

Neste contexto, levantava-se a voz dos estudantes de Coimbra que defendiam a liberdade, a autonomia e a democratização do ensino superior.

A repressão marcava presença no contexto universitário: a Associação Académica de Coimbra tinha à frente dos seus destinos uma Comissão Administrativa nomeada pelo governo. Entre 1965 e 1968 não foi permitida aos estudantes a escolha dos seus corpos gerentes, e no seio da Universidade de Coimbra (UC), a gestão da instituição era feita sem a presença dos estudantes nos órgãos - o Senado Universitário e a Assembleia da Universidade.

Em 1968, por iniciativa do Conselho de Repúblicas (CR) e de vários dirigentes de organismos au-

tónomos, foi criada uma Comissão Pró-Eleições: o objectivo era promover o acto eleitoral, sendo apenas possível após a recolha de 2500 assinaturas num abaixo-assinado que foi entregue ao reitor da UC, Andrade Gouveia.

Após vários avanços e recuos as eleições realizaram-se no final do mês de Fevereiro. Às eleições concorreram duas listas: a do Conselho das Repúblicas e a do Movimento de Renovação e da Reforma (MRR). O CR ganhava as eleições com cerca de 75 por cento dos votos, adoptando uma linha crítica de contestação à universidade e a todo regime em geral.

A ousadia das palavras

Um mês mais tarde, a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) recém empossada é convidada para a cerimónia de inauguração do edifício das Matemáticas da UC. A direcção-geral não só aceita o convite como manifesta publicamente a intenção de intervir na cerimónia, proferindo algumas palavras de descontentamento sobre a situação do ensino na UC e no resto do país.

A DG/AAC lançou na altura um comunicado à academia: "Em conversa tida com o Magnífico Reitor expusemos conjuntamente, Associação Académica de Coimbra e Junta dos Delegados das Ciências, a nossa pretensão em nos fazermos ouvir. Foi nos alegado que o magnífico reitor ao discursar representava a universidade, que a possibilidade de um estudante falar vinha prejudicar as prescrições protocolares e que o senhor Presidente da República tinha que visitar o edifício, o que não lhe permitia o alargar da sessão", podia ler-se no documento.

Na manhã de 17 de Abril de 1969, em frente ao departamento de Matemática as palavras de ordem eram: "Impõem-nos o diálogo de silêncio", "Intervenção das AEs na vida e nas reformas da Universidade"; "Ensino para todos", "Estudantes no Governo da Universidade", "Exigimos Diálogo", "Democratização do Ensino".

No interior do edifício, na actual sala 17 de Abril, o presidente da DG/AAC, Alberto Martins, acompanhado pelo presidente do TEUC, Luís Lopes e pelo presidente do CITAC, Luciano Vilhena Pereira, pede a palavra ao Presidente da República, Américo Tomás: "Sua excelência, senhor Presidente da República, dá-me licença que use da palavra nesta cerimónia em nome dos estudantes da Universidade de Coimbra?" Com estas palavras Alberto Martins, presidente da DG/AAC, pretendia um espaço para denunciar a necessidade de reforma e democratização do ensino, assim como as lacunas da educação em Portugal. Mas a palavra foi-lhe negada.

Depois do ministro falar, a comitiva saiu, acompanhada pelos agentes da PIDE/DGS. Nessa noite Alberto Martins é preso à porta da AAC por volta das duas horas da madrugada. A notícia espalha-se entre os estudantes que se mobilizam em frente à sede da PIDE e onde sofrem uma carga policial. Na manhã seguinte, o dirigente associativo é libertado. Mas, como represália, no dia 22 de Abril, procede-se à suspensão preventiva de todas as prerrogativas universitárias e actividades relacionadas com a universidade, e a uma intimação para processo disciplinar dos elementos da DG/AAC (Alberto Martins, Celso Cruzeiro, Osvaldo de Castro, Fernanda Bernanda, Matos

Pereira e José Gil Ferreira), um representante da Junta de Delegados das Ciências (Carlos Baptista) e Barros Moura, da Comissão Nacional de Estudantes Portugueses.

Academia em luto

Em resposta, a academia reúne em Assembleia Magna, no ginásio da AAC, com a presença de milhares de estudantes e dos professores Orlando de Carvalho e Paulo Quintela. Assim, é decretado o luto académico sob a forma de greve às aulas, transformadas em debates sobre os problemas dos departamentos e faculdades da Universidade de Coimbra, bem como do país.

A greve registava um sucesso total. Desenrolava-se uma sucessão de assembleias magnas com a participação de milhares de estudantes e onde se verificava uma crescente adesão dos docentes.

No dia 30 de Abril, numa comunicação televisiva, o ministro da Educação Nacional, José Hermano Saraiva, acusava os estudantes de desrespeito, insultos ao chefe de Estado e do crime de sedição. Conclui a dizer "que a ordem será restabelecida em Coimbra".

Neste contexto, cerca de 4000 mil estudantes marcavam presença na Assembleia Magna que se realizou no Pátio dos Geraís, no dia 1 de Maio, repudiando juntamente com o corpo docente as afirmações do ministro da Educação Nacional e reafirmando a convicção na construção de uma Universidade Nova.

De seguida, por despacho de José Hermano Saraiva, verificava-se o encerramento antecipado da UC, até ao início dos exames. Deste modo, a Assembleia dos Estudantes Grelados deliberava cancelar a Queima das Fitas, num acto de

solidariedade para com a academia e os dirigentes associativos suspensos. "Jamais aceitaremos que a alegria se confunda com irresponsabilidade...", dizia o comunicado.

No dia 28 de Maio, naquela que foi a maior Assembleia Magna da história da academia, com a presença de cerca de 6000 estudantes, é decretada a abstenção aos exames. Foi ainda deliberada a "Operação Flor" e a "Operação Balão", em que flores e balões eram distribuídos como forma de protesto enquanto não se procedesse ao levantamento das suspensões e dos processos de inquérito, exigindo-se ainda que não fossem marcadas faltas durante o período de luto académico.

Estudantes vão à guerra

No início da época de exames, dia 2 de Junho, Coimbra acorda sitiada. Destacamentos da GNR, PSP e da Polícia de Choque ocupam a universidade. Dezenas de estudantes são detidos nos dias seguintes.

Na final da Taça de Portugal entre a Académica e o Benfica, no dia 22 de Junho, o jogo transformou-se em manifestação contra o regime e cerca de 35 mil comunicados foram distribuídos à sociedade civil, nos quais estavam expostas as razões da luta estudantil. Excepcionalmente, o jogo não foi transmitido pela RTP e pautou-se pela ausência do Presidente da República.

No mês de Julho, o governo alterava a Lei de Adiamento da Incorporação Militar de modo a fazer depender dessa prerrogativa "o bom comportamento escolar" do estudante. Ao abrigo da nova legislação, meia centena de estudantes eram chamados ao serviço militar. A AAC é encerrada no dia 8 de Agosto e os dirigentes associativos e membros do movimento estudantil são detidos, sendo postos em liberdade no final desse mês.

Já em Setembro a polícia de choque impedia a realização de uma Assembleia Magna, no campo de Santa Cruz, junto ao Jardim da Sereia. A polícia usava da violência sobre cerca de 3500 estudantes - tudo em nome "da ordem pública". De seguida, procedia-se à incorporação de emergência dos dirigentes do movimento nas fileiras do exército. Centenas de estudantes despediam-se na estação, gritando "Abaixo a guerra colonial!".

A crise académica de Coimbra em 1969 tinha conduzido a uma remodelação política no sector educacional do governo. O ministro da Educação Nacional é demitido e substituído por Veiga Simão. Na Universidade de Coimbra, Gouveia Monteiro é o escolhido do novo ministro para o cargo de reitor, numa tentativa de pacificação da situação académica. Deste modo, abria-se o caminho às reformas e democratização das estruturas universitárias que, cinco anos mais tarde, o 25 de Abril de 1974 vai consagrar.

10^º SUPER BOCK & ROCK



Junho

9 - Linkin Park - Korn

10 - Nelly Furtado - Avril Lavigne

11 - Lenny Kravitz - Pixies

Fatboy Slim - Massive Attack

Bilhete de 1 dia: 38€ - Passe de 3 dias: 75€

Edição Especial 10º Aniversário - Parque Tejo - Parque das Nações

www.superbock.pt



OPTIMUS



PARQUE XPO



antena



Bilhetes à venda aos balcões do
e nos locais habituais.





Há 30 anos atrás, a Revolução dos Cravos descia também às ruas de Coimbra

E depois de Abril...

Uma visão sobre as três décadas do pós-revolução

No próximo domingo, Portugal celebra os trinta anos do 25 de Abril.

Várias personalidades do campo da sociologia, da história e da política fazem o balanço global do país

João Pedro Campos

Foi a 25 de Abril de 1974 que Portugal viu a luz da liberdade. Um pouco por todo o país, o povo saiu à rua para festejar o fim de quarenta e seis anos de um regime repressivo, um regime onde a liberdade de expressão, de reunião e de pensamento não existia. Passados que estão trinta anos, os valores de Abril continuam em discussão.

Para a directora do Centro de Documentação 25 de Abril, Natércia Coimbra, a revolução ainda está bem viva na sociedade actual, em especial pela recusa da guerra, visível nas várias manifestações populares, e pela liberdade. "Hoje vejo o mesmo espírito de recusa da guerra,

não com as guerras coloniais, mas com a guerra generalizada, com o espírito belicista que gere os destinos do mundo", sublinha Natércia Coimbra. Para a directora do Centro de Documentação, outro objectivo plenamente conseguido foi a liberdade.

Análise semelhante faz Manuel Alegre, deputado do Partido Socialista e vice-presidente da Assembleia da República (AR), ao constatar que o país está bem diferente do Portugal de 74, "e para melhor": "Há trinta anos o país estava numa ditadura e vivia em guerra. Hoje em dia vive numa democracia e já não tem o problema da guerra colonial".

Para além da liberdade e do fim da guerra, outro ponto tido em consideração nas diferenças entre o Portugal actual e o de 74 é a questão do desenvolvimento. No entender do comissário para as comemorações dos trinta anos do 25 de Abril, António Costa Pinto, quase metade dos cidadãos portugueses vivia em condições de vida modestas e não tinha cuidados primários de saúde e educação. "O país vestido de preto em cima de um burro desapareceu progressivamente nos últimos trinta anos. Portugal mudou significativamente", sublinha.

A questão dos valores da liberda-

de e da democracia é também referida como base da sociedade actual, assim como da revolução. Nas palavras de António Costa Pinto, estes são valores que caracterizam a sociedade portuguesa na actualidade. Manuel Alegre estabelece uma diferença entre a liberdade e democracia no pós-revolução e liberdade e democracia no presente. "Para nós a liberdade e a democracia foram uma

conquista, para as gerações actuais é um dado adquirido. Aqueles que já nasceram em liberdade praticam-na e vivem-na", acrescenta o deputado socialista.

Já para Amadeu Carvalho Homem, o Portugal do pós-25 de Abril é visto com algum desconcerto. O historiador e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra afirma que tudo o resto é visto

como um "falhanço estrondoso", à excepção da vertente das liberdades fundamentais: "Do ponto de vista económico, assiste-se a um capitalismo que atafalha de dinheiro quem o já tem e condena à mediocridade financeira largos sectores da produção". O docente prossegue com uma crítica aos valores culturais: "Não se vê uma política cultural englobante; temos uma socieda-

O ano da (r)evolução

A campanha das comemorações dos trinta anos do 25 de Abril levada a cabo pelo Governo é feita sob o lema da evolução. O comissário das comemorações, António Costa Pinto, justifica esta opção com o desenvolvimento que o país conheceu ao longo destes trinta anos. "Não estivemos em revolução trinta anos", sublinha.

Esta campanha tem gerado alguma controvérsia junto dos órgãos políticos, nomeadamente na oposição. Manuel Alegre considera que alguns governantes não vêm com bons olhos a ideia de que em Portugal houve uma revolução: "Algumas pessoas que querem tirar o 'R' à revolução convivem mal com o código genético da nossa democracia", acrescenta, sustentando que em Portugal a evolução que se assistiu não nasceu de uma continuidade, mas sim de uma descontinuidade.

Natércia Coimbra partilha da opinião do deputado socialista, ao referir que o 25 de Abril como facto histórico não constituiu uma evolução, frisando que o país só caminhou para esta após aprovar a constituição. Para Amadeu Carvalho Homem, o impacto do 25 de Abril na sociedade não foi assim tão notório de forma a que se possa falar de um processo significativo de evolução.

Confrontado com esta questão, Paquete de Oliveira vê a campanha como uma "propaganda fácil" do Governo, que esconde um certo atraso relativamente a outros países. O sociólogo critica ainda esta perspectiva de "evolução", assente em eventos de grande envergadura, como as capitais da cultura, a Expo 98 ou o Euro 2004: "Outras perspectivas, nas componentes da educação, da saúde ou da formação institucional, podiam ter projectado o país para uma evolução mais estruturada", sustenta.

Para além da evolução, outros aspectos serão tidos em conta nas comemorações dos trinta anos do 25 de Abril, como o conhecimento dos jovens sobre a revolução e a importância internacional desta, que abriu uma nova via de democratizações um pouco por toda a Europa, em especial em Espanha e na Grécia.

de desequilibrada, descrente, onde se assistem a fenómenos de evasão fiscal e não se cumpre o princípio da igualdade dos cidadãos perante a lei". Se para Carvalho Homem o país, numa vertente geral e de obras públicas, mudou para melhor, numa visão mais detalhada são evidentes "condições de depauperação", em especial na classe média.

O 25 de Abril nas novas gerações

Também houve mudanças no aspecto laboral e nos direitos dos trabalhadores. Com a revolução, foram alcançados direitos como as férias, o salário mínimo nacional, licença de maternidade e paternidade e o direito a faltar para assuntos urgentes, entre outros. Para o dirigente sindical e coordenador da União de Sindicatos de Coimbra (USC), António Moreira, a questão dos direitos dos trabalhadores foi uma das mais importantes da revolução. "Quem estava no mercado de trabalho antes e depois da revolução pôde constatar que esta foi extremamente importante", assevera.

Apesar destas conquistas, o coordenador da USC considera que há ainda muito a fazer: "Há direitos que foram importantes no quadro legal das relações de trabalho, mas ainda estão muito aquém do que se pratica hoje na União Europeia". Para António Moreira, a melhoria dos salários e das condições dos trabalhadores vai possibilitar melhor produtividade e maior capacidade das empresas nacionais em relação ao estrangeiro. Como tal, "o Abril de há trinta anos tem de ser um Abril de todos os dias", assinala.

A evolução da sociedade portuguesa no pós-revolução também é tema de reflexão por parte de vários autores.

Por seu lado, o sociólogo Paqueta de Oliveira considera que o país conheceu uma evolução social bastante positiva. Destaca a liberdade dos media, dos costumes e das novas gerações, e a conquista de novas condições sociais e culturais. No entanto, ainda reconhece alguns desequilíbrios entre as classes sociais.

Paqueta de Oliveira distingue três gerações na actualidade: "Temos uma primeira, que viveu conscientemente o 25 de Abril e que veio substituir as lideranças e os quadros que estavam na máquina política do antigo regime. Depois houve outra geração que penso já não ter sido tão tocada pela ruptura do regime, mas pôde gozar das liberdades de costumes e valores, do modo e qualidade de vida." Para o sociólogo, estas são actualmente gerações académicas, que se preparam para substituir em breve os líderes do pós-revolução. "Há ainda uma terceira geração, dos bancos das escolas secundárias, que vão usufruindo do novo modo de viver", ajuíza. Para Paqueta de Oliveira, a geração que actualmente está no poder ainda tem algumas heranças do passado, considerando a próxima como democrática e mediaticamente diferente desta, "com valores que podem assentar na procura de um

futuro diferente".

A questão das gerações mais jovens e a sua visão da revolução é mesmo uma das problemáticas que se coloca na sociedade actual. Para Manuel Alegre, é natural que o 25 de Abril não seja uma referência para os jovens, uma vez que já nasceram em liberdade e não passaram por situações como a guerra colonial, a perseguição pela PIDE ou a tortura. Já Amadeu Carvalho Homem, no contacto com os seus alunos, nota que há uma grande curiosidade em saber o que se passou e uma identificação com os valores da liberdade e da luta social.

Opinião semelhante à do historiador tem Natércia Coimbra, que considera que os jovens apreenderam da revolução o principal, que é a liberdade: "Para o jovem de hoje é impensável não reagir à ausência de liberdade, pois tem noção do que é ser livre", adianta. No entanto, Natércia Coimbra pensa que há algo que tem de ser feito a nível educacional e

alerta para a necessidade de um melhor ensino da história.

E o futuro?

À problemática das novas gerações vem associado o futuro do país e do 25 de Abril. Quanto ao país, há ainda muito a fazer, defende Natércia Coimbra. Para a directora do Centro de Documentação 25 de Abril, o período do pós-revolução até à entrada na CEE foi feito sem preparação, e não deu tempo à formação de elites sólidas e culturalmente preparadas. É necessário criar condições para um país mais culto e mais desenvolvido, e essas condições passam por maior formação técnica e cultural. Para isso, acrescenta Natércia Coimbra, "não se pode comemorar o 25 de Abril com os olhos no passado, mas sim no futuro. O 25 de Abril está aí para ser feito com todo o orgulho".

A eventual perda de simbologia do feriado da revolução é também vista com alguma apreensão. O historiador Amadeu Carvalho Homem considera que essa desvalorização já se começa a verificar, muito por

culpa de alguns governantes, que pretendem transformar o 25 de Abril numa "festa de foguetes" e esquecem a essência da revolução. Para o professor da faculdade de Letras, esta atitude é vista como uma acomodação da classe política aos seus cargos e um "incómodo desta perante a evocação de ideais de justiça equitativa e aprofundamento de conquistas".

A mesma opinião é partilhada por Paqueta de Oliveira, que considera os festejos do 25 de Abril desajustados para a época actual: "Tenho receio que o es-

tilo de comemoração do 25 de Abril se torne sem sentido e sobretudo num ritual que não diz nada aos mais jovens, que têm outros modos de festejar e de viver". Paqueta de Oliveira sugere uma maior "procura de acontecimentos culturais e sociais", de forma a evitar que o 25 de Abril caia no marasmo e se torne, à semelhança do 5 de Outubro ou do Primeiro de Dezembro, numa data festiva que perca o seu sentido histórico e cultural.



A revolução em Coimbra

Foi ao som de "E Depois do Adeus", de Paulo de Carvalho, que se deu início às operações militares contra o regime repressivo em que Portugal vivia. Estava dado o mote para o início da revolução, confirmado com a senha do Movimento das Forças Armadas (MFA), a canção "Grândola Vila Morena", de José Afonso, transmitida pela Rádio Renascença.

Enquanto nas ruas da capital o povo vibrou com as operações militares, na cidade de Coimbra, o 25 de Abril foi vivido com grande alegria. Natércia Coimbra, na altura estudante de Direito, lembra que a Associação Académica de Coimbra foi a primeira academia do país a fazer uma Assembleia Magna, logo no dia 26, em que foi aprovada uma moção de apoio ao MFA. Até ao dia 28, viveu-se uma grande agitação na cidade devido à resistência de polícias e agentes da PIDE, que se barricaram nas instalações da polícia política, na Rua Antero de Quental.

Posteriormente deu-se uma alteração dos órgãos de poder, com a criação de uma comissão administrativa na câmara municipal e a mudança do reitor, com a substituição de Cotelo Neiva por Teixeira Ribeiro.

VARELA PÉCURI



Sede da PIDE/DGS em Coimbra, com o povo a saudar as forças militares com flores

14 CIÊNCIA

“Toda a gente se está a formar sem saber bem para quê”

Vice-presidente da Agência de Inovação defende que é preciso definir prioridades para o país

LILIANA GUIMARÃES

São já mais de 300 os projectos apoiados pela Agência de Inovação, um organismo do Estado para a promoção da investigação e desenvolvimento

João Pereira

Um sistema de ensino mais “aberto e dinâmico” que procure fomentar o espírito inovador “desde a escola primária”. É esta a proposta de Joaquim Borges Gouveia, vice-presidente da Agência de Inovação (AdI), também professor na Universidade de Aveiro. “Nas minhas aulas práticas o objectivo é criar uma empresa”, sublinha.

Que tipo de articulação há entre a AdI e as universidades?

A AdI funciona com um conjunto de programas que foram definidos pelos Ministérios da Economia e da Ciência e do Ensino Superior e que a agência segue. A partir daí, o que a AdI faz é organizar os programas e fazer com que as empresas e centros de investigação possam desenvolver candidaturas a esses programas.

A AdI vai apoiar a criação de centros de investigação nas empresas. Estes centros são potenciais saídas profissionais para os investigadores das universidades?

Estes centros vão ser potenciais empregadores de emprego qualificado: mestres e doutores e também licenciados. É nosso objectivo a criação destes centros nas empresas para acrescentar ao sistema nacional de ciência e tecnologia um novo conjunto de entidades, que são os centros de investigação privados pertencentes a empresas que precisam dessa investigação. Eu vou gostar de ver qual vai ser a atitude das universidades para fixar os melhores investigadores. Porque se as empresas apostarem fortemente nos centros de investigação, vão buscar os melhores.

Actualmente, qual é o perfil das empresas com maior tendência para investir na investigação a este nível?

Em primeiro lugar, são as maiores empresas portuguesas. Essas têm uma necessidade urgente de uma estratégia para desenvolver novos produtos e novos serviços. Para desenvolver novos produtos e serviços é preciso ter uma nova organização e novos processos produtivos. A inovação surge nestes vectores e é neles que as empresas acabam por ter uma necessidade fundamentada de fazer inovação.

É significativo o número de empresas realmente inovadoras em Portugal?

Há muita inovação em Portugal que não está contabilizada e que não está visível. E não está visível porque eu tenho a ideia de que a maior parte das pessoas não sabe do que está a falar quando fala de inovação. Enquanto as pessoas não perceberem o que é inovação, como é que a podem fazer? Aparece muitas vezes na imprensa ou na comunicação das empresas uma atitude inovadora, actividades inovadoras, mas a inovação tem que ser vista de formas mais estratégicas. Sob esse ponto de vista há muitas empresas em Portugal que fazem inovação. Se não, não se manteriam no mercado. Agora, há menos empresas a serem proactivas.

Como é que se pode chegar à proactividade? É uma questão de atitude ou de investimento?

Passa por uma mudança de atitude...

“Se as pessoas tiverem uma formação elevada, vão ter capacidade de inovar”

O problema não é o investimento. É necessário promover nas nossas escolas - da escola primária - a criação de empresas como valor essencial. Esse estímulo à criação de um espírito empreendedor é necessário, para que, quando alguém resolver fazer uma coisa diferente, não seja castigado por isso. E neste aspecto a escola portuguesa castra muito os estudantes porque os obriga a linhas de orientação muito restritivas. Tem que ser muito mais uma escola aberta, dinâmica, tem que apostar muito mais em trabalhos de grupo, em experimentação no terreno, em actividades desportivas. Para que toda a gente que passa pelo sistema educativo seja inovadora e não sejam inovadores só aqueles que estudaram engenharia.

Acha que cursos como os de Engenharia de Gestão Industrial caminham no sentido de dar formação na área do empreendedorismo?

Eu acho que qualquer curso tende a caminhar nesse sentido. Há cursos que nós dizemos: “Não são cursos muito voltados para as empresas”. Mas no curso de Farmácia, por exemplo, quase toda a gente que o faz vai montar um negócio próprio. Se essa pessoa tiver à partida uma formação em gestão e for empreendedora, vai melhorar os negócios onde está inserida. Há tipos de formação que não são para cursos específicos. Quem faz os cursos de Gestão Industrial até tem mais dificuldade em criar empresas. É tal a procura nessa área que um jovem quando acaba o curso tem emprego garantido. Só vai criar uma empresa se tiver vocação para isso, se for filho de empresários...



O vice-presidente da AdI sublinha que “a escola portuguesa castra muito os estudantes”

Ainda não há prioridades definidas

Qual é o estado da inovação em Portugal comparativamente com o resto da União Europeia?

De acordo com os indicadores que tenho, estamos numa linha baixa. Precisamos de melhorar. Mas isso não se faz de um momento para o outro. Em Portugal, em 1973 havia três universidades. Em 2000 já o panorama era diferente. O crescimento significativo do número de estudantes no ensino superior, quer seja nas universidades, que nos politécnicos, vai com certeza conduzir a uma muito melhor performance do sistema de inovação nas empresas. A inovação implica pessoas com conhecimentos científicos muito elevados. Tem que haver uma camada da população com uma formação académica elevada, seja ao nível de bacharelato, de licenciatura, ou ao nível das escolas tecnológicas. Se as pessoas tiverem essa formação, vão ter capacidade para inovar.

Não há formação suficiente?

Não. E temos formação de “tudo por todos”. Isto é, toda a gente se está a formar sem saber bem para quê e sem definir os alvos. Neste momento, acho que ainda não há prioridades definidas em Portugal. Na Dinamarca, toda a gente sabe que as biociências e a sociedade de informação são prioritários.

Quais deviam ser as prioridades em Portugal?

Essencialmente, a área da biociência e da energia e ambiente.

Quanto tempo acha que vai demorar a recuperar o atraso em relação à Europa?

Isso depende da política do país. Recuperar em menos de uma geração é muito difícil. A inovação é o resultado de formar pessoas cada vez em maior número e com maior qualidade. Então é possível ter inovação e fazer com que os indicadores cresçam rapidamente.

Missão: inovar

A Agência de Inovação, S.A. é uma empresa criada em 1993, cujo capital é actualmente detido em partes iguais pelos Ministérios da Ciência e do Ensino Superior e da Economia. De acordo com o vice-presidente da agência, Joaquim Borges Gouveia, “a AdI foi criada com uma missão: a promoção e o financiamento da inovação”. Borges Gouveia salienta que o novo conselho de administração definiu com a tutela as linhas orientadoras da AdI: “A sensibilização da inovação e do empreendedorismo na sociedade portuguesa e a organização da articulação entre as universidades e as empresas”. Ao nível europeu, a AdI, associou-se recentemente à Associação para a Implementação da Tecnologia na Europa, que “é o parceiro privilegiado da União Europeia na definição de políticas de inovação”.

Entrevista a Alberto Martins, presidente da DG/AAC de 1969

“O 17 de Abril mudou a minha vida e a da geração de 69”

Mais de três décadas depois, o antigo dirigente da academia coimbrã afirma que “Coimbra foi durante 69 a ilha da liberdade de Portugal”

Margarida Matos

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica Coimbra em 1969, Alberto Martins, ficará para sempre ligado à imagem do homem que desafiou o regime fascista, ao pedir a palavra na sessão solene da inauguração do edifício das Matemáticas, a 17 de Abril de 69.

A inauguração das Matemáticas, a 17 de Abril, foi o pontapé de saída para a crise académica de 1969. Como viveu essa manhã?

Foi um momento mágico. Esse episódio foi crucial na revolta dos estudantes, pois a partir daí os estudantes, juntamente com a maioria do corpo docente, contestam o regime político e a universidade que era o seu espelho. Coimbra foi nesse período uma ilha de liberdade no combate à ditadura.

Tinha consciência que, provavelmente, iria ser preso. Estava realmente nervoso. Tinha decidido pedir a palavra no dia anterior. A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) tinha discutido quem o faria. Eu era um tipo muito tímido e até nem tinha grande “lata” para falar. Mas a determinada altura pensei que quem tinha que pedir a palavra era o presidente da DG/AAC e logo ficou resolvido o problema.

Por outro lado, resolveu-se que o pedido seria feito com toda a carga simbólica, daí ter sido feito de capa e batina. Lembro-me até que pedi a batina a um amigo meu, já que a minha estava toda. Hoje, visto a esta distância, foi um momento de grande tensão e nervosismo. Eu não sabia quando haveria de me levantar. Queria fazê-lo no momento exacto e de forma a que não fosse

visto como um acto arruaceiro. Essa imagem não desaparecerá da minha memória: eu levanto-me e o [Américo] Tomás levanta-se vermelho e todos o acompanham: o ministro da Educação, o ministro das Obras Públicas, o ministro da Justiça, o reitor, os comandantes militares e os chefes da PIDE. Sou fulminado pelo olhar de alguns tipos. Depois de ter pedido a palavra estava felicíssimo. Sabia que a partir daí estava feito. Mas estava muito feliz porque o motivo essencial para mim era a honra da academia que eu estava a representar. Era uma luta contra tudo - contra o medo, contra a ditadura.

O que é pensou quando foi detido na madrugada do dia 18 de Abril de 1969?

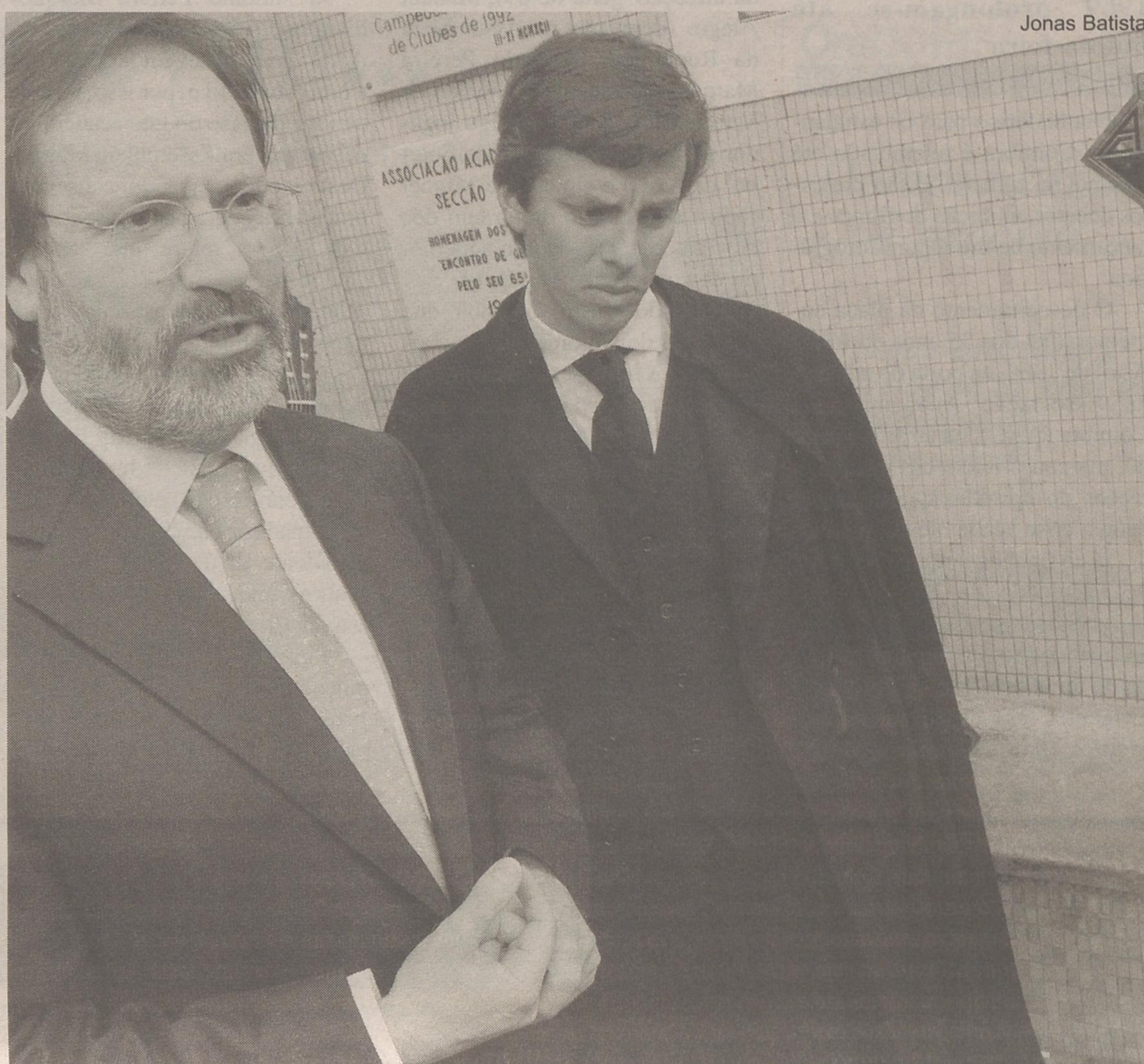
Quando aceitei a responsabilidade de pedir a palavra em nome dos estudantes da Universidade de Coimbra, tinha a noção de que aquele acto poderia mudar a minha vida e que o preço a pagar ia ser alto.

Felizmente esse dia mudou a minha vida e fez-me percorrer novos caminhos. Esse acto mudou a vida e a da geração de 69. Tinha quase a certeza que ia ser preso, submetido a um interrogatório

violento. Mas eu não estava ligado a nenhum partido político, era independente e o facto de a nossa luta ser legal incomodava o regime. Recordo-me que quando estava a ser interrogado ouvi um grande barulho que vim a saber mais tarde que era um grupo de estudantes que se tinham dirigido até à sede da PIDE/DGS para saberem de mim e que sofreram uma carga policial. Pensava que ia permanecer preso vários dias mas acabei por ser libertado ao outro dia ao meio-dia, o que foi uma surpresa. A seguir a ser libertado fui para a Assembleia Magna sem dormir já há dois dias.

Quais os episódios que considera terem sido fulcrais na crise académica de 1969?

Há três momentos mágicos no processo de contestação estudantil:



Alberto Martins acompanhado de Miguel Duarte, actual presidente da DG/AAC

o primeiro é o 17 de Abril de 1969, o dia em que os estudantes desafiam o regime fascista ao pedirem o uso da palavra na cerimónia de inauguração do edifício das matemáticas da Universidade de Coimbra. A partir daí os estudantes constituíram um poder alternativo no seio da Universidade de Coimbra. O segundo momento determinante foi a greve de exames, que contou com uma adesão de 85 por cento dos estudantes. Como muitos estudantes chumbaram de ano, a maior parte foram incorporados no exército para irem combater para a guerra colonial que se arrastava desde 1961. O exército que era o espelho da pátria da juventude serviu nesse momento como forma de castigo para aqueles que eram considerados pelo regime como traidores da pátria. O terceiro momento foi, sem dúvida, a final da Taça de Portugal, no dia 22 de Junho de 1969, que opôs a Académica ao Benfica. Este jogo, no qual distribuímos cerca de 35 mil comunicados à sociedade civil, e nos quais estavam espelhadas as razões da nossa contestação, foi descrito por um jornalista como o maior comício anti-fascista antes do 25 de Abril de 1974.

Qual foi o verdadeiro impacto que o 17 de Abril teve na academia, na universidade e no próprio país?

É claro que teve uma importante repercussão, pois a nossa contestação uniu os estudantes, a maioria dos docentes e teve mesmo o apoio

de parte dos habitantes da cidade quando resolvemos cancelar a realização da Queima das Fitas. Mas como vivíamos em ditadura e a censura era implacável, o relato dos acontecimentos era feito da forma como o regime queria e não com eles realmente aconteciam.

Este país precisa de ser abanado

Acha que a crise académica foi um passo importante para o 25 de Abril de 1974?

O 25 de Abril de 1974 é um acto fundador, é uma revolução e isso implica anos de resistência, enquanto a luta estudantil de 1969 é um acto de vanguarda da resistência à ditadura. A juventude universitária tinha um encaminhamento directo para a intervenção cívica: a guerra colonial. Os estudantes universitários tinham guia de marcha para os oficiais milicianos. Daí que a ligação da universidade aos oficiais de Abril foi imediata. Nós demos um contributo decisivo a nível de consciência cívica e de mensagem aos colegas da Academia Militar que fizeram o 25 de Abril.

Muito se tem falado no crescente desinteresse dos estudantes

pelas questões da academia e mesmo do ensino superior. Pensa que os estudantes têm perdido impacto junto da sociedade?

Os problemas com que os estudantes actualmente se confrontam devem ser equacionados pelos estudantes de hoje. Mas tenho a noção que os problemas actuais não são mais fáceis que os de 1969. Hoje os estudantes enfrentam outros desafios, tais como o desemprego, a inserção profissional, social e cultural, a adequação do ensino às necessidades de mercado do país, que no meu tempo não existiam. Mas temos que ver nos estudantes desta sociedade uma premonição do futuro, do que o amanhã nos vai revelar. Os estudantes têm sido sempre uns grandes reveladores e têm ocupado sempre o papel de

vanguarda cultural. O estudante é sempre um detonador da insatisfação social. Se há algum agente social, algum elemento sensível a todos os terremotos, esse é sem dúvida o estudante. No fundo, é a minha própria memória pessoal. Posso deixar como conselho à juventude: arrisquem, construam sonhos e utopias, porque são o futuro. Isto não é apenas uma frase cronológica, mas este país precisa de ser abanado e só uma juventude lúcida tem capacidade para o fazer.

“Tenho a noção que os problemas actuais não são mais fáceis que os de 1969”

Uma luta diferente

Na década de 60 as reivindicações dos estudantes eram diferentes das de hoje. Uma melhor acção social ou o regime de prescrições eram questões que então ainda não faziam parte da contestação estudantil: “As nossas bandeiras de luta eram a oposição a um regime que já não servia ninguém, um regime onde a censura e as perseguições

vigoravam e a guerra colonial existia”, explica Alberto Martins, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra em 1969. Os estudantes pediam uma democratização do ensino e a “construção de uma universidade nova, aberta para o mundo, onde a gestão democrática das universidades fosse uma realidade”.

Comemorações dos 35 anos do 17 de Abril

Academia celebra 17 de Abril

Eventos comemorativos da Crise Académica de 1969 prolongam-se até quinta-feira

Dia histórico para os estudantes de Coimbra é relembrado até ao final da semana. Estão previstos debates, exibição de filmes e o lançamento de um álbum fotográfico

O descerramento da placa comemorativa dos 35 anos do 17 de Abril de 1969, na porta do edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC), na tarde de sábado, marcou o início das comemorações do episódio que desencadeou a crise académica.

Já ao final da tarde, o auditório da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra assistiu ao reencontro dos protagonistas do 17 de Abril de 1969. Antigos dirigentes associativos, Alberto Martins (presidente da direcção-

geral de 69), Celso Cruzeiro e Osvaldo Castro (vice-presidentes da direcção-geral de 69), Manuel Alegre (deputado na Assembleia da República), António Pereira Marques (presidente do núcleo de Veteranos da AAC e antigo jogador de futebol da Secção de Futebol da AAC) e ainda José Miguel Júdice (bastonário da Ordem dos Advogados), reavivaram a memória da contestação estudantil.

Osvaldo Castro afirmou que existiram dois momentos cruciais na luta dos estudantes. O primeiro "foi o 17 de Abril de 1969 em que os estudantes ficaram conscientes que podiam tomar o poder e assim conduzir a uma mudança". O antigo dirigente associativo elegeu a Assembleia Magna do dia 22 de Abril como o segundo momento, pois "contou com a presença de Paulo Quintela e Orlando Carvalho, docentes que ajudaram a mobilizar o resto dos professores". Assim, "estudantes e a maioria

dos docentes estavam unidos na luta contra o regime", salienta.

Já António Pereira Marques disse que a Secção de Futebol da AAC "sempre se solidarizou com a luta estudantil e, por isso, respeitaram a decisão do luto académico deliberada em Assembleia Magna. Deste modo, os jogadores usavam braçadeira negra nos jogos e o antigo jogador refere, que "apesar das restrições impostas ao luto académico, os atletas iam contornado essas limitações".

António Pereira Marques revelou ainda que, caso a Académica tivesse ganho a final da Taça de Portugal no dia 22 de Junho, frente ao Benfica, os jogadores tinham combinado ir entregar o troféu ao presidente da DG/AAC, Alberto Martins, enquanto símbolo da luta estudantil.

Também Celso Cruzeiro afirmou que com o 17 de Abril de 1969 "se pôs em causa pela primeira vez um regime fascista, au-

toritário, uma vez que a geração de 1969 não podia conceber desigualdades". 35 anos depois, o antigo dirigente associativo referiu que, "embora em contextos diferentes estamos bem longe de acabar com as desigualdades e as injustiças". No final do debate, antigos e actuais estudantes desfrutaram de um jantar no Centro Cultural D. Dinis, onde conviveram ao som de grupos da Secção de Fado da AAC e do grupo de antigos orfeonistas da AAC. Já no domingo ao final da manhã, no Estádio Cidade de Coimbra, reeditou-se a final da Taça de Portugal do dia 22 de Junho de 1969, em que o clube da luz venceu por 2-1. Tal como em 69, os veteranos do Benfica conseguiram vencer os veteranos da academia, mas desta vez por 1-0, com um gol de Dimas. No final do jogo, todos os intervenientes eram unânimes em considerar que a amizade e o desportivismo acabaram por dominar o encontro.

Agenda

20 de Abril de 2004

18h - Debate: "As crises Académicas - uma crise por uma palavra" nas Escadas Monumentais, com a presença de três jornalistas (por confirmar):

- Gabriela Lourenço
- Jorge Costa
- Paulo Pena

21h - Nas Escadas Monumentais actuação dos grupos de fados e tunas da Associação Académica de Coimbra;

21 de Abril de 2004

21h - Cinema ao Ar Livre nas Escadas Monumentais sobre os temas "17 de Abril de 1969" e "25 de Abril de 1974";

22 de Abril de 2004

17h - Lançamento de um Álbum Fotográfico sobre o 17 de Abril de 1969 na Sala Dr. Lúzio Vaz.

17 de Abril em imagens



DESPORTO 15

E tudo o vento levou...

Em vantagem por duas vezes, a Briosa perde num jogo em que o vento foi determinante

A Académica saiu derrotada de Vila do Conde. O Rio Ave conseguiu dar a volta ao resultado e interrompeu a série positiva dos estudantes

**Bruno Gonçalves
Tiago Pimentel**

Após a vitória folgada por 4-0 frente ao Alverca, a Académica viajou até Vila do Conde com o objectivo de conquistar pontos na luta pela manutenção. A Briosa apresentou-se com uma tática diferente, destacando-se o regresso de Filipe Alvim ao onze inicial. Assim, Pedro Roma esteve na baliza; Zé António e Tonel foram os centrais, com Nuno Luís na direita e Tixier na esquerda. No meio campo estiveram Rodolfo e Lucas, com Alvim e Fredy a explorar os flancos. Joeano e Fábio Felício foram os homens mais avançados.

Os estudantes entraram bem na partida e, jogando a favor do vento, tiveram algumas oportunidades para inaugurar o marcador. Com 15 minutos de jogo, Nuno Luís, numa grande arrancada pelo seu flanco, conseguiu libertar-se de Miguelito e centrou para a pequena área, onde encontrou Joeano, que fez o primeiro golo da tarde. No entanto, a vantagem da Académica durou pouco tempo. No minuto seguinte, o azarado Tixier introduziu a bola na própria baliza, fazendo o 1-1.

A Briosa não tardou a regressar à vantagem, desta vez num lance muito infeliz do guarda-redes Mora. Nuno Luís fez o centro para a área e Mora, traído pelo vento, deixou passar a bola, com Joeano a aproveitar para marcar o segundo golo da Académica. Os vila-condenses tentaram reagir e levaram algum perigo à baliza dos estudantes, valendo a atenção de Pedro



A Académica não conseguiu sustentar a pressão do Rio Ave

Roma.

Na segunda parte, o Rio Ave entrou mais forte e pressionante, empurrando a Académica para o seu meio-campo, o que viria a revelar-se fatal no desenrolar da partida. Contudo, nos primeiros minutos, os vila-condenses limitaram-se a controlar a partida, sem criar situações flagrantes de golo.

Só ao minuto 69 o Rio Ave ameaçou realmente a baliza da Briosa, com um forte remate de Evandro, a que Pedro Roma respondeu com uma brilhante defesa. Três minutos mais tarde, a equipa da casa repôs, pela segunda vez, a igualdade no marcador. Ronny cabeceou sem hipóteses para Pedro Roma. Aos 76 minutos, o Rio Ave chegou novamente à baliza da Académica, com alguma confusão à mistura. Niquinha, em frente à baliza, não desperdiçou a oportunidade e marcou o terceiro golo, frente

a uma defesa sem reacção, garantindo os três pontos para a equipa da casa.

Face aos resultados da jornada, as contas da manutenção compli-

cam-se, com o Alverca a alcançar a Académica na tabela classificativa, com 32 pontos. A um ponto de distância encontram-se o Belenenses e o Vitória de Guimarães.

Nas cabines...



Carlos Brito,
treinador do
Rio Ave

- "Sabia que ia ser um jogo complicado, para uma e para outra equipa".
- "Na primeira parte, contra o vento, fomos sempre a equipa que tentou ganhar o jogo".
- "A Académica fechou-se muito no seu meio-campo, o que nos dificultou a acção atacante".
- "Na segunda parte, acho que não estivemos tão bem".



João Carlos Pereira,
treinador da
Académica

- "Não foi um jogo agradável, deve ter sido bastante fastidioso ver uma partida desta natureza".
- "Entrámos numa fase em que a luta pelos pontos é importante e nós não contribuímos para a mudança do cariz do jogo".
"Acreditava que tínhamos capacidades para sustentar o ímpeto do Rio Ave".

Râguebi da Académica vence Belenenses

A Académica lançou-se na "final four" com uma vitória por 16-14

Rui Pestana

Após uma pausa no campeonato nacional de râguebi, a Académica e o Belenenses defrontaram-se no Estádio Universitário de Coimbra para o primeiro jogo do "final four". Um jogo típico de começo de época, tecnicamente muito fraco, mas com incerteza no marcador

até ao apito final. O resultado foi fixado já no período de descontos quando Serban Guranescu marcou uma penalidade e deu a vitória à Académica por 16-14.

Na primeira parte, o "quinze" da Académica começou a favor do vento e Serban aproveitou para, aos oito minutos, colocar os anfitriões a vencer por 3-0. O Belenenses não desarmou e aos 25 minutos chegou ao empate por Francisco Moreira. Contudo, uma nova penalidade a cinco minutos do intervalo deixou os estudantes irem para o descanso com uma vantagem de 6-3.

Após o reatamento, e desta vez a

jogar a favor do vento, o Belenenses tornou a empatar a partida. Aos 55 minutos, Nuno Sequeira colocou a Académica em vantagem por 13-6 com um ensaio de belo efeito. Do lado da equipa da "cruz de cristo", Francisco Moreira era o mais inconformado e foi mesmo o número 15 que reduziu para 13-9.

Nos últimos minutos, a vantagem magra deixou pouco tranquila a turma de Coimbra e, no único ensaio que concretizou em toda a partida, o Belenenses virou para 13-14. Mesmo em cima do final da partida, o árbitro Ferdinando Sousa assinalou uma penalidade em fren-

te aos postes. Chamado a converter, o academista Serban não perdoou e fixou o resultado em 16-14 para os da casa.

No final da partida o treinador da Académica, Rui Carvoeira, não gostou da exibição da sua equipa, mas realçou que "mesmo a um nível abaixo do possível, fomos melhores e teria sido injusta a derrota".

Nesta "final four", a Académica tem como adversários o Belenenses, Direito e Agronomia. No sábado, os estudantes deslocam-se a Monsanto onde vão defrontar a equipa de Direito.

Orabolas!

António Gil Leitão

Opinião

Democratizar é preciso

"É que isto, talvez, já não vá lá' com a 'mudança na continuidade'. Será assim?"

De vez em quando ouvimos dizer: "É preciso fazer o 25 de Abril no futebol!". A evocação já é, por si só, elucidativa. É que isto, talvez, já "não vá lá" com a "mudança na continuidade". Será assim?

Democratizar, é preciso?

A actual estrutura do futebol profissional, concentrada na Liga de Clubes, respeitará, de alguma forma a "separação dos poderes"? Quem regulamenta? É a Liga, através da assembleia geral, normalmente sob proposta da direcção. Quem executa? É a Liga, através da direcção. Quem julga? É a Liga, através da comissão disciplinar da Liga. Quem escolhe o presidente da comissão disciplinar? É a Liga, através da assembleia geral, normalmente por escolha do presidente. Não terá o presidente da comissão disciplinar o dever de, pelo menos, manter uma "solidariedade institucional" com o presidente da Liga? Quem regulamenta? Quem executa? Quem julga?

E os "direitos cívicos"? Serão respeitados? Podem os jogadores e treinadores falar depois dos jogos? Podem os árbitros falar (antes ou depois dos jogos)? E os dirigentes, estão submetidos a alguma "lei da rolha"? Podem os clubes, unilateralmente, afastar os adeptos adversários dos seus estádios? Podem decretar o preço dos bilhetes, para jogos entre clubes do fundo da tabela, a 40 euros?

O futebol português tem estádios novos. Mas terá uma estrutura, uma organização "nova"? Não temos, volta meia volta, confusões administrativas? Regulamentos que se aplicam em certos casos mas noutros não? Ou outros "feitos à pressa" para se aplicarem a uma situação qualquer? (Se o Rio Ave ficar, por hipótese, em 5º lugar, e garantir no campo uma presença na UEFA, poderemos assistir a mais um belo exemplo, com a sua inscrição ou não). E a "reforma da competição"? Reduzir em dois clubes as ligas profissionais, será uma "reforma"? Resolverá o problema da competitividade e da viabilidade económica?

E a tantas interrogações o "poder oficial" responde:

- Que diabo! Temos o Euro2004! Os estádios mais modernos da Europa! Um clube na meia final da "Liga milionária"! O que é que querem mais?! Se virmos as estatísticas, vemos que o futebol português tem evoluído!! Para o ano até temos mais clubes na UEFA!! De que se queixam, afinal?!

Pois é... Parece que afinal é tudo uma questão de "R": revolução ou evolução.

Futsal convence e joga liguilha

Em jogo correspondente à última jornada da fase regular da III divisão nacional, o futsal da Académica impôs-se ao Cernache, por 7-3

Tiago Almeida

Para poder aspirar à subida directa ao segundo escalão, a equipa da Académica precisava obrigatoriamente de vencer e esperar a perda de pontos do líder Fundão.

À frente do guarda-redes Gouveia, Moreira, Batalha, André Matos e Luisinho constituíram o quinteto inicial. Desde muito cedo, a equipa da casa confirmou o favoritismo, perante um adversário pouco sólido defensivamente.

Aos sete minutos de jogo, a Académica já vencia por 3-0. Luisinho, com um hat-trick, foi o finalizador de serviço, aproveitando as falhas de marcação na área visitante. Ferrão, o guardião do Cernache, era impotente, perante o vendaval ofensivo sofrido pela sua equipa. Aos nove minutos, Zito, na conclusão de um contra-ataque conduzido pela direita do ataque academista, ampliou para 4-0. Embora com um resultado desnivelado, o Cernache não se entregou à força adversária e procura o golo, valendo à Académica a segurança e atenção de Gouveia. Aos catorze minutos, depois de um passe de grande qualidade de João Filipe, o capitão Pichel foge em velocidade ao seu adversário directo, contorna Ferrão e faz o quinto golo. Antes do fim da primeira parte, o Cernache consegue ainda reduzir o marcador, por Paulo Alves, na conversão de um livre directo.



Futsal da Académica vence Cernache, num jogo em que os estudantes foram sempre superiores ao adversário

Motivada por uma vantagem tranquila, a Académica reaparece, na segunda parte, a jogar bom futebol. O golo de Moreira, depois de mais uma enorme falha defensiva, a fazer o 6-1, acaba por traduzir melhor a supremacia da equipa da casa. O Cernache, com Beto em destaque nesta fase do encontro, responde, aos nove minutos, com o seu segundo golo. Martinho, chamado a marcar outro livre directo, não dá hipóteses a Gouveia.

A vitória da equipa da casa já não levantava dúvidas. Aliado a este facto, as várias substituições feitas quebram o ritmo de jogo, que acaba por perder qualidade.

A quatro minutos do fim, Pichel,

com um passe muito bem medido, por cima dos defesas visitantes, encontra Benedito, que, de primeira, assina o sétimo golo da Académica. O mais bonito da tarde.

Pouco tempo depois, Luisinho, isolado frente a Fernando, falha o chapéu, rematando ao lado. O Cernache, incapaz de sustentar, neste jogo, o ataque academista, consegue, perto do fim, obter ainda o seu terceiro golo. Tiago encontra Gustavo, desmarcado dentro de área, que desvia a bola do alcance de Gouveia.

O apito final do árbitro coincide com a notícia da vitória do Fundão, deixando a Académica em segundo lugar da série B do terceiro escalão. Deste modo, a equipa conimbricen-

se vai disputar uma liguilha, com os segundos classificados da série A (Valadares) e C (Vitória de Setúbal) para apurar o último clube a subir de divisão.

Francisco Batista, o treinador da Académica, confia no futuro: "Temos uma boa equipa, com grandes possibilidades daqui para a frente. Hoje, apesar de este ser um derby com características especiais, conseguimos impor-nos". Já o treinador do Cernache, Miguel Tente, lamentou os "erros comprometedores que dificultaram a já por si difícil missão de travar um adversário desta qualidade", queixando-se ainda da "descompressão inicial, fatal para o desfecho do encontro".

Amantes dos motores têm pró-secção

Filipa Oliveira

Há cerca de um mês que os desportos motorizados são candidatos a secção desportiva da Associação Académica de Coimbra (AAC). Apesar de já ter havido uma tentativa de criação há alguns anos, apenas agora se reuniram as condições necessárias para divulgar os desportos motorizados no âmbito universitário e da AAC, sublinha o vice-presidente da Pró-Secção de Desportos Motorizados, Samuel Prante.

Para além de provas de karting e do rally paper integrado no programa desportivo da Queima das Fitas, Samuel Prante afirma que "estão em mente provas de outro tipo como kartcross, com um piloto que à partida vai competir pela secção". Para já, o nome do piloto "ainda não pode ser revelado".

Apesar de terem sido criados recentemente, os desportos motorizados contam já com bastantes sócios, que beneficiam de certas vantagens, como promoções ou descontos em combustíveis e noutro tipo de produtos para veículos motorizados. A pró-secção destina-se essencialmente a estudantes universitários, podendo também ser integrada por pessoas que não pertencem à universidade. Segundo Samuel Prante, "existe uma maior adesão por parte do público masculino", mas alega "haver também já algumas mulheres interessadas neste tipo de desporto".

A primeira actividade deste organismo, que conta com o apoio da Queima das Fitas e da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, realiza-se no próximo dia 28, com a "Kartada", uma prova de karts, que vai ter lugar no circuito de Vila Nova de Poiares.

Estudantes conquistam segundo lugar na fase regular

Depois de um prestação supreendente na primeira fase da prova, o basquetebol da Académica inicia, no próximo sábado, os playoffs. No primeiro jogo da eliminatória, a Biosa recebe o Vitalis Santarém

Bruno Vicente

A Académica esteve perto de vencer a fase regular mas, na última jornada, cedeu uma derrota em Sangalhos, enquanto o rival Sampaense, a jogar em casa, venceu o último classificado. Assim, no final, as duas equipas do distrito de Coimbra partilharam o topo da tabela, com os mesmos pontos. Contudo, a vantagem por

média de cestos foi favorável ao Sampaense.

Neste contexto, o treinador da Académica, Samuel Veiga, diz "não estar chateado com a situação, até porque mais motivos para isso têm os jogadores, que entraram no jogo para assumir o primeiro lugar".

Após os desafios da fase regular, o calendário de treinos foi pensado tendo em mente a aproximação dos playoffs. Assim, a equipa deslocou-se a Faro, onde participou num torneio com vista à preparação para a nova fase. Já no próximo fim de semana começa o primeiro jogo da primeira eliminatória dos playoffs, com a Associação Académica de Coimbra (AAC) a defrontar o Vitalis Santarém em casa, e na semana seguinte a deslocar-se a Santarém, à procura do apuramento.

Após a fase regular, o presidente da Secção de Basquetebol, Cassiano Afonso, admite estar "satisfeito com o desempenho da equipa" e afirma que o clube está preparado para enfrentar a próxima fase". O responsável pela secção

considera que "qualquer das oito equipas pode ganhar, mas a Académica vai para assumir as vitórias".

Porém, o dirigente vê-se impedido de considerar a subida à liga TMN como sendo objectivo prioritário, porque o seu mandato termina no final da época. Assim, cabe aos novos directores a decisão dessa prioridade, caso a AAC continue a conquistar bons resultados desportivos.

Como justificação para a sua saída do mundo do basquetebol, o presidente da secção aponta motivos de ordem pessoal: "Já vai fazer 16 anos que estou no basquetebol, há outras coisas por fazer neste momento e a minha vida tem sido um pouco sacrificada".

A dúvida dos adeptos academistas, que acreditam que a AAC vai continuar com o bom nível desportivo até final, recai sobre a questão financeira. Cassiano Afonso avançou ainda com um outro motivo para que a equipa não suba, dizendo que "há um lobby nos estatutos

da Académica que impossibilita o basquetebol de subir à liga profissional, a não ser que se torne organismo autónomo". Cassiano Afonso diz ter consciência desse "handicap" desde que se juntou ao clube e declara que "não há qualquer hipótese de subir à liga profissional, apenas a de adquirir o título".

Para que a secção se tornasse autónoma, toda a direcção teria de estar de acordo, explica Cassiano Afonso. Se fosse essa a vontade da secção, a decisão "teria de passar pelo Conselho Desportivo e pela Direcção-Geral da AAC (DG/AAC), que a poderia aprovar ou não".

Samuel Veiga desvaloriza a agitação neste campo, considerando que "o objectivo continua a ser o mesmo: chegar ao último playoff e como campeão". Só aí, continua, "se poderá discutir o acesso à liga profissional." Afirma, ainda, que o empenho dos seus jogadores não será afectado por isso. Neste momento, a DG/AAC e a Secção de Basquetebol estão a resolver internamente o assunto.

wireless party

Departamento de Engenharia Informática

24 de Abril de 2004

Coimbra acolhe cinema nacional

XI edição do evento “Caminhos do Cinema Português” decorre até sábado

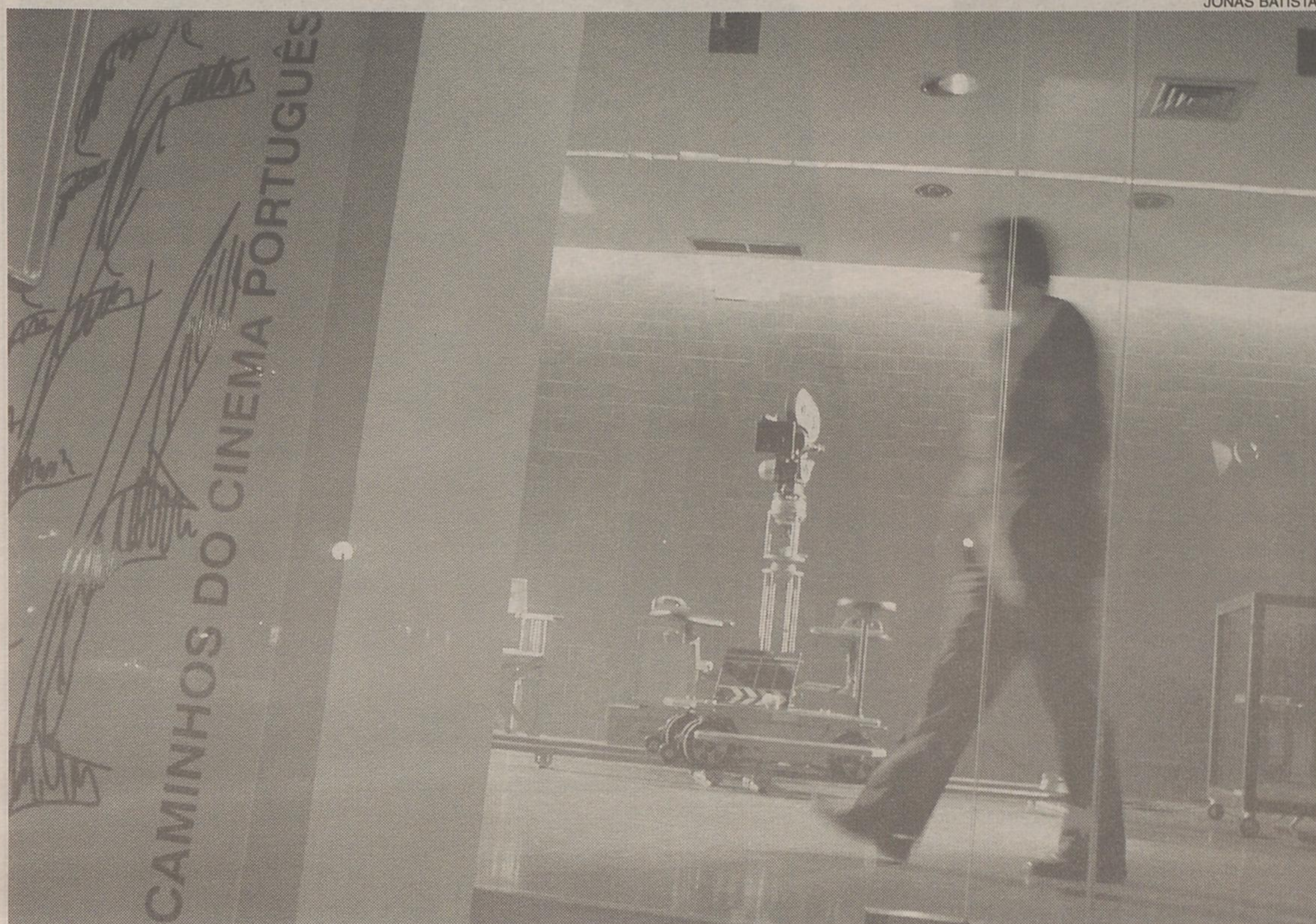
O único festival que promove o cinema português, realiza-se há 11 anos em Coimbra, contando com um número crescente de filmes, espectadores e actividades paralelas

**Gustavo Sampaio
Paula Velho**

A XI edição do festival “Caminhos do Cinema Português”, realizado como habitualmente no Teatro Académico de Gil Vicente, iniciou-se no sábado, dia 17 de Abril, e prolonga-se até ao próximo dia 24. Trata-se de um evento de periodicidade anual, organizado pelo Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) em colaboração com a Associação Caminhos do Cinema Português - Associação de Artes Cinematográficas de Coimbra.

Nascido em 1987, no seguimento de uma amostra paralela oferecida pelo curso de Verão a estrangeiros (que ainda decorre na faculdade de Letras) chamado “Caminhos de Cinema Português”, com intuito de lhes dar a conhecer o produção nacional, este projecto teve a segunda edição no ano seguinte, sendo apenas retomado em 1996, já não como amostra, mas como um festival.

Este ano “Caminhos” volta a contar com dificuldades financeiras, apesar do aumento do montante concedido através de concurso público pelo Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia (ICAM), na ordem dos 35 mil euros. Para além deste apoio, o evento tem também ajudas da Associação Académica de



“Caminhos do Cinema Português” realizam-se novamente no Teatro Académico de Gil Vicente

Coimbra, ao nível de bens materiais, da Câmara Municipal de Coimbra e da Direcção Regional da Cultura. Vítor Ferreira salienta que estes apoios não são dados na altura em que realmente são necessários, ou seja, “existem custos imediatos que têm de ser suportados e não existe dinheiro”. E acrescenta: “Os patrocinadores têm que ter em conta que um evento só se realiza se tiver capital inicial para investir. Estamos a recorrer a receitas do ano passado.”

Mas, se por um lado não existe muito investimento financeiro, por outro, os “Caminhos” têm sempre um número considerável de colabo-

radores na medida em que, para oferecer uma semana de cinema, são necessários pelo menos seis meses de trabalho, envolvendo em média 50 pessoas com participação activa. Como adianta o responsável, “é necessária uma organização a tempo inteiro pois tudo resulta do voluntariado e este sistema acaba por se traduzir num problema, porque as pessoas não têm um compromisso sério”.

Este ano, a edição conta com a participação do júri da Federação Internacional de Cineclubes (FIC), que vai seleccionar um filme e atribuir-lhe o prémio D. Quixote - o filme nomeado vai ser também visualizado

mundialmente nos festivais de cineclubismo. É ainda de realçar a mostra de Cinema Galego, integrada na Secção Caminhos do Cinema Europeu que, nas palavras de Vítor Ferreira, “é uma tentativa de as pessoas fazerem um paralelo da produção portuguesa e da produção galega, de modo a identificar o que é necessário alterar, para tornar o nosso cinema mais competitivo”.

Divulgação ajuda festival

No que concerne ao cinema português, Vítor Ferreira salienta que “tem pouco público e também não é cativado, na medida em que se afas-

tam os filmes das salas, não os levando para onde se faz promoção gratuita”.

Entre os filmes que serão exibidos ao longo do certame, destaque para “O Fascínio”, de José Fonseca e Costa, “Quaresma”, de José Álvaro Morais, “Um Filme Falado”, de Manoel de Oliveira, “Vai e Vem”, de João César Monteiro, ou “Tudo Isto é Fado”, de Luís Galvão Teles”, filmes que estrearam no circuito comercial e que alcançaram um considerável êxito nas bilheteiras.

Para além do festival propriamente dito, decorrem paralelamente diversos “workshops” relacionados com a área do cinema, organizados pelo CEC. “Animação de Volumes”, “Edição - Premiere 7”, “Produção”, “3D Studio Max”, “Técnicas Audiovisuais” são os cinco cursos ministrados, que tiveram início no dia de ontem, cada qual com 20 vagas.

Apesar de este ano o festival, para além de ser muito específico, se estar a realizar logo na primeira semana a seguir às férias e coincidir com outros eventos importantes, “até agora o balanço tem sido positivo pois”, mesmo com estas contrariedades, “as pessoas têm aderido e esperam-se mais durante o resto da semana”, garantiu o responsável pelo evento.

Na perspectiva de Vítor Ferreira, “isto deve-se também a um esforço de divulgação que passou, não só pelos media, mas também pelo facto de a organização ter enviado 30 mil info-mails às pessoas de Coimbra e pelo júri envolvido”.

Vítor Ferreira adianta ainda que a curto prazo será editada uma lista de filmes que passaram pelo festival, que “será uma espécie de catálogo histórico do cinema português dos últimos anos e, portanto, se os filmes não chegam cá, nunca constarão e nunca serão divulgados”.

“a Guerra” do CITAC

As memórias da guerra colonial na Guiné-Bissau de um ex-citaquiano são o mote para a nova peça de um grupo que apaga 50 velas no mesmo ano em que se comemora o trigésimo aniversário da revolução de Abril

João Vasco

O Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) estreia no próximo domingo, dia 25 de Abril, o espectáculo “a Guerra”, no bairro da Relvinha, nos arredores de Coimbra.

A peça, que sobe ao palco a partir das 21h45, é a encenação de um texto de João Viegas, um ex-citaquiano que foi recrutado para a guerra colonial, corriam os anos da

ditadura. João Viegas diz que o texto “é uma homenagem a todos os camaradas da Universidade de Coimbra e do país, que morreram ou ficaram mutilados” durante um dos períodos mais negros da história recente de Portugal. Recordações de um homem que presenciou o encerramento do CITAC pela PIDE em 1970, quando era considerada “escola de perversão”, e foi encarregue de o reabrir depois de retornar da Guiné, após o 25 de Abril de 1974.

João Viegas faz questão de salientar a actualidade da temática do espectáculo, dizendo que esta peça é também uma mensagem de alerta para o que se vive no mundo em 2004: “Eu escrevi para que os jovens não se esqueçam que a guerra está em toda a parte. A guerra não parou. Há guerras actuais a que os jovens de hoje podem vir a ser chamados a qualquer momento”. Pensamentos que o escritor vinca: “A próxima guerra, seja qual for, poderá ser a última, coroando esta civilização com um cogumelo sinistro da bomba de neutrões, ou qualquer outra arma,

ainda secreta, a ser preparada nas catacumbas dos novos cavaleiros do apocalipse, que pensam ser os polícias do mundo”. E remata de forma taxativa: “Merda para tanta estupidez!”

A versão original de “a Guerra” não contém diálogos. João Viegas refere que este “é um texto corrido, com frases sentidas” e, por isso, “a encenação só podia ser colectiva”. Partiu da imaginação dos “camaradas actores, que são os verdadeiros encenadores deste espectáculo”.

Espectáculo que conta com dez personagens, mas apenas três são citaquianos. Os restantes elementos foram convidados a participar na iniciativa. O grupo menciona que trabalhou com pessoas que “nunca haviam tido uma experiência em teatro, que participaram activamente em todo o processo de interpretação, cenografia, grafismo, sonoplastia, luminotecnica e na própria encenação”, de um espectáculo que acontece numa altura em que se comemoram os 30 anos do 25 de Abril de 1974 e os 50 anos do grupo

de teatro. A coincidência foi pensada pelo CITAC, adianta Hugo Gama, um dos elementos da direcção: “Queríamos encadear as datas e estreiar a peça na Relvinha, pois é um dos bairros com mais ligações ao 25 de Abril”.

O espectáculo também vai estar em cena no edifício da Associação Académica de Coimbra nos dias 28 e 29 de Abril, no Teatro-Estúdio do CITAC, numa altura em que o grupo espera ainda poder apresentar a peça noutros locais da cidade. Hugo Gama diz que essa é uma das principais intenções do grupo, “para além de tentar levar esta iniciativa em digressão”.

E, em digressão por terras espanholas está o anterior espectáculo do grupo, “As Aventuras Extraordinárias do Príncipe e do Castor”, que esteve já nos festivais de Vigo e Ourense. A peça que estreou em Coimbra e que se baseia na relação de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, tem encenação de Tiago de Faria e vai já no segundo mês de digressão, agora no estrangeiro.

Festival Santos da Casa arranca para sexta edição

É já nesta quinta-feira que tem início mais um festival proporcionado pelo programa "Santos da Casa" da Rádio Universidade de Coimbra (RUC)

**Carina Fonseca
Marta Poiães**

A edição do Festival Santos da Casa deste ano decorre entre 22 de Abril e 1 de Maio e traz a Coimbra algumas das figuras mais promissoras do actual panorama musical português. Assim, no dia 22 de Abril actuam, pelas 21h30, no Auditório do Instituto Português da Juventude, Ovo e Nuno, Nico. Já no dia 25 de Abril têm lugar, no Centro Norton de Matos, à mesma hora, os espectáculos de Loto e Gomo. De registar também os showcases de Bunnyranch e Twilight Garden, a 30 de Abril e 1 de Maio, respectivamente, a realizarem-se pelas 19 horas no corredor da RUC.

Este ano o festival apresenta algumas novidades no que se refere à diversidade dos locais e distância das datas de concretização dos concertos.

O Festival Santos da Casa, decorrente do programa homónimo da RUC, tem vindo a cumprir-se anualmente desde 1999, conhecendo agora a sua sexta edição. Pelo cartaz do mesmo passaram já artistas como Tédio Boys, Squeeze Theeze Please ou Sam the Kid. O objectivo essencial desta iniciativa prende-se com a "divulgação de novos valores da música nacional", nas palavras de um dos realizadores do "Santos da Casa", Fausto da Silva. A selecção das bandas participantes efectua-se mediante a frequência com que as suas músicas se



Pela sexta vez, Rádio Universidade de Coimbra promove Festival Santos da Casa, dedicado a promover a música portuguesa

fazem ouvir no programa da RUC.

Os Ovo - constituídos por Maria Radich (voz), Nuno Barreiro (guitarra), Filipe Malta (teclados) e Tiago Gonçalves (baixo) - caracterizam-se por uma pop com influências de jazz e electrónica. "Ferrugem a atacar" e "Balada em open" figuraram entre os 13 singles/EPs de 2003 mais votados pelos ouvintes do "Santos da Casa". Nuno, Nico, por seu turno, consiste num projecto musical composto por Nuno Prata (ex-baixista dos Ornatos Violeta) e Nicolas Tricot (ex-Red Wings Mosquito Stings) que, na sua demo promocional, apresenta temas como "Guarda bem o teu tesouro", "Não deixes de querer fu-

gir" ou "Nada é tão mau".

Por sua vez, os Loto, depois do sucesso obtido com o single "Good Feeling", retirado do EP "Swinging On A Star" (2002), regressam este ano com "The Club", o seu primeiro álbum. O trio de Alcobaça integra na sua formação Ricardo Coelho (voz, guitarra, baixo e maquinaria), João Tiago (baixo, guitarra e maquinaria) e João Pedrosa (bateria e programações). Gomo - em digressão nacional com os Loto - é o novo projecto de Paulo Gouveia cujo primeiro disco, "Best of Gomo" (2004), inclui os êxitos "Feeling Alive" ou "I Wonder".

Os conimbricenses Bunnyranch -

formados por Kaló (voz/bateria), Filipe Costa (teclados/voz), André Ferrão (guitarras) e Pedro Calhau (baixo) - estrearam-se em 2002 com o seu EP "Too Flop to Boogie", e acabam de lançar o seu primeiro álbum "Trying to Lose". Quanto aos Twilight Garden, contam já com três demos, nomeadamente "One Dream" (2001), "Scared as a Girl" (2002) e "Twilight Garden" (2003).

Os bilhetes para assistir aos espectáculos integrados nesta edição do Festival Santos da Casa serão colocados à venda na RUC e em algumas discotecas de Coimbra, com preços que variam entre quatro e oito euros.

As palavras da economia (e vice-versa)

Inserida nas comemorações dos 30 anos da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) têm lugar, durante o dia de hoje e até quinta-feira, uma série de "happenings" subordinados ao tema "As palavras da economia".

Na FEUC, em qualquer altura do dia, dois poetas podem interromper uma aula para ler poemas escritos com as palavras dos economistas. Os professores foram previamente avisados da iniciativa, mas, tal como os alunos, desconhecem o momento exacto das interrupções poéticas. Os poetas, alunos da Oficina de Poesia leccionada por Graça Capinha, realizaram, para este trabalho, uma vasta pesquisa sobre a linguagem que caracteriza os quatro cursos da faculdade de Economia: Economia, Relações Internacionais, Sociologia e Gestão. De acordo com Graça Capinha, os poetas utilizaram vários suportes para se inteirarem das palavras da economia, como por exemplo o jornal "Diário Económico". Entre diversas leituras e pesquisas, a docente realça o facto de os poetas "terem andando por lá: foram à faculdade de Economia, assistiram às aulas e fizeram um exercício de "catch", ouviram as palavras da economia" e apanharam-nas, fizeram-nas descer até ao papel. Agora preparam-se para entrar pelas salas, sem avisar professores nem alunos, com leituras inesperadas, porque o jogo da poesia é surpreender.

Esta é uma iniciativa conjunta do Conselho Directivo da FEUC, dos alunos da Oficina de Poesia leccionada por Graça Capinha e de André Brito Correia, docente da FEUC.

Ainda no âmbito da mesma iniciativa, decorreu, durante o dia de ontem, uma sessão de leitura de poemas intitulada "A economia das palavras", pela voz dos poetas que integram a oficina.

Celebrar a dança

"Missa", "Relação" e "Castañeda" são as três partes do espectáculo que a Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo apresenta em Coimbra na próxima semana

Liliana Guimarães

A Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo (CPBC) está de volta a Coimbra, desta feita para comemorar o Dia Mundial da Dança. Na quinta e sexta-feira da próxima semana, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) vai acolher pouco mais de uma hora de ballet contemporâneo.

Sob a direcção artística de Vasco Wellenkamp, a CPBC vai apresentar

um espectáculo tripartido. "Missa", a primeira obra, já foi apresentada no TAGV em finais de Maio do ano passado. Foi nessa altura que a CPBC agendou para Coimbra as comemorações do Dia Mundial da Dança de 2004. A segunda parte do espectáculo, "Relação", é o resultado de um protocolo entre o Grande Teatro de Viena de Áustria e a CPBC. A apresentação da companhia termina com "Castañeda", um bailado que foi criado para estas comemorações.

"Missa" é uma coreografia de Vasco Wellenkamp que dura cerca de meia hora. É interpretada por 12 bailarinos ao som de "Missa em Dó Menor KV 427" de Mozart. De acordo com o coreógrafo, "Missa" pode ser definida como "um ritual". Esta primeira parte trabalha com as diversas partes de uma missa. Nas palavras de Wellenkamp, é "uma obra gloriosa, cheia de sol e alegria".

A segunda parte do espectáculo chama-se "Relação" e, em apenas dez minutos, sintetiza as possíveis relações entre as pessoas. A coreografia foi criada por Ronald Malzer, um jovem austríaco, em colaboração com os bailarinos da CPBC.

Wellenkamp descreve um trio que dança sobre "as coisas que acontecem entre as pessoas, os momentos de ternura, de ironia, os momentos mais apaixonados e os mais sensuais".

Inspirada da cultura cigana, "Castañeda" encerra o espectáculo. Durante 30 minutos, 14 bailarinos interpretam uma coreografia de Benvindo Fonseca. "Castañeda" foi criada a partir de uma colectânea de obras musicais ligadas às sonoridades ciganas. É uma colectânea que parte do norte de África e atravessa toda a Europa até chegar à Península Ibérica, com todas as influências por que passou a música cigana até hoje. Segundo Vasco Wellenkamp,

também esta obra "é um ritual, mas mais rico, de exacerbadas paixões". Criada especialmente para esta ocasião, "Castañeda" representa o espírito que reina entre as comunidades nómadas que recorrem a rituais para se manterem unidos", refere.

Não há nenhuma linha temática que ligue as três partes do espectáculo. Segundo o director artístico, este "é um espectáculo feito de oposições que se favorecem umas às outras porque acabam por valorizar o que esteve antes e o que está depois". Não caindo na monotonia ou redundância de um mesmo tema, coreógrafo ou música, este espectáculo pretende "mostrar ao público a riqueza que hoje a dança pode oferecer", acrescenta Wellenkamp. E o artista remata, em jeito de convite: "É extraordinário o leque de possibilidades que a dança hoje oferece, tanto ao nível do conteúdo como da forma, e este espectáculo é disso exemplo".

Feira do Livro na Solum

Começa na próxima quinta-feira mais uma edição da Feira do Livro de Coimbra. Este ano o certame realiza-se numa tenda especialmente montada para o evento na zona da Solum. O abandono do local habitual justifica-se devido ao início das obras de construção do parque de estacionamento subterrâneo na Praça da República.

A feira deste ano vai contar com 53 stands de 250 editoras portuguesas e estrangeiras, num evento que tem um apoio de cerca de 55 mil euros, provenientes da Câmara Municipal de Coimbra e dos livreiros presentes.

A programação vai ser variada, com sessões de música e poesia, e os livros terão um desconto de capa na ordem dos 20 por cento. Quanto ao "livro do dia", terá um desconto maior, de 30 por cento.

O certame vai até 9 de Maio e poderá ser visitado entre as 15 e as 23 horas, à semana, e das 15 às 24 horas, às sextas e sábados. Tal como nos anos anteriores, a organização pertence à editora Arcádia.

Uma casa para o fado

Uma capela do século XIV tornou-se o tecto de fadistas e amantes da guitarra portuguesa

Susana Frexes

*"Meus Amores onde estão
Uns partiram sem querer
Andam perdidos alguns
Outros são meus sem os ter
Como se fossem nenhuns
Quando e como os posso ter
Há castelos, há inimigos
Que não os deixam passar
mas sei que não temem perigo
Sei que me ouvem chamar
Quero os meus, os seus castigos"*

(Letra: Edmundo Bettencourt;
Música: Luiz Goes)

Soam profundos os acordes das guitarras a que se junta uma voz mágica que canta o fado de Coimbra. O som melancólico liberta-se dos instrumentos e preenche todo o espaço das mesas, onde os clientes saboreiam um copo de vinho tinto. Sob o telhado da Capela de Nossa Senhora da Vitória, ergue-se a única casa de fados de Coimbra.

A iniciativa de fazer de uma igreja do século XIV um palco de fado pertenceu ao Quinteto de Coimbra, conhecido grupo de fados. "Em Lisboa há várias casas de fado e os fadistas costumam convidar-nos para irmos tocar com eles", conta Pedro Lopes, guitarra clássica do Quinteto e gerente do àCapella, "mas quando chegava a hora de retribuir o convite, não tínhamos onde os receber. Perguntámo-nos, então, porque não fazer em Coimbra um espaço para o fado?" O desejo tornou-se possível no dia em que, por acaso, alguém lhes mostrou o lugar. "Era um património histórico que estava completamente destruído e esquecido", explica Pedro Lopes. "Nós tentámos dar-lhe dignidade e ele está hoje classificado como imóvel de interesse municipal." Foi desta forma que deram também origem a uma casa ao fado de Coimbra, para o que foi decisivo o apoio do Sistema de Incentivos a Vocação Estratégica de Produtos Turísticos.

Do sagrado ao boémio

Arquitectonicamente nada foi alterado. Aos arquitectos Ângelo Ramalhe, Maria Manuel Ataíde e Pedro Taborda coube a difícil tarefa de tornar um espaço sagrado num lugar de convívio e lazer. "A decoração é minimalista", sublinha Pedro Lopes, "as pessoas têm que sentir que estão numa capela." O que não é difícil, pois embora o altar tenha dado lugar ao piano de cauda, e os típicos bancos de igreja tivessem sido trocados por mesas, lá continuam o coro, a atmosfera mística e o túmulo de Anna Affonso, benemérita que mandou concluir a capela, e que lá descansa nas acaloradas noites de fado. "Fascina-me o facto

de ter sido um lugar com um registo litúrgico que passou a boémio", confessa Luís Martins, cliente da casa. Sobre uma eventual profanação do local, Pedro Lopes esclarece: "Não se profanou o lugar, a capela estava ao abandono e assim continuaria. Apenas o tipo de culto é que mudou, agora pratica-se o culto da música".

Mais que uma casa de fados

Entre uma risada mais estridente e um golo de vinho, "deita-se contas à vida" ao som de um fado de Coimbra ou de Lisboa. "Para além do Quinteto, já passaram por cá quase todos os grupos de fado da cidade e alguns lisboetas", diz o gerente da casa. À hora do espectáculo, as luzes enfraquecem, a escuridão aumenta o silêncio, e não há serviço de mesas. Diz a tradição que

quando se canta o fado ou quando se está num lugar sacro não se faz o mínimo barulho.

No entanto, o àCapella não é só uma casa de fados. "Ela tem condições para ser flexível e acolher vários tipos de arte e espectáculo. O único critério é o da qualidade", esclarece Pedro Lopes. "A própria estrutura do local permite que se torne uma casa de espectáculos. Tirando as mesas e as cadeiras, torna-se um auditório, como já aconteceu durante a 'Coimbra Capital da Cultura 2003', exemplifica Ricardo Dias,

também ele membro do Quinteto e gerente do àCapella. São os dois amigos que escolhem a programação cultural, que varia entre as exposições de pintura permanente e a apresentação de livros. "Por vezes são os artistas que,

conhecendo o espaço, se propõem a expor aqui os quadros", diz Ricardo Dias.

Também na música há variações. Em algumas noites de Inverno, o fado cede o lugar ao Jazz, ao Piano e à música étnica, mas o intuito dos cinco amigos do Quinteto é o de garantirem a residentes e turistas "um lugar onde podem ouvir fado de Coimbra, independentemente do dia da semana", esclarece Pedro Lopes. "Gosto de vir cá ouvir música ao vivo", confessa Paula Figueiredo, cliente assídua do àCapella: "Há um maior sentimento que passa de quem toca para quem ouve".

O próximo passo é aproveitar o àCapella como escola de música. "Temos muito património abandonado e é um desafio aos privados fazer algo como nós fizemos", diz Pedro Lopes que dará as aulas de guitarra clássica enquanto Ricardo Dias será o professor de guitarra portuguesa. A ideia é a de permitir a quem passa pelo àCapella durante o dia escutar as profundas notas do fado, mesmo de quem ainda desafina. É desta forma que o Quinteto de Coimbra espera que, seja noite ou seja dia, as pessoas não perciam a ligação com esse som tão português.

Quinteto de Coimbra

Em 1989, cinco amigos, Pedro Lopes e Nuno Botelho (guitarra clássica), Manuel Portugal e Carlos Jesus (guitarra portuguesa) e Rui Paiva de Carvalho (vocalista), juntaram-se em torno de um desejo comum: cantar o fado. Assim nasceu o então chamado Quinteto Académico. Quinze anos mais tarde e com um novo nome, apenas Pedro Lopes e Nuno Botelho permanecem, aos quais se juntaram Ricardo Dias na guitarra portuguesa, Patrick Mendes e António Ataíde na voz.

Desde o Canadá até Macau, o Quinteto de Coimbra tem espalhado o "canto de Portugal" um pouco por todo o mundo. Na cidade dos estudantes, é possível vê-los actuar todas as semanas no àCapella. Esta casa de fados, por eles gerida, é o tecto que decidiram dar ao fado conimbricense. Inovador, o Quinteto tenta dar novas abordagens ao fado, "casando-o" com o jazz, o piano e o chillout.

MARILYNE ALVES



Espaço de culto religioso dá agora lugar ao culto musical

PUBLICIDADE

SEXTA
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

Vê-se...



David Koepp

"A Janela Secreta"

com Johnny Depp, John Turturro e Maria Bello - 96 minutos, cor. M/16, Thriller

5/10

Obra de reverência: de King a Fincher

"A Janela Secreta", filme realizado por David Koepp (autor do argumento de "Panic Room", 2002, realizado por David Fincher), conta a história de Mort Rainey (Johnny Depp), um escritor que atravessa um difícil período de bloqueio criativo. Em pleno processo de divórcio, isolado na sua casa de campo, junto ao lago, numa pacata localidade do interior dos Estados Unidos da América, Rainey tenta escrever as primeiras linhas de um novo romance, mas não consegue desenvolver a ideia inicial e acaba por desistir sempre no primeiro parágrafo. Até que surge à sua porta o soturno John Shooter (John Turturro), um outro escritor, mas bastante menos reconhecido, oriundo de uma pequena cidade junto ao rio Mississippi, que o acusa de ter plagiado uma das suas histórias. Rainey nega a acusação, mas Shooter insiste e confronta-o com o manuscrito do seu conto (quase idêntico ao que Rainey havia publicado, exceptuando o final). Gera-se então uma relação de grande inimizade entre os dois, com Shooter a perseguir Rainey e a ameaçá-lo diariamente. Shooter pretende que Rainey volte a publicar o conto mas com o final corrigido e a sua assinatura. Pois o fim é a parte mais importante de uma história e, segundo Shooter, o fim da versão escrita por Rainey estraga completamente a alegada história original.

Contar um pouco mais da história de "A Janela Secreta" seria estragar a surpresa do filme, ficando apenas esta espécie de premissa inicial. A narrativa desenvolve-se por

terrenos introspectivos próprios do universo de um escritor, carregado de simbolismos (não resisto a citar o exemplo de "Shooter", o prenunciador nome de uma das personagens) e práticas comuns, não fosse o argumento do filme (da autoria do próprio David Koepp) inspirado num romance do consagrado Stephen King ("Secret Window, Secret Garden"), escritor que sempre manteve uma íntima relação com o mundo do cinema (inúmeros contos e romances da sua autoria foram adaptados para o cinema). Aliás, a escrita fantástica e obscura de Stephen King denota-se perfeitamente nas entrelinhas do filme, em pequenos pormenores.

Entre o elenco, destaque para as excelentes interpretações de Johnny Depp (dispensa qualquer tipo de apresentação) e de John Turturro (um dos mais profícuos e valiosos actores secundários norte-americanos; o "Barton Fink" do filme homónimo dos irmãos Coen, de 1991). Relativamente à realização, apesar de ser um iniciante nesta actividade, David Koepp consegue preservar um grande sentido de sobriedade e uma relativa eficácia. Para além disso, demonstra que aprendeu alguma coisa durante a colaboração com David Fincher, sobretudo ao nível de técnicas de filmagem. A forma como a câmara se movimenta em algumas cenas filmadas no interior da casa de campo é claramente copiada dos filmes de Fincher, de "Fight Club" (1999) ao referido "Panic Room". O que prejudica a sua originalidade criativa. Precisamente a grande mácula do filme. **Gustavo Sampaio**

Em negativo...



Graça Capinha
Docente de
Escrita Criativa
da Faculdade de
Letras da
Universidade de
Coimbra

Um realizador - Andrei Tarkovsky

Uma filme - "Stalker", de Andrei Tarkovsky

Um actor - Daniel Day Lewis

Um actriz - Jessica Lange

Uma cena marcante - A cena de amor mais bonita do cinema, que é no filme "O Piano", de Jane Champion, quando George Baines (Harvey Keitel) limpa e acaricia o piano.

Navega-se...

Casas de banho do mundo

Todos os dias passamos por uma e nunca perdemos tempo a apreciá-las. No entanto, há quem tenha se dedique à apreciação das diferenças existentes nas várias casas de banho que se encontram pelo mundo. Para o administrador do World Toilet a frase mais necessária em qualquer parte do mundo é "Onde fica a casa de banho?" No sítio há uma lista dos países que já se encontram referenciados. Cada uma das entradas tem referência à sanita e ao urinol. Define o tipo de sanita, como se limpa, qual o método de escoamento dos dejectos, em que direcção se encontra virada e o tipo de porta que tem. Em relação aos urinóis, apenas informa se estes existem ou não e qual o formato. É ainda possível enviar contribuições com fotografias e informação acerca dos países que ainda estão em falta.

Já o Toilets of the World funciona mais como uma colecção de fotografias dos sítios já visitados pelo autor. As casas de banho encontram-se divididas por estilos. No fim da página é possível ver como se pergunta pela localização da casa de banho em várias línguas.

<http://worldtoilet.info/>

<http://www.cromwell-intl.com/toilet/>

Noivas mal vestidas

Uma das coisas que as mulheres gostam de ver nos casamentos é o vestido que a noiva leva. Por vezes chega a ser tema de conversa durante horas. O autor deste sítio decidiu começar um arquivo para fotos de vestidos de noiva menos dados à beleza. A organização do sítio é simples. Na página inicial há um vestido de boas-vindas e alguns exemplos do que se pode encontrar nas outras páginas. No lado esquerdo encontram-se várias galerias, cada uma com um tema. A separação dos vestidos é feita por padrões, cores, forma, entre outras coisas. Dentro das galerias há as fotografias em tamanho pequeno e cada uma das imagens tem um nome. Algumas das fotos são acompanhadas de pequenos comentários ou da história como o vestido foi obtido.

<http://www.uglydress.com/>



Crime

"Mugshots"

www.mugshots.com

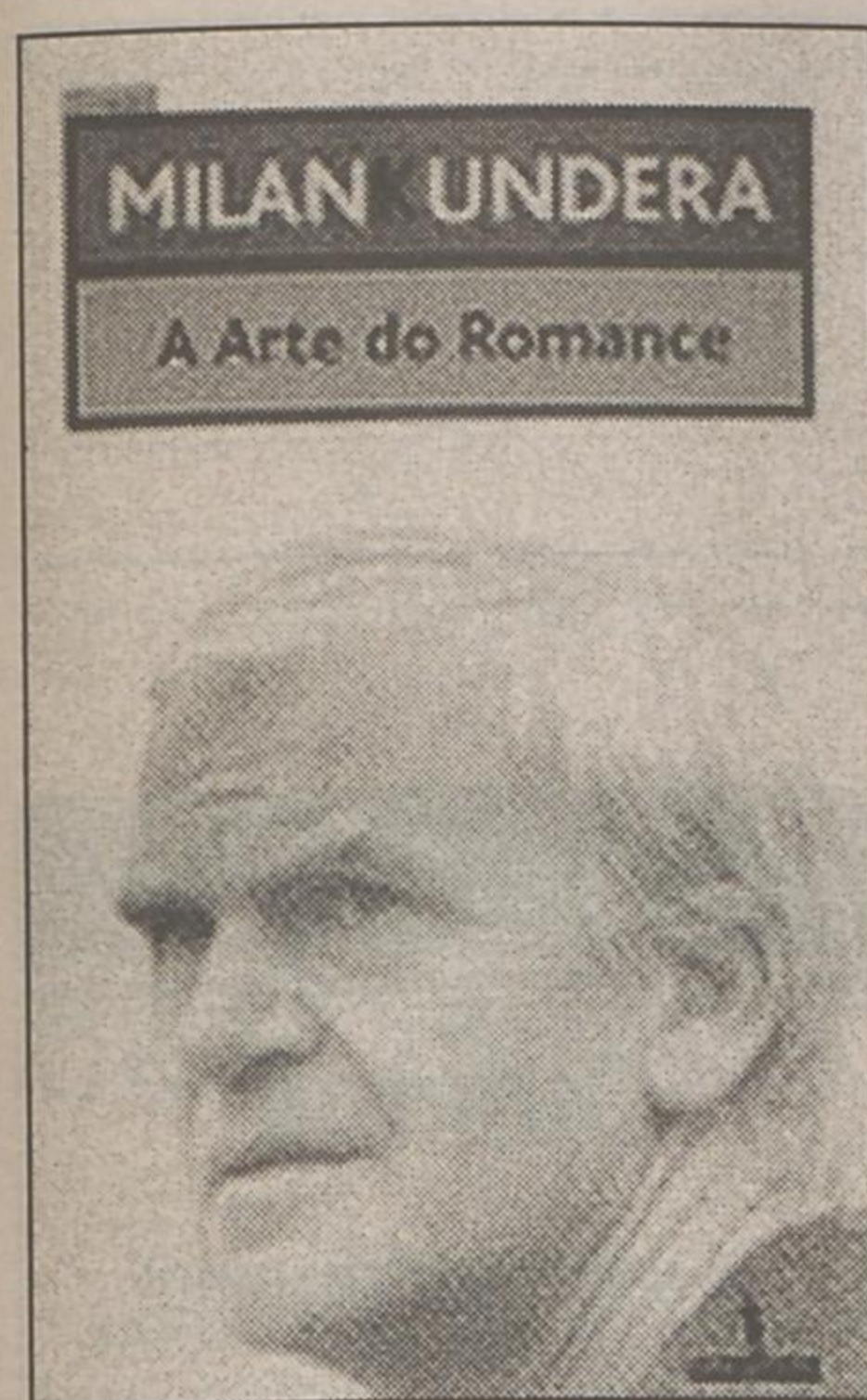
Fotos de criminosos

A liberdade de expressão e o acesso fácil a muita informação do Estado nos EUA faz com que seja possível obter muita informação que noutros países seria de difícil acesso. Este sítio pretende ser um veículo na circulação das fotos de pessoas procuradas e também mostra as fotos das pessoas apanhadas pela polícia norte-americana. As fotos estão agrupadas em categorias que vão desde gangsters (têm a do Al Capone) até celebridades (Michael Jackson incluído). Pelo meio está a lista dos mais procurados pelo FBI (o Usama Bin Laden continua por lá) ou alguns criminosos conhecidos da história (Jesse James, Sundance Kid). Cada uma das categorias apresenta-se dividida por letras. Para se ver toda as entradas de uma categoria é necessário escolher a opção para ver tudo. Cada uma das fotos (ou desenho, nos casos mais antigos) é acompanhada de um texto onde se fala da história criminal da pessoa em causa.

<http://www.mugshots.com/>

Nuno Curado

Lê-se...



Milan Kundera

“A Arte do Romance”

D. Quixote, 2002.

10/10

A morte do romance

Milan Kundera é um escritor que se furta a qualquer apresentação, sendo um dos pensadores estrangeiros mais lido em Portugal. É curioso que nunca nos tenha presenteado com a sua visita ao nosso país...

Autor de livros de culto como “A Insustentável Leveza do Ser”, o “Livro do Riso e do Esquecimento” e “A Valsa do Adeus”, Kundera deixa transparecer nos seus romances uma visão reflexiva, mais filosófica do que psicológica, da existência humana ocidental. Em “A Arte do Romance” temos o prazer de conhecer um pouco mais do Kundera ensaísta e pensador da cultura ocidental.

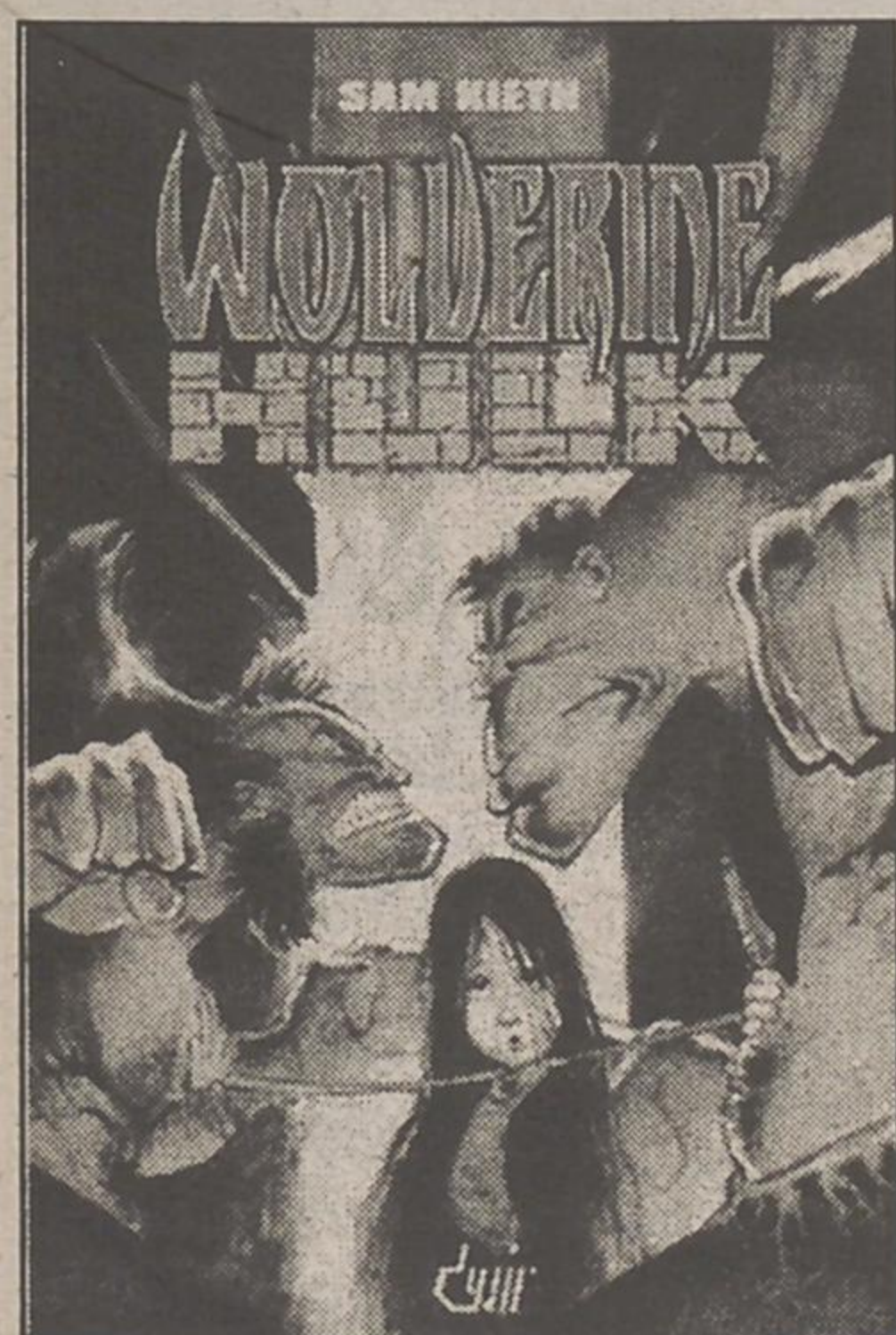
Neste livro, obrigatório para todos aqueles que se interessam pela questão da cultura ocidental, sejam ou não leitores de Kundera - para os leitores de Kundera, é deveras interessante a entrevista de Christian Salmon ao romancista sobre as obras deste -, o autor reflecte sobre o romance literário ocidental, analisando de uma forma muito própria o processo de escrita e o ímpeto criativo presente nos grandes romances que norteiam a nossa cultura. São, afinal, os romances - em sentido mais lato, a literatura - que nos dão os modelos de inteligibilidade do real (o cinema e, por que não?, as novelas vieram roubar, em parte, essa tarefa do texto literário).

O romance, o seu espírito, está morto. Já ninguém perde tempo a ler - e muito menos a escrever - grandes romances. Curiosamente, num mundo cada vez mais complexo como o que nos envolve, a redução dessa complexidade passa por esquemas mentais redutores, clichés que nos dão (uma parca) segurança. A essência do romance, diz-nos Kundera, é a que nos diz da complexidade do mundo, diz-nos “as coisas são mais complicadas do que tu pensas”, abrindo o nosso horizonte de possibilidades e de sentido.

“A Arte do Romance”, o pensamento de Kundera, vai mais longe. Discute a visão filosófica - sobretudo apoiada durante muito tempo no logos - que caminha a par da literatura, mas que assumiu para si a apreensão correcta do mundo, sobretudo com a criação de grandes sistemas racionais. Kundera não nega os grandes sistemas do pensamento filosófico - sistemas esses que, para muitos, acabam já com Hegel -, mas, antes, lembra a coexistência de ambas as visões do mundo: uma que parece querer reduzir a complexidade outra que se limita a observá-la.

«O romancista é aquele que, segundo Flaubert, quer desaparecer por detrás da sua obra. Desaparecer por detrás da sua obra, significa renunciar ao papel de homem público. Não é fácil hoje em dia, em que tudo aquilo que tem um mínimo de importância tem de passar pelo palco insuportavelmente iluminado dos mass-media que (...) fazem desaparecer a obra por detrás do autor. (...) A sabedoria do romance é diferente da filosofia. O romance nasceu não do espírito teórico mas do espírito do humor.” Andreia Ferreira

Desenha-se...



Sam Kieth

“Wolverine/Hulk”

Edições Devir, 2003.

9/10

Encontro de clássicos

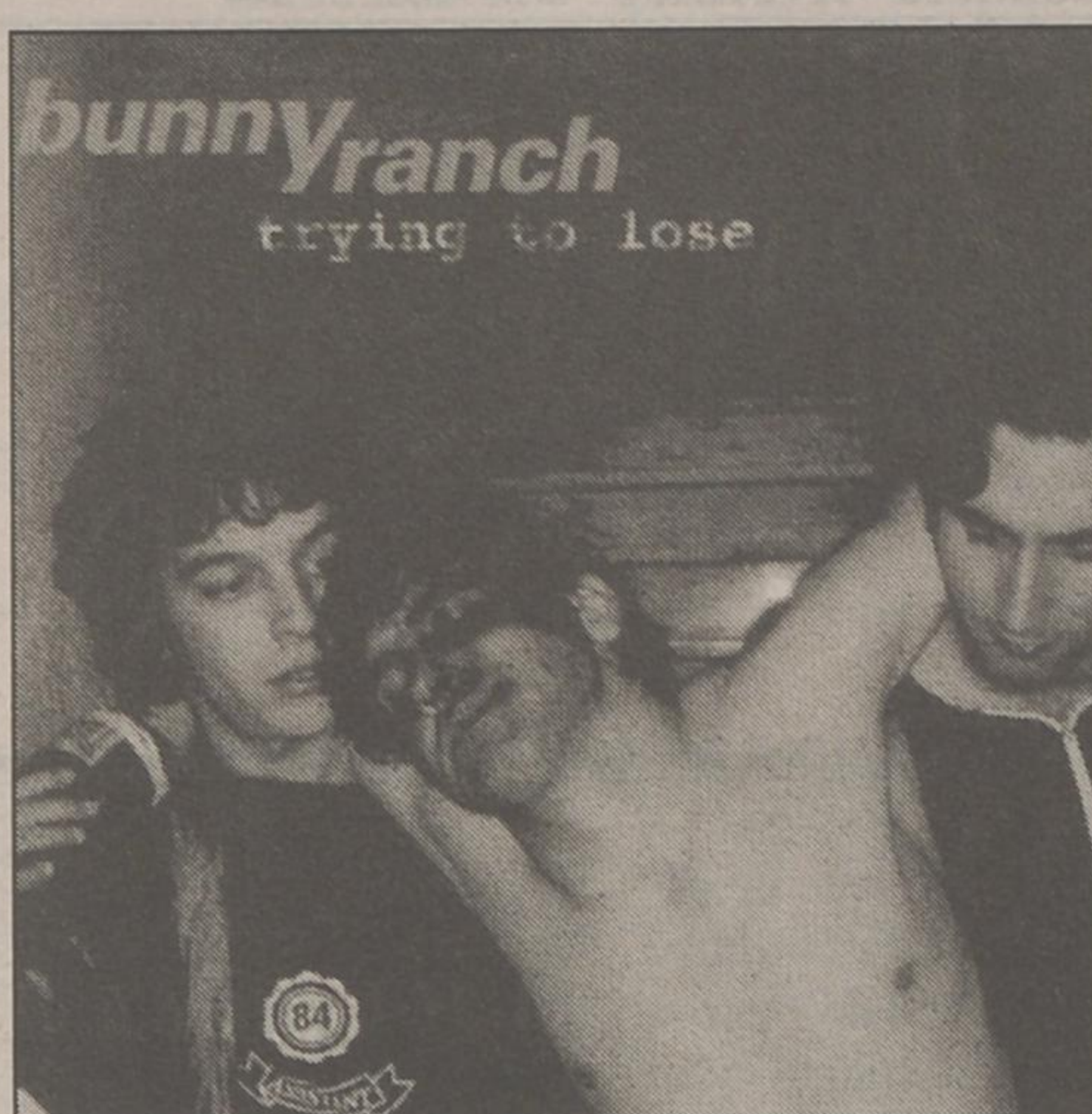
Wolverine dá início a esta história aos comandos de um velho bimotor que se despenha sobre umas montanhas. Após sair de dbaixo dos destroços do avião encontra Po, uma rapariga que lhe pede ajuda para salvar o pai e que, também ele vítima de um acidente de avião, se encontra preso debaixo de água e não vai conseguir sustentar a respiração para sempre. Embora duvide da existência física de Po, Wolverine decide ajudá-la e parte com ela em busca do tio Bruce, que se encontra adormecido numa gruta transformado no seu alter-ego Hulk e que, segundo Po, é o único que sabe como puxar o cordão de segurança do pai da rapariga e assim salvá-lo da morte.

É através desta história aparentemente simples que Sam Kieth realiza magistralmente uma das suas mais aclamadas obras. As três personagens vão evoluindo ao lon-

go da obra, revelando sempre mais acerca de si mesmos: Wolverine apresenta-se tolerante e compreensivo, contrariamente ao que é habitual nas outras histórias em que é protagonista, e Hulk não é mais do que um personagem bravo e desprovido de inteligência, excepto quando transformado em Bruce, altura em que revela a Wolverine a sua relação com Po. Esta é uma rapariga inocente e imatura, um pouco atrasada até, que tem uma estranha obsessão por coisas mortas.

Os desenhos que dão forma à história são igualmente excelentes. Kieth apresenta uma série de traços que contrastam entre os desenhos mais adultos e realistas, até à arte sintética e infantil das crianças. O resultado é genial, mostrando uma obra que vai do dramático ao cómico, visual e narrativamente impressionante. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Bunnyranch

“Trying to Lose”

Sons Indiscretos/Lus Records, 2004.

9/10

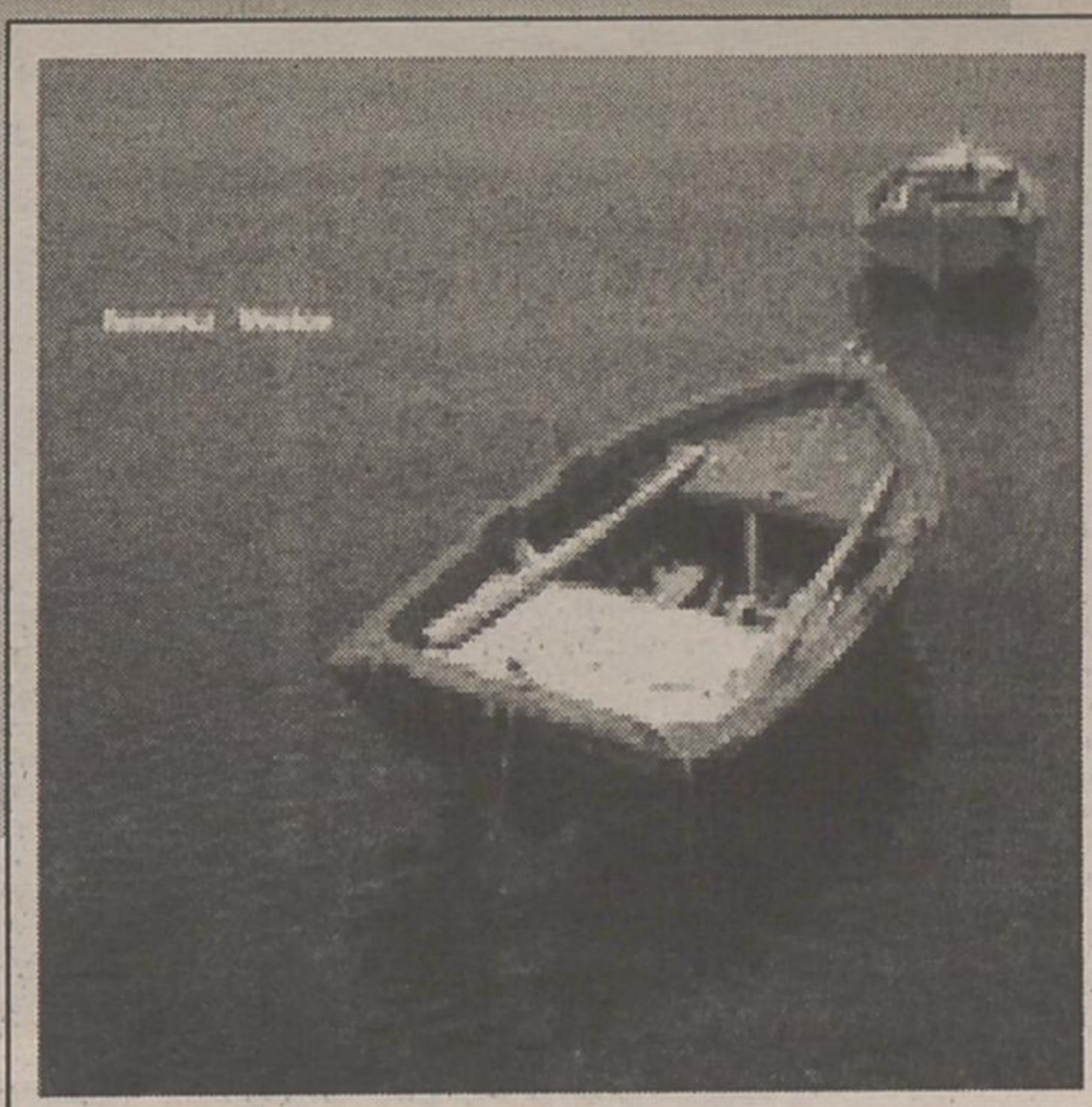
No canto direito, os campeões de pesos-pesados

Se juntarmos salitre, enxofre, carvão e água nas proporções certas chegamos à receita da pólvora negra. A pólvora que interessa aqui é de outra estirpe, mas também junta quatro elementos nas proporções certas: André Ferrão (guitarras), Filipe Costa (teclas), Pedro Calhau (baixo) e Kaló (voz e bateria). O resultado são os Bunnyranch. Não são pólvora, mas não lhe devem nada em natureza inflamável.

É esse espírito inflamável que se ouve neste álbum, o seu muito aguardado primeiro longa-duração, “Trying to Lose”, depois do prometedor EP “Too Flop To Boogie”. Em doze rounds, todos eles originais, assiste-se a um combate de pesos-pesados como não se via há muito tempo. Da proporção de um Joe Frazier versus Muhammad Ali. São doze rounds inolvidáveis, com técnica e força, jabs quando menos se espera, e ganchos poderosíssimos. Quando se chega ao quarto round, “(I’m not Going) Down South”, o KO já se adivinha, mas ainda subsistimos de pé para ouvir Paulo Furtado no canto dos Bunnyranch, no sexto round, de seu nome “Intelligent Freak”. O último round, “Too Flop to Boogie”, é de verdadeira celebração, a vitória já não escapa aos Bunnyranch.

Os Bunnyranch percebem disto, desta luta, não têm calções com listras douradas, nem aplicam óleo nos bíceps enquanto encenam outra pose para os flashes das fotografias. São apenas os Bunnyranch, e isto é “apenas” rock’n’roll. O mais difícil no rock’n’roll é mesmo chegar a esse universo. Os Bunnyranch não só chegam a esse universo como se sentam nas poltronas da entrada, aquelas de couro.

No álbum dizem eles que não vão para Sul, mas é aí que está a escola de combate deste “Trying To Lose”, até porque é aí, diz-se, o berço do rock’n’roll, com “r”. Há por aqui o legado da Sun Records, a volúpia do blues, a First Psychedelic Era, mas principalmente há aquilo de que o bom rock’n’roll é feito, honestidade e um pé de dança, onde os anfitriões têm um baterista que canta e toca em pá, uma telecaster infecciosa, um baixo pulsante e umas teclas besuntadas de groove. **Mário Guerreiro**



Christian Fennesz

“Venice”

Touch, 2004.

8/10

Canais electrónicos

O austríaco Christian Fennesz é hoje uma das vozes mais ricas e personalizadas do discurso electrónico contemporâneo. Como ferramentas recorre ao laptop e à guitarra, como principal objecto de trabalho elegeu as emoções. Mas não todas. A rainha das eleitas chama-se melancolia.

Além da sua carreira em nome próprio, repartida sobretudo entre as editoras Mego e Touch, Fennesz mantém diálogos regulares com outros músicos. É um dos elementos da MIMEO (Music In Movement Electronic Orchestra), uma espécie de super grupo electrónico europeu - do qual também faz parte o português Rafael Toral. Toca com Jim O'Rourke e Peter Rehberg nos FennO'Berg, formou um duo com Rosy Parlance, um quinteto com os Polwechsel e, mais recentemente, gravou na companhia de Sparklehorse.

Em 2004, Fennesz faz substituir as pranchas de surf pelas gôndolas de Veneza. Tanto umas como outras, objectos por vocação aquáticos, fetiches de alguém oriundo de um país trancado no interior da Europa continental. Pelo meio ficaram a colectânea “Field Recordings 1995-2002” e o registo “Live In Japan”.

A gravação deste quarto álbum de estúdio, que é verdadeiramente o sucessor de “Endless Summer” (2001), ocorreu durante o Verão de 2003 na cidade que lhe dá título, Veneza. As misturas foram feitas, já em Viena, nos Amann Studios durante os dois primeiros meses de 2004. Comparando os dois registos, “Venice” surge mais ambiental e menos granulado, com menos glitch. Um trabalho mais tenso e menos limpo, construído à base de texturas atmosféricas, mantendo aquele mesmo sentido melódico difuso, tangente a uma espécie de formato pop.

A maior novidade surge na participação vocal de David Sylvian, em “Transit”, devolvendo a colaboração prestada por Fennesz no seu álbum de 2003, Blemish”. Um tema feito de velhos medos europeus e de explosões que fazem ecoar na memória os tempos mais conturbados do continente. “Rivers Of Sand” e, sobretudo, “City Of Light” são as composições mais ambientais. “The Point Of It All”, aqui um pouco mais lento e com uma estrutura diferente, já havia sido apresentado no trabalho “Live In Japan”.

O álbum tem doze temas, três dos quais são interlúdios. Requer tempo e atenção mas recompensa-os. Pode facilmente transformar-se na banda sonora ideal para um mundo perfeito. Mas virtual, obviamente. Sai a 26 de Abril. **Rodrigo Paulino**

22 AGENDA

Em palco...

A cor
de uma
cultura

Fotografia de Malick Sidibé

Centro de Artes Visuais/
Encontros de Fotografia
Patente até 23 de Maio

Num grande conjunto de pequenas fotos, Malick Sidibé mostra-nos através do preto e branco a cor da cultura Mali fundida com a influência ocidental dos anos sessenta. Em retratos de estúdio, ou ocasiões festivas, o fotógrafo transparece do papel fotográfico para a nossa imaginação a musicalidade, ritmo, alegria, influência e tradições de um povo, que após o crescimento económico trazido pela colonização quer orgulhosamente exibir as suas novas posses. Em quase todos os pulsos há um relógio, no corpo uma peça de roupa e uma mala, na cara uns óculos, ao colo um rádio, como cadeira há motorizadas ou bicicletas, e nos lábios um cigarro que nem sempre acabava fumado. Subsistindo ao mesmo tempo os trajes e as marcas tradicionais. As fotografias são enriquecidas pelo à-vontade com que as pessoas se deixam fotografar, devido a uma provável amizade/cumplicidade de ambas as partes.

Malick Sidibé, hoje com 68



FRANCISCA MOREIRA

A cultura Mali a preto e branco pela objectiva de Malick Sidibé

anos, nasceu no Mali, na localidade de Soloba. Em 1962, após ter aprendido os conceitos e técnicas fotográficas necessárias, fundou o "Studio Malick", ainda hoje em funcionamento. Nunca tendo ambicionado uma carreira artística, Malick fotografava essencialmente pelo prazer no seu ofício. No passado ano recebeu da Europa o prémio Hasselblad, que considerava simplesmente ter dado uma maior projecção ao seu tra-

balho e elevado o preço das suas obras. Mas o dinheiro é distribuído pela família, amigos e vizinhos, que ainda têm necessidade de alguns bens essenciais. E é com esta pureza de espírito que Malick permanece em Bamako. Hoje em dia não tem tantos clientes e o seu estúdio já não é sempre a casa da sua máquina fotográfica, mas o intuito continua a ser o de perpetuar o seu trabalho. **Crónica de Francisca Moreira**

Outros rumos...

De comboio

Regresso
ao passado

O tempo parece voltar atrás nas planícies alentejanas quando se penetra no sagrado universo dos comboios.

Para um qualquer viajante menos atento, o meio de transporte é apenas o início para a entrada noutros mundos. No entanto, para os mais atentos, pode ele próprio significar uma viagem nos sentidos e no tempo. No caso do comboio, essa possibilidade é uma evidência.

Onze horas e quinze minutos. Em pleno Alentejo, na Funcheira, uma velha automotora sueca espera por nós. Há nossa frente está o comboio regional nº4808, uma Nohab Série 101, a diesel, de 1948. O destino é Beja. O arranque é assustador: a carruagem treme de uma forma demasiado barulhenta e o comboio parece pronto a desintegrar-se.

Como todas as viagens no tempo, a adaptação é, de início, difícil - a marcha é tão sonora que é impossível ouvir alguém. No en-



EMANUEL GRAÇA

Automotora Nohab Série 101 (a diesel), de 1948

tanto, lentamente, os sentidos habituam-se e apuram-se. Perdidos na melancolia da planície alentejana, apenas interrompida por algumas casas, poucas, os olhos arrastam-se agora pelas gentes que nos acompanham nesta viagem. São "gentes da terra", para quem a automotora é uma companheira do dia-a-dia e não uma relíquia.

Entretanto, no pára e arranca do comboio, destaque para as estações. Embora muitas estejam desactivadas, conservam o esplendor de outros tempos, os da "velha senhora", quando até se realizavam concur-

sos nacionais que visavam escolher a mais bela.

De resto, o Alentejo de comboio demonstra o deserto humano que a auto-estrada tão bem esconde. As casas abandonadas, os campos vazios de gentes, os apeadeiros e estações vazios do burburinho humano são uma marca silenciosa desse abandono a que parece condenada esta região. Uma marca apenas interrompida por uma velha automotora que, teimosamente, continua a diariamente ligar todas as principais cidades alentejanas. **Crónica de Emanuel Graça**

A não perder...

Teatro

- Teatro-Estúdio
do CITAC -
a Guerra
CITAC,
encenação colectiva,
texto de João Viegas
Dias 28 e 29

- Teatro do Inatel -
Valência Princesa do
Mundo
Camaleão,
encenação de José
Geraldo,
texto de Zénel Laci
De 28 de Abril a 14 de
Maio

Dança

- TAGV -
Comemorações do Dia
Mundial da Dança
Companhia Portuguesa de
Bailado Contemporânea,
apresentação das
obras "Missa", "Re-
lação" e "Castañeda"
Dias 29 e 30 de Abril

Exposições

- Centro de Artes Visuais -
Fotografia de Malick Sidibé
Apresentação da obra do
fotógrafo do Mali,
Até 23 de Maio

Música

- Auditório do IPJ -
Nuno, Nico e Ovo
Quinta-feira, 21h30

- Centro Norton de Matos -
Loto e Gomo
Domingo, 21h30

- Corredor da RUC -
Bunnyranch
Dia 30, 19h00
Twilight Garden
Dia 1 de Maio, 19h00

Poesia

- TAGV -
Livros que deambulam pelo
café-teatro
Performance de Margarida
Guia
Dias 28 e 29

Cinema

- Cinemas Millenium
Avenida -
Cine-Teatro
A Paixão de Cristo
De Mel Gibson
Todos os dias - 14h30,
17h00, 19h30, 22h00, 0h30

Estúdio 1
A Janela Secreta
De David Koepp
Todos os dias - 14h00,
16h00, 18h00, 20h00,
21h50, 0h00
Kenai e Koda
De Aaron Blaise e Robert
Walker
Todos os dias - 13h30,
15h15, 17h00

Estúdio 2
Hidalgo, o grande desafio
De Joe Johnston
Hoje - 21h30 e 0h20,
amanhã - 21h30

Sessão Especial
American Splendour
De Shari Springer Berman
e Robert Pulcini
Hoje - 19h00,
amanhã - 19h00 e 00h20

- Cinemas Girassolum -
Sala 1
Starsky & Hutch
De Todd Phillips
Todos os dias - 14h30,
16h45, 19h00, 21h30

Sala 2
À dúzia é mais barato
De Shawn Levy
Todos os dias - 17h00,
19h15, 21h45
Kenai e Koda
De Aaron Blaise e Robert
Walker
Todos os dias - 14h45

- TAGV -
Caminhos do Cinema
Português
Sessões diárias às 18h00
e às 22h00
(sexta-feira e sábado,
sessões também às 15h00)
Até Sábado
Sessão de Encerramento e
entrega dos prémios, com
exibição dos vencedores
Sábado, 22h00
Organização do Centro de
Estudos Cinematográficos
da Associação Académica
de Coimbra

VINTE&TRÊS 23

Música para boas causas

Desde 2002 que a Amnistia Internacional recebe a ajuda de músicos de todo o mundo para melhor fazer passar a sua mensagem. A organização internacional tem promovido diversos concertos de sensibilização, aproveitando para recolher dinheiro para as suas actividades.

A iniciativa "Music for Human Rights" começou ontem e termina quinta-feira com um leilão online. Durante estes dias serão distribuídos bilhetes para concertos de Radiohead, The Cure e System of a Down, entre outros. Na quinta-feira estarão à disposição dos fãs diversas pranchas de skate personalizadas por artistas. Badly Drawn Boy, Beck e Alanis Morissette foram alguns dos que desenharam, pintaram e acrescentaram adereços às pranchas.

A Amnistia Internacional tem ainda lançado alguns cd's com a participação de músicos reconhecidos, como o caso de Beth Orthon, Aimee Man e Erykah Badu. As receitas de vendas reverterem a favor das lutas desta organização não governamental.



Alanis Morissette

Roupa pouco ecológica

Na semana passada a Greenpeace acusou a Disney de produzir e comercializar roupas para crianças com químicos perigosos para a saúde e o ambiente. A organização ecologista comprou peças de roupa da Disney em 19 países e analisou-as num laboratório independente na Dinamarca. Os resultados foram idênticos em 18 países europeus e nos EUA. Portugal não fez parte das escolhas de Greenpeace.

Foram encontradas substâncias tóxicas sobretudo em peças com plastificações em PVC (vinil). Tudo indica que o processo de estampagem em vinil é prejudicial à saúde humana, bem como ao ambiente.

O relatório da Greenpeace, publicado no site da organização, revela que as t-shirts, os pijamas e a roupa interior são as peças com mais altos níveis de toxicidade. O mesmo relatório alerta para a possibilidade das crianças inalarem ou absorverem através da pele as substâncias tóxicas. A organização internacional lança um apelo aos comerciantes e consumidores para devolverem as peças de roupa à Disney e exigirem um reembolso.

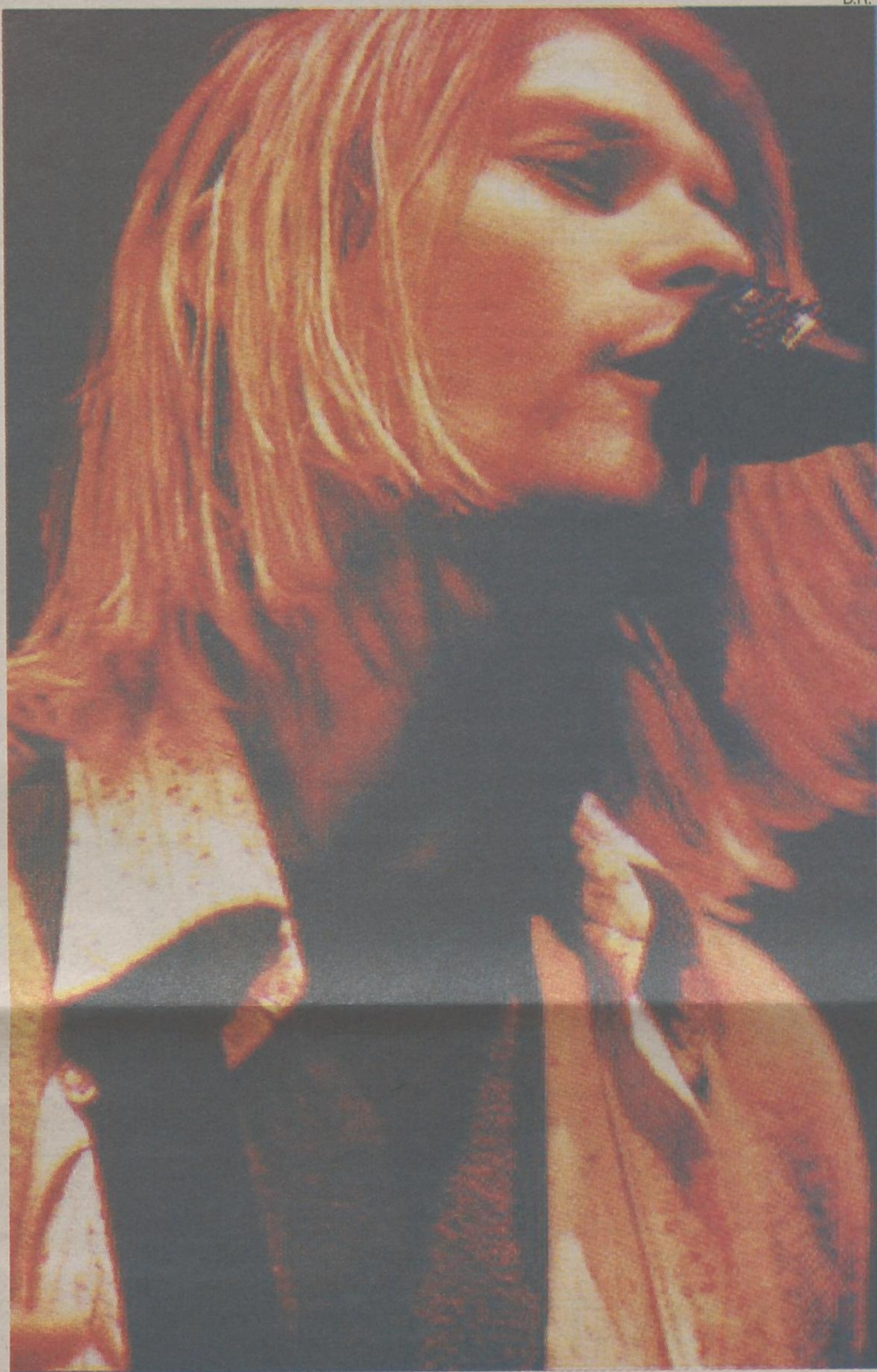
A vida e morte de Kurt Cobain

A rede televisiva Warner Brothers (WB) está a desenvolver um telefilme sobre Kurt Cobain. A WB, produtora de séries como "Everwood" e "Smallville", vai focar a vida, o casamento e a morte de Cobain.

O filme será baseado no livro, não autorizado, "Heavier Than Heaven: A Biography of Kurt Cobain", de Charles Cross. O argumentista Robert Munic foi escolhido para desenvolver o guião. Em entrevista ao Hollywood Reporter, Munic afirmou que tendo em conta que a audiência da WB é maioritariamente jovem, "o filme não terá um formato tradicional". O guionista declarou que o filme "não terá um seguimento linear, terá flashes de partes diferentes da vida de Kurt, fora de uma lógica cronológica".

De acordo com a direcção da cadeia de televisão, o filme vai dar relevo a aspectos da vida de Kurt Cobain como momentos de depressão, o abuso de drogas e o seu casamento com Courtney Love. A WB avançou que o suicídio do músico será uma das cenas finais do filme, e que será tratada com especial cuidado. Até ao momento não foram revelados os nomes do realizador, nem dos actores que interpretarão Kurt Cobain e Courtney Love.

O anúncio deste filme surge na altura em que se celebra o 10º aniversário da morte do vocalista dos Nirvana. O pai do movimento grunge recuperava de uma overdose, quando a 1 de Abril de 1994 desapareceu da clínica onde estava internado. A 5 de Abril, aos 27 anos, Kurt Cobain foi encontrado morto na sua casa em Seattle.



Kurt Cobain, líder carismático da banda de grunge Nirvana, agora em tele-filme

Dois meses sem pornografia

A indústria pornográfica californiana vai encerrar durante dois meses. Resultados positivos em análises ao VIH dão origem a avultados prejuízos.

A máquina de filme pronográfica deste estado norte-americano está sediada no Vale San Fernando e gera anualmente entre quatro e 13 mil milhões de dólares.

As análises realizadas a um actor e uma actriz pornográficos mostraram que estes se encontram infectados com VIH. Assim, a indústria pornográfica californiana será encerrada durante dois meses para que se proceda ao rastreio da infecção.

Há vários anos que a Fundação Adult Industry Medical Healthcare assegura a realização de testes de VIH aos actores, todos os meses. Actualmente, são cerca de 80 os actores e as actrizes que agora se deslocam à fundação para efectuar estes exames.

Neste período de dois meses, serão analisados todos os companheiros de trabalho dos actores pornográficos em causa e as suas segundas relações. Estão também impedidos de trabalhar no ramo habitual, por questões de saúde pública.

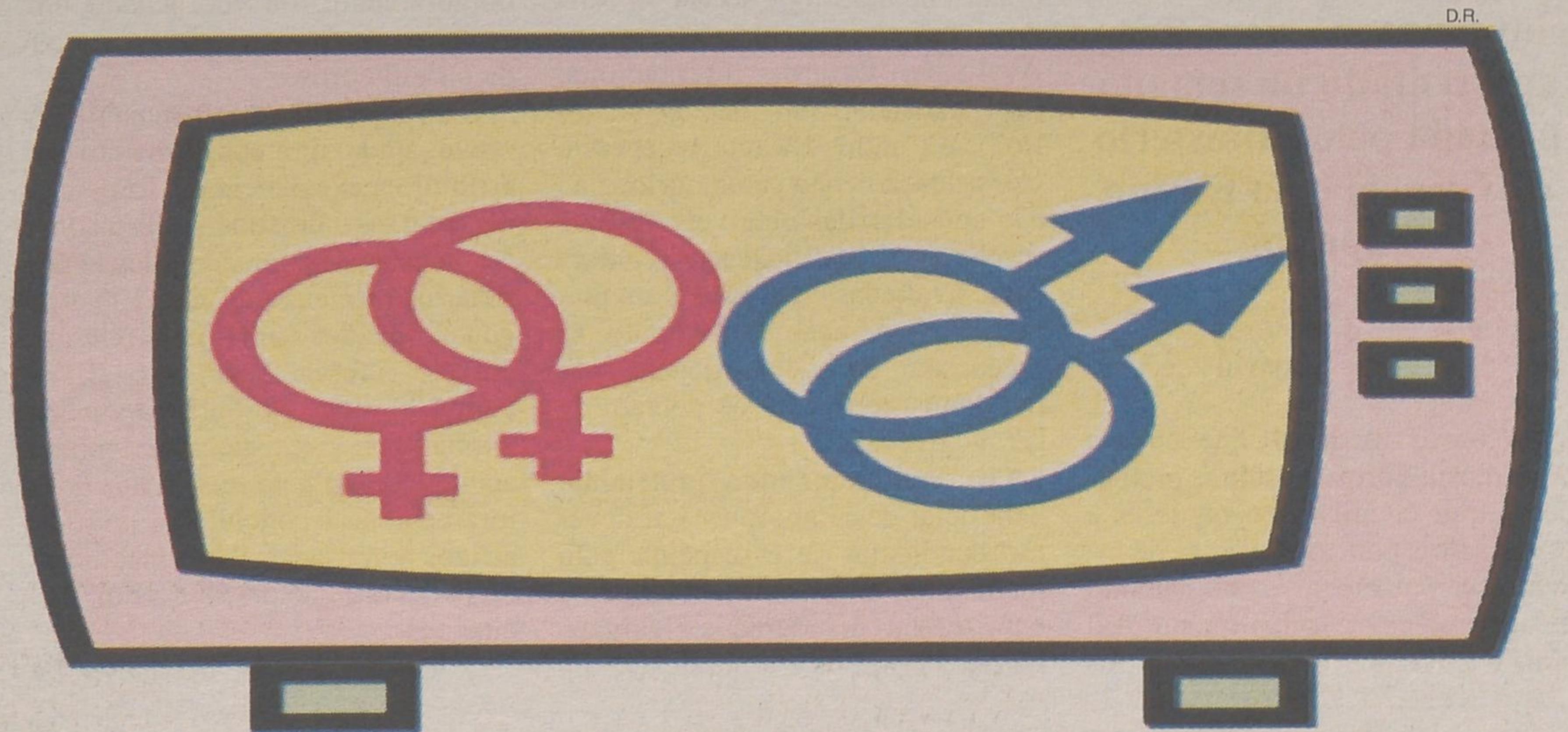
A indústria pornográfica americana sofreu outro escândalo idêntico em 1999 quando a infecção causada pelo VIH foi diagnosticada a um actor. Este sector do cinema americano foi atacado também pelo Departamento de Justiça que, pela primeira vez numa década, processou por obscenidade dois produtores.

Novo canal gay e lésbico

Está a ser preparado o primeiro canal de televisão gay do mundo. A Here!TV vai começar a emitir via satélite a 1 de Outubro nos Estados Unidos. O canal terá uma programação de 24 horas por dia, sete dias por semana, que contará com filmes e séries originais.

Este novo canal foi fundado por Paul Colichman e Stephen P. Jarchow, directores da galardoada produtora cinematográfica Regent Entertainment. Alguns dos filmes que produziram foram nomeados para os Óscares da Academia das Artes e Ciência de Hollywood. Outros dos seus filmes ganharam mesmo um Óscar e um globo de ouro, como é o caso de "Gods and Monsters". Os executivos declaram no seu site que a Here!TV "oferece uma nova programação para públicos gays e heterossexuais que estejam interessados nas temáticas e nos talentos da nova estação". A Here!TV será mais um dos canais da cabo em regime de pay-per-view e terá ainda um sistema de vídeo-on-demand.

Sediada em Los Angeles, a nova estação de televisão propõe-se a produ-



Comunidade gay e lésbica passa a ter canal próprio nos Estados Unidos já a partir de Outubro

zir 200 horas de programação original anualmente. Além disso, vai avançar com 12 filmes originais e quatro novas séries televisivas. Em preparação está, por exemplo, a série "Dante's Cove". Este será um thriller de terror gay e lésbico que está de momento a ser gravado nas Caraíbas. Outra série

em produção, "Weapons of Mass Destruction", será a primeira a ter uma heroína lésbica. Cynthia Rothrock será a estrela de um enredo de espionagem.

Estão já em preparação também alguns filmes que prometem mexer com as comunidades americanas. Nomeadamente o filme "Deadly Skies", que

visa a presença de homossexuais entre as forças militares, enquanto se tenta salvar o mundo de um asteróide assassino. Outro dos filmes que promete gerar controvérsia é "Too Cool for Christmas" uma história de Natal sobre um adolescente e os seus dois pais (ambos homens).



IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

Manhã do dia 5 de Março. A janela, ampla, luminosa, de onde se pode observar o incessante movimento de pessoas e veículos na cidade cinzenta, humedecida pela chuva que vai caindo enquanto tu dormes de uma forma profunda, abraçada à tua manta, quente, macia, terna, com um doce aroma de café na pele que eu vou beijando com delicadeza, suavemente, para não te acordar. Os meus dedos percorrem as tuas costas, lentamente, até chegarem aos ombros, massajando-os de seguida. O teu sono permanece imperturbável. Parece estar a sorrir! O que estás a sonhar? Onde se encontram esses teus olhos negros e brilhantes? Posso ir ter contigo? Talvez... Releio mensagens desprendidas no tempo, religiosamente guardadas numa caixa de sapatos por debaixo da cama. E anoto coisas especiais no meu caderno... As tuas palavras, que transcreves directamente da

alma para o papel! A tua barriga, é linda! As tuas mãos! A tua naturalidade, nos actos e palavras! Os beijos suaves, quase transparentes, que me dás no pescoço! A enorme atenção que me dedicas! As surpresas que me fazes! O teu perfume! Por vezes o sol incide com tal intensidade nos nossos sensíveis olhos, que nem nos apercebemos bem da sua beleza e do quão bem ele nos faz... sem o sol é impossível viver. Sinto-me feliz pela tua atitude, obrigada! Senti que tudo poderia ser melhor e mais perfeito! Adoro-te! Adoro-te imenso! Beijos! Lá fora, na rua, a vida continua, indiferente. Os cafés e as lojas estão abertos, os jornais do dia estão à venda, os autocarros atrasam-se no trânsito. Mas aqui em cima sinto-me protegido e acarinhado. E acabo por adormecer contigo. A felicidade é um poderoso soporífero. "Saudades! Sim... talvez... e porque não?..."



Nova organização para I&D

As unidades de Investigação e Desenvolvimento (I&D) vão ter uma nova organização. A classificação vai fazer-se de acordo com o número de doutorados que a constituem e o tipo de investigação a que se dedicam. Assim, os grupos de I&D devem possuir um elevado desempenho na área de investigação a que se dedicam e integram no mínimo sete doutorados. Os centros e institutos de I&D possuem um carácter multidisciplinar e de interesse público, sendo que os centros devem integrar um mínimo de 15 doutorados e os institutos 40. As unidades I&D serão financiadas de acordo com o tipo de classificação que possuam.

As unidades de I&D encontram-se avaliadas até 2005, pelo que o tipo financiamento previsto na reforma só será aplicado a todas as unidades I&D a partir de Janeiro de 2006. No entanto, as unidades I&D podem requerer novo modelo de financiamento a partir de Janeiro de 2005, através de um pedido directo à Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O pedido deverá ser bem fundamentado. As unidades I&D poderão ainda beneficiar deste tipo de financiamento já no próximo ano, se adquirirem o estatuto de laboratórios associados. O concurso para obtenção do estatuto de laboratório associado vai estar aberto entre 15 de Setembro e 30 de Outubro de 2004.

O plano de financiamento dos laboratórios associados é o mesmo que o das unidades I&D, mas estes vão ter um reforço financeiro para contratação de doutorados.

O novo modelo de financiamento encontra-se disponível para consulta no site do ministério da Ciência e do Ensino Superior até 30 de Abril.

Governo incentiva cientistas

Promover a investigação e a cultura científica em Portugal é o objectivo do novo modelo de financiamento à investigação científica, apresentado na semana passada pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior

Lurdes Lagarto

As novas medidas, que entram em vigor a partir de Julho, pretendem atrair cientistas portugueses e estrangeiros para as unidades de investigação nacionais, combatendo a fuga que existe actualmente. Assim, o governo vai financiar a in-

vestigação científica dos doutorados de modo a que fiquem no país, ou regressem, em vez de optarem por desenvolver o seu trabalho no estrangeiro.

A base de financiamento das entidades de investigação vai ser feita de acordo com a classificação da Avaliação Externa Internacional (de "excelente" a "não satisfatório"). As entidades que receberem classificação "não satisfatório" não são consideradas elegíveis. As que receberem classificação "regular" serão avaliadas com vista a um plano de recuperação. No entanto, se receberem essa classificação por dois anos consecutivos deixam de ser elegíveis.

Os doutorados que pretendam beneficiar deste apoio estatal deverão candidatar-se e respeitar pelo menos um dos critérios exigidos para serem considerados elegíveis. Um dos critérios é a publicação de

pelo menos quatro artigos em revistas científicas referenciadas no Institute of Science Information (ISI). Também serão considerados elegíveis os cientistas que tenham orientado uma ou mais teses de doutoramento, ou coordenado um projecto de investigação no valor de 60 mil euros.

O novo modelo de financiamento prevê ainda um complemento de estímulo à excelência e à formação de recursos humanos qualificados. Neste caso, são considerados beneficiários os cientistas com 100 artigos publicados em revistas internacionais referenciadas pelo ISI e com 200 citações. Serão apoiados também os cientistas que tenham acompanhado pelo menos dez doutoramentos já concluídos, com 50 artigos em revistas internacionais reconhecidas pelo ISI e com 100 citações.

O complemento destina-se a

portugueses e estrangeiros radicados ou que se venham a radicar numa instituição portuguesa. No caso de um cientista português a trabalhar no estrangeiro que regresse para se radicar numa instituição portuguesa, o suplemento sofre um acréscimo de 100 por cento. Ao fim de dois anos o investigador pode pedir novo suplemento, devendo para tal enviar a lista com os novos artigos publicados e os novos doutoramentos orientados.

Os candidatos deverão enviar a lista de artigos e citações e de doutoramentos acompanhados, assim como o nome da entidade a que estão vinculados, para a Fundação para a Ciência e a Tecnologia até 1 de Junho de cada ano. O financiamento começa a 1 de Julho e em cada semestre serão pagos 25 por cento da verba. A reforma conta com 472 milhões de euros a ser aplicados até 2006.

FESTIVAL SANTOS DA CASA 2004

22/04 - IPJ - 21.30

25/04 - 21.30
C. Norton de Matos
LOTO gomo

30/04 - 19h
Corredor da RUC
01/05 - 19h
TWILIGHT GARDEN

bunnyranch

info: santosdacasa@ruc.pt
design: hfe

RUC
www.ruc.pt

IPJ
Instituto Português da Juventude

agitar
estúdio

CNM
CENTRO NORTON DE MATOS

SABUE

santosdacasa.blogspot.com

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

TERÇA-FEIRA
4 DE MAIO DE 2004
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO N.º 113

UMA NOVA EUROPA

Ensino superior tem facetas múltiplas na Europa a 25

A entrada de dez novos países na União Europeia no passado sábado representa o maior alargamento de sempre na história da organização, e comporta novos desafios para aquele que é agora o maior mercado mundial. Para além das divergências sociais e económicas que agora se acen-

tuam, também na educação as realidades são bem diferentes. Contudo, a meta para a harmonização dos sistemas de ensino europeu, marcada para 2010, aproxima-se a passos largos.

Mas nem só de alargamento vive a Europa. As eleições europeias realizam-se em Junho nos vá-

rios Estados-Membros. Portugal não é excepção, com os partidos nacionais a esgrimirem argumentos e a mostrarem os seus candidatos antes daquela que vai ser a quinta vez que os portugueses escolhem os seus representantes para o hemiciclo europeu. **PÁG. 2 e 3, 9, 10**

D.R.



Fernando Meireles em entrevista
“O Realejo é um grande Grupo”

Hoje à noite o Realejo sobe ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente para mais um concerto na cidade do Mondego. Catorze anos depois da génese, o grupo apresenta uma musicalidade renovada, com um estilo mais forte e dançante. Em entrevista, Fernando Meireles, o fundador do grupo, fala das dificuldades em manter os sons tradicionais portugueses, da realidade da sanfona enquanto objecto musical com origens na Península Ibérica e de um projecto que ainda continua a ser rigoroso e preciso. As histórias de um homem que se divide entre a música que faz e os instrumentos que constrói.

PÁG. 19

Reportagem

Estudantes bebem para se integrarem

Se é verdade que “beber um copo” é um acto social, frequente para muitos em qualquer altura do ano, é também verdade que, o aproximar da Queima das Fitas é proporcional ao aumento do consumo de álcool. Tendo em conta os perigos que o consumo excessivo e pontual de bebidas alcoólicas pode causar, A CABRA põe especialistas e estudantes a “soprar o balão”

PÁGS. 12 E 13

Académica: Objectivo adiado

Académica foi derrotada em Braga no domingo e guarda tudo para o último jogo, ante o Estrela da Amadora. A manutenção continua, no entanto, a depender somente da equipa de João Carlos Pereira. **PÁG. 15**

Pediátrico pronto em 2007

Concurso público internacional para as obras do novo Hospital Pediátrico foi apresentado durante a semana passada. A construção do novo complexo hospitalar deve começar até ao final do ano, afirmam os responsáveis. **PÁG. 8**

SUMÁRIO

Destaque	2	Reportagem	12
Opinião	4	Ciência	14
Academia	5	Desporto	15
Universidade	6	Cultura	18
Cidade	8	Artes Feitas	20
Nacional	9	Agenda	22
Internacional	10	Vinte&três	23

